

FREDERICO LOURENÇO

A
ILÍADA
DE *adaptada
para jovens*
HOMERO



claroenigma

DADOS DE ODINRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [eLivros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O [eLivros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [eLivros](#).

Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar [Envie um livro](#)

;)

Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, [faça uma doação aqui](#) :)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

eLivros.love

Converted by [convertEPub](#)

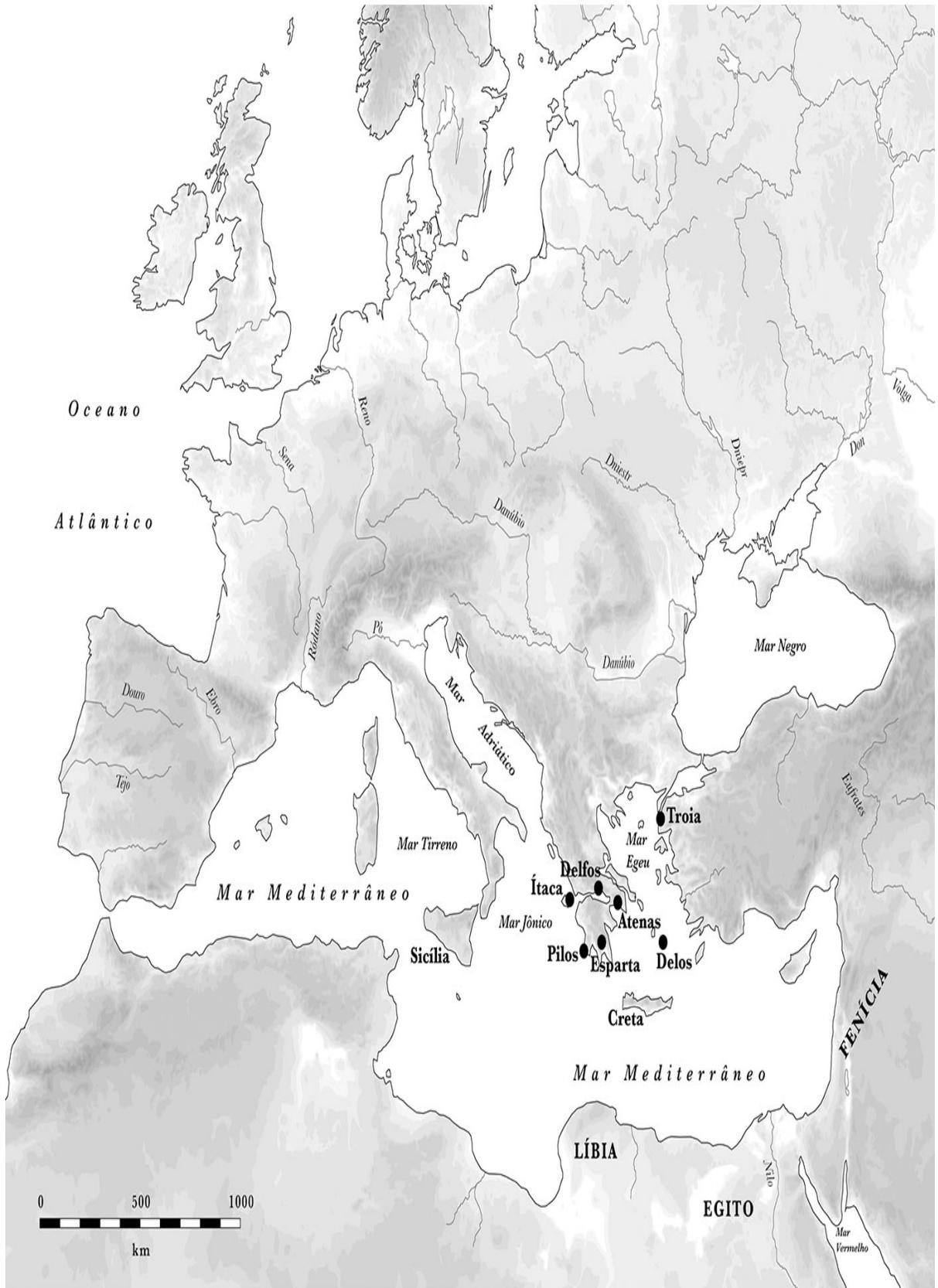
A Ilíada de Homero
adaptada para jovens



Frederico Lourenço

Ilustrações de
Richard de Luchi

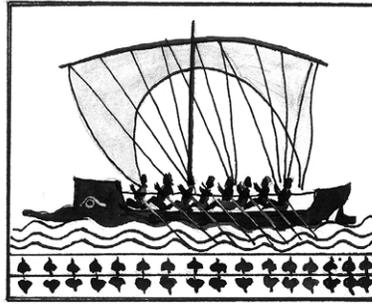
claroenigma



Sumário

1. O conflito
2. O sonho
3. O duelo
4. O erro de Pândaro
5. Diomedes combate os deuses
6. Cenas de família em Troia
7. Zeus proíbe os deuses de combater
8. Na tenda de Aquiles
9. Uma emboscada noturna
10. O engano de Zeus
11. A morte de Pátroclo
12. As armas de Aquiles
13. Aquiles regressa à guerra
14. A morte de Heitor
15. Honras fúnebres

Posfácio



1. O conflito

No começo do tempo, de ouro era a raça dos homens na terra. Eram como deuses, viviam sem desgraças, não sabiam o que era o sofrimento. Não envelheciam e, se um dia morriam, a morte não era mais que um suave adormecer. A primavera durava centenas de anos, e a terra oferecia frutos abundantes; não era preciso trabalhá-la. A vida tinha o brilho da felicidade permanente, e a morte era, também ela, feliz.

Mas o tempo, a que tudo está sujeito, determinou que depois dessa raça viesse a raça de prata. Agora já havia primavera e verão, mas os homens eram piores do que os anteriores. Os homens dessa raça tinham uma infância de cem anos; mas, depois de adultos, viviam por pouco tempo. Eram vaidosos e inconscientes: o que mais lhes importava era verem-se no espelho dos objetos que fabricavam, feitos de prata. Por sua própria loucura sofreram desgraças e entre si mostraram arrogância desmedida.

Depois que a terra cobriu essa raça, veio o inverno e a tremenda raça de bronze. Estes eram homens temíveis, que não comiam pão; alimentavam-se só de carne abundante e dedicavam-se apenas a matar. Tinham uma força imensa, eram possantes e enormes; maltratavam as mulheres e todos os mais fracos. De bronze eram as suas armas, de bronze as casas, em bronze trabalhavam (pois o

ferro ainda não existia). Mas, apesar de temíveis, a morte venceu-os: acabaram por se matar uns aos outros.

Depois dessa raça, horrível e sangrenta, veio pela primeira vez a estação do outono e com ela uma quarta raça de homens. Esta foi a raça dos heróis e semideuses. Eram atletas perfeitos e nobres guerreiros, que viviam segundo as leis da honradez. No entanto, essa raça foi vítima das armas. Todos acabaram morrendo. Envolveram-se numa guerra tão justa quanto injusta, que os levou em naus da Grécia para Troia. A causa foi Helena, que Páris, o troiano, raptara a Menelau. Ora, o rei Menelau tinha recebido Páris na Grécia, no seu palácio revestido de ouro; deu a ele gentil hospitalidade. Mas Páris ignorou as leis da honradez, pois a loucura do amor sobrepôs-se à razão. Raptou Helena do palácio do marido, e com ela navegou até Troia.

Indignados com tal ofensa, todos os gregos se uniram. Juntou-se um grande exército, que da Grécia partiu para Troia. Mil naus carregadas de armas e soldados venceram o mar e assentaram acampamento à frente de Troia, cidade riquíssima cujo rei era Príamo, pai já idoso de Páris. Durante nove anos os gregos sitiaram a cidade; durante nove anos sofreram fome, frio, privações e doenças. Mas os troianos recusavam-se a entregar Helena, que permanecia escondida no palácio de Príamo, pois receava mostrar-se aos troianos. Ela passava os dias diante do tear, tecendo uma grande e colorida tapeçaria, em que bordava a história de todos os combates que gregos e troianos por ela travavam.

Os troianos não cediam; os gregos desesperavam. Mas um dia, de repente, algo estranho ocorreu no acampamento dos gregos: os animais começaram a morrer. Os cães do acampamento, que os soldados gregos tinham se habituado a alimentar começaram a morrer; depois morreram os cavalos. Em breve começaram os

homens a morrer de doença negra e funesta. As piras dos mortos ardiam continuamente.

Vendo o que se passava, agitou-se o coração do melhor de todos os gregos; ao ver as mortes de cavalos e homens, Aquiles reagiu depressa. Logo tratou de convocar uma assembleia, chamando todos os reis gregos que tinham vindo para Troia. Convocou Menelau, o primeiro marido de Helena, e Agamêmnon, irmão de Menelau, que chefiava a expedição dos gregos. Convocou Ulisses, rei de Ítaca, conhecido pela inteligência das suas artimanhas; convocou os grandes guerreiros Ajax e Diomedes, assim como o distinto ancião, o velho Nestor, o mais sábio de todos quantos tinham vindo para Troia. Não se esqueceu de convocar o ilustre adivinho, Calcas, que sabia ler a vontade dos deuses, pois só ele podia dizer se havia uma razão que explicasse a epidemia que tudo matava no acampamento. E Calcas soube explicá-la.

Mas a razão da epidemia não agradou a Agamêmnon. Era tudo por causa da bela Criseida, cativa de guerra, que ele se recusara a entregar ao pai. É que, na impossibilidade de saquear a cidade de Troia, ao longo dos nove anos em que estiveram acampados, os gregos conquistaram as cidades vizinhas, de onde levavam as mulheres para serem suas escravas. Era o que tinha acontecido a Criseida, de quem Agamêmnon acabou se enamorando.

O adivinho, na assembleia, lembrou o seguinte: o pai de Criseida era sacerdote de Apolo. Ele tinha vindo, havia poucos dias, ao acampamento dos gregos, carregado de ouro e prata, para resgatar a filha e levá-la de novo para casa. Mas Agamêmnon o tinha mandado embora com palavras agressivas, dizendo-lhe com violência:

— Que eu nunca mais volte a vê-lo aqui, ó ancião! Não volte nunca mais, pois de nada lhe servirá ser sacerdote de Apolo. Não

libertarei sua filha. Ela ficará aqui comigo; e comigo irá quando eu voltar para a Grécia. Retire-se imediatamente! Não me encolerize, para partir são e salvo. Faça como eu digo, para que nenhum mal aqui lhe aconteça.

Fora assim que Agamêmnon maltratara o sacerdote de Apolo. O ancião, choroso, amedrontara-se e obedecera às palavras ouvidas. Caminhou em silêncio junto da praia do mar cheio de ondas. Depois de ter se afastado para longe, levantou as mãos e rezou ao deus Apolo:

— Ouça-me, Senhor do Arco de Prata! Lembre-se da dedicação com que cuido do seu templo. Conceda-me agora esta dádiva: que com as suas flechas os gregos paguem as minhas lágrimas!

Assim rezou. E Apolo ouviu-o. Desceu do Olimpo, morada eterna dos deuses, com o coração agitado de ira. Nos ombros trazia o arco e a aljava. Chegou ao acampamento como chega a noite. O deus sentou-se depois a uma pequena distância e disparou uma seta: terrível foi o som produzido pelo arco de prata. Primeiro atingiu os cães e os cavalos. Depois começou a disparar contra os homens, que logo morriam de doença horrível. Era essa a causa da epidemia.

Assim que o adivinho deu a sua explicação, Agamêmnon levantou-se furioso na assembleia. Tinha o coração cheio de negra raiva, e os olhos pareciam fogo faiscante. Com olhar maldoso, foi ao adivinho Calcas que ele dirigiu a palavra:

— Adivinho de desgraças, nunca profetizou em meu benefício! Aquilo de que mais gosta é profetizar sofrimentos! Nunca uma palavra benfazeja saiu da sua boca. Agora diz que foi por minha causa que Apolo trouxe esta desgraça, porque não aceitei o resgate pela minha serva Criseida. Ouça então o que lhe digo: se isso salvar o exército, estou disposto a restituir Criseida ao pai, já que isso é no

interesse de todos. Mas só o farei na condição de me darem outra serva, pois todos veem como estou sendo prejudicado.

Logo se levantou Aquiles, indignado, que deu ao rei esta ousada resposta:

— Glorioso Agamêmnon, mais ganancioso de todos os homens! Como quer que nós lhe demos uma serva? Acha que há aqui algum fundo comum, cheio de servas que ficaram por distribuir? Todos os despojos das cidades saqueadas já foram repartidos. Restitua agora Criseida ao pai dela. E nós lhe daremos uma recompensa três vezes mais valiosa, quando Zeus nos permitir saquear Troia.

Mais irado ainda lhe respondeu Agamêmnon:

— Não pense em enganar-me, ó Aquiles! O que quer é passar à minha frente. Mas isso você não fará, pois em primeiro lugar estou eu. Quer ficar com a sua serva, forçando-me a ceder a minha? Era o que faltava! E se nenhum de vocês quiser me dar recompensa condigna, irei a uma de suas tendas e de lá tirarei aquilo que quiser.

Com o sobrolho carregado, respondeu-lhe então Aquiles:

— Não tem vergonha de só pensar no seu proveito? Como quer que alguém o respeite, como quer que alguém lhe obedeça? Sobretudo, quando estamos todos sofrendo por sua causa, sofrendo por você e pelo seu irmão. Eu, de minha parte, não tenho nada contra os troianos, pois a mim eles em nada me ofenderam. Nunca me levaram bois ou cavalos, nem jamais na minha pátria, na fértil Ftia, prejudicaram as colheitas, pois é grande a distância e muitos obstáculos há no meio: montanhas sombrias e o mar retumbante. Nós o seguimos até Troia para beneficiarmos Menelau; é por sua causa que combatemos os troianos. Mas nisso você não quer pensar. E ameaça vir você mesmo tirar-me o prêmio, pelo qual tanto me esforcei pelos gregos. Nunca recebi prêmios como os seus, das vezes que saqueamos as cidades aliadas dos troianos. A maior

responsabilidade na guerra tenho eu de assumir; mas quando chega o momento da distribuição dos prêmios, você fica com a maior parte, e eu com coisa pouca. Não, recuso-me a ficar aqui nessas condições. Amanhã voltarei para a Ftia com as minhas naus, pois não estou disposto a ficar aqui, a acumular tesouros para você.

Logo de imediato lhe deu Agamêmnon esta resposta amarga:

— Fuja da guerra, se é isso que quer! Não serei eu a pedir-lhe que fique por minha causa. De todos os reis gregos, você é para mim o mais odioso. Aquilo de que você gosta são conflitos e disputas. Mas vá, volte para sua casa com as suas naus e os seus companheiros, pois não quero saber de você, nem me interessa a sua ira. Mas isto fique já sabendo: assim como Apolo me tira a minha serva, irei à sua tenda tirar a sua, para que perceba finalmente que estou acima de você. Que doravante ninguém se atreva a declarar-se meu igual e comparar-se a mim na minha presença!

Quando Aquiles ouviu essas palavras, apoderou-se dele uma dor terrível. Hesitou. Conseguiria desembainhar a espada e matar Agamêmnon ou seria capaz de acalmar a ira e refrear o coração? Enquanto pensava no que fazer, tirando com a mão a espada da bainha, apareceu de repente a deusa Atena, vinda do Olimpo, visível apenas para ele. A deusa segurou o cabelo loiro de Aquiles, que se virou para trás, espantado. Ela lhe disse então estas palavras:

— Desci do céu para refrear sua fúria. Desista do conflito, não tire a espada. Insulte-o com palavras, tanto quanto quiser. No futuro, oferendas ainda mais valiosas serão trazidas a você, por causa da arrogância dele.

Assim falou a deusa e logo partiu para o céu. Aquiles repôs a espada, tal como lhe dissera Atena, e virou-se de novo para

Agamêmnon. Falou-lhe com palavras agressivas e carregadas de raiva:

— Você é um bêbado, um cão, um covarde! É vil e reles, e sua alma não tem uma gota de nobreza! Combater a sério, no furor da batalha, isso é coisa que nunca fez nem quis fazer. Muito mais agradável é ir pelo exército, arrancando os bens de quem levanta a voz para você. Rei predador do próprio povo, é sobre um exército de nulidades que você reina. Se assim não fosse, ó Agamêmnon, esta seria a sua última insolência.

Aquiles aproximou-se rapidamente do arauto, que segurava o cetro do rei, e arrancou-lhe o cetro das mãos. Depois disse:

— Vê este cetro? Vê como nunca mais voltará a dar folhas? É por ele que farei este enorme juramento. Não voltarei a combater. Mas um dia os gregos vão precisar de mim. E nesse dia você não poderá socorrê-los, visto que não vale nada. Verá todos os gregos caindo chacinados, nas mãos do grande Heitor, filho de Príamo, homem muito mais nobre que você. E nesse dia você se morderá todo de raiva e remorso, porque não honrou o melhor dos gregos, que sou eu.

Assim falou Aquiles, atirando o cetro ao chão. Quanto a Agamêmnon, continuava lívido de fúria, mas não se atrevia a enfrentar Aquiles, com medo de que ele se descontrolasse por completo e o matasse. Foi então que entre eles se levantou Nestor, o límpido orador, velho monarca de Pilos. De sua boca fluíam palavras doces como mel. Duas gerações de homens ele já vira morrer; e agora reinava sobre uma terceira. Bem-intencionado, assim se dirigiu à assembleia:

— Ah, como é grande a desgraça da Grécia! Na verdade, quem tem a ganhar com estas disputas são os troianos. Muito se alegrariam Príamo e seus filhos se soubessem o que está se

passando aqui. Agora ouçam a mim, pois sou mais velho e na vida já vi muita coisa. Conheci homens de outras gerações, mais fortes do que vocês, e nunca esses homens me desconsideraram. Portanto, ouçam agora o meu conselho. Não queira, ó Agamêmnon, tirar a serva de Aquiles; pois foi a ele que os gregos deram esse prêmio. Quanto a você, ó Aquiles, não procure conflitos com o rei, pois devemos honrar os reis, o poder deles vem de Zeus. Sabemos que é mais forte, pois é filho de uma deusa. Mas ele é mais poderoso, porque reina sobre mais súditos. Agamêmnon, abandone a sua cólera contra Aquiles, pois todos precisamos dele como forte baluarte na guerra.

Mas Agamêmnon não se deixou convencer. Respondeu assim a Nestor:

— Aquele homem quer estar sempre acima dos outros, quer prevalecer sobre todos. Todos sabemos que ele é um grande guerreiro, mas isso lhe dá o direito de nos insultar?

Aquiles interrompeu-o e disse estas palavras:

— Só se eu fosse um covarde e uma nulidade é que lhe daria alguma consideração. Aos outros, dê as suas ordens, mas não pense mandar em mim, pois decidi nunca mais lhe obedecer. E ouça mais isto que tenho para declarar: não levantarei as mãos por causa da serva, visto que me tira algo que me foi dado. Mas dos meus outros bens, que estão junto da minha nau, desses você nada levará contra a minha vontade. Se tentar, rapidamente da minha lança correrá o seu sangue.

Pararam finalmente de se injuriar com palavras violentas, e a assembleia dispersou-se perto da praia onde estavam as naus. Aquiles dirigiu-se às suas tendas, na companhia de Pátroclo, seu melhor amigo e companheiro.

Por seu lado, Agamêmnon lançou ao mar uma nau veloz. Escolheu vinte remadores e embarcou nela a bela Criseida. Como comandante foi o ardiloso Ulisses, que se responsabilizou por entregar a donzela ao pai. Este recebeu a filha com alegria e rezou ao deus Apolo:

— Ouça-me, Senhor do Arco de Prata! Tal como antes deu ouvidos à minha prece e, para me vingar, dizimou a hoste dos gregos, também agora faça que se cumpra isto que peço: afaste dos gregos a pestilência repugnante.

Assim rezou e Apolo ouviu-o. A terrível epidemia chegou ao fim.

Agamêmnon, porém, não desistiu da ameaça que fizera e chamou até ele dois arautos, a quem ordenou que fossem à tenda de Aquiles tirar-lhe a serva, uma jovem bonita cujo pai era Briseu e, por isso, lhe chamavam Briseida. Os arautos obedeceram a Agamêmnon, ainda que contrariados, e caminharam cabisbaixos ao longo da praia do mar cheio de ondas. Chegaram às naus e às tendas dos mirmidões, o povo de que Aquiles era rei. Encontraram-no sentado na companhia de Pátroclo, junto da sua tenda, mas não se atreveram a dizer uma única palavra. Ficaram ali em pé, com medo do rei dos mirmidões, sem saber o que haveriam de dizer.

Aquiles, no entanto, percebeu a situação e disse-lhes:

— Aproximem-se, ó arautos, mensageiros de Zeus e dos homens. A culpa não é sua, mas de Agamêmnon, que aqui os manda para levarem Briseida. Que assim seja. Caro Pátroclo, vá lá dentro e traga a serva para eles levarem. E que eles sejam agora testemunhas perante Zeus e todos os deuses: não voltarei a combater, nem que todos os gregos sejam chacinados pelos troianos.

Assim falou; Pátroclo obedeceu ao companheiro e trouxe da tenda a bela Briseida, dando-a aos arautos para eles a levarem. Briseida chorava, pois, apesar da servidão, afeiçoara-se a Aquiles e não queria ir para a tenda de Agamêmnon. Mas os arautos levaram-na, muito contrariada.

Mal eles se afastaram, Aquiles rompeu em lágrimas. Foi sentar-se na praia, junto do mar, e chorou durante muito tempo, incapaz de se controlar. Mas depois olhou para o mar e levantou as mãos; e orou à mãe bem-amada, enquanto vertia lágrimas amargas.

Sentada nas profundezas do mar, na gruta subaquática que era o palácio de seu pai, a deusa Tétis ouviu a voz de Aquiles, seu filho. Rapidamente, como a névoa marinha, emergiu do mar cinzento. Sentou-se junto do filho que chorava na praia e acariciou-o com a mão.

— Meu filho, por que chora? Por que sofre dessa maneira? Fale, diga-me o que aconteceu.

Suspirando profundamente, Aquiles deu esta resposta à mãe:

— Mãe, a senhora já sabe. Para que falar a quem tudo sabe? Sabe que saqueamos uma cidade aqui perto e que de lá trouxemos ouro e servas. Mas Agamêmnon foi obrigado a restituir a serva dele, o pai dela é sacerdote de Apolo. E o rei tirou a serva que era minha, pois não queria ficar sem compensação. O que lhe peço agora é que Agamêmnon seja castigado, que sinta na pele a falta que lhe faço, pois jurei que não voltaria a combater. Vá até o Olimpo, até o palácio de Zeus, e peça a ele que favoreça os troianos na guerra e passe a prejudicar os gregos. Sei que Zeus tem uma dívida para consigo: só a senhora o defendeu naquele dia em que os outros deuses se revoltaram contra ele. Peça-lhe que favoreça os troianos, para que Agamêmnon perceba que devia ter honrado o melhor dos gregos.

Ao ouvir as palavras do filho, também Tétis começou a chorar.

— Ah, meu filho! Por que dei você à luz, amaldiçoada, por que o criei? Quem me dera que pudesse viver sem lágrimas e sem sofrimento, visto que curta é sua vida, sem duração! Está destinado que seja breve sua vida e mais do que todos os outros sofrerá. Mas como sei que demovê-lo é coisa que não conseguirei, farei sua vontade e irei ao palácio de Zeus. Julgo poder convencê-lo. Os homens sofrem, os deuses condoem-se, mas todos estamos sujeitos ao destino.

No dia seguinte, Tétis não esqueceu o que prometera ao filho. Emergiu de manhã cedo da onda do mar e subiu até o céu, ao Olimpo. Encontrou Zeus sentado longe dos outros deuses, no píncaro do Olimpo de muitos cumes. Sentou-se junto dele e com a mão esquerda lhe agarrou os joelhos, enquanto com a direita tocava no queixo do deus; pois era esse o gesto tradicional de súplica. Depois falou a Zeus nos seguintes termos:

— Zeus, se alguma vez o auxiliiei com palavras ou atos, faça que se cumpra esta minha prece: honre o meu filho, que está destinado a uma vida curta. O rei desonrou-o, tirando-lhe o prêmio que era dele. Castigue agora Agamêmnon, dando a vantagem aos troianos na guerra, para que os gregos percebam o que devem ao meu filho.

Assim falou a mãe de Aquiles. Mas Zeus não lhe deu resposta. Ficou sentado durante muito tempo em silêncio. Tétis, que continuava a agarrar-lhe os joelhos, disse então:

— Prometa o que peço e, em sinal da sua promessa, incline a cabeça. Ou então recuse, pois ninguém pode forçá-lo a nada, para que eu saiba que de todos os deuses sou aquela que menos considera e estima.

Zeus respondeu-lhe a contragosto:

— É triste aquilo em que me lança, pois provocará com Hera um amargo conflito: ela que já me acusa de favorecer os troianos na guerra. Agora peço que se retire discretamente, para que Hera não a veja. Refletirei como cumprir o que me pede. Inclinarei agora a cabeça para que acredite, pois da minha parte esta é a maior garantia entre os deuses imortais. Nenhuma palavra por mim confirmada ao inclinar a minha cabeça é revogável ou falsa.

Assim falou Zeus, inclinando a cabeça de escuros cabelos azuis. As madeixas imortais moveram-se, e o alto Olimpo tremeu. Tétis saltou do Olimpo coberto de neve para o mar profundo. E Zeus dirigiu-se para o seu palácio.

À sua entrada, todos os deuses se levantaram; nenhum ousou ficar sentado. Zeus sentou-se no seu trono. Porém, a visita de Tétis não tinha passado despercebida a Hera. Logo falou a Zeus com palavras mordazes:

— Quem foi a deusa que há pouco se aconselhou com você? Você gosta muito de me manter afastada e não me confia nada de livre vontade.

O pai dos homens e dos deuses deu-lhe esta resposta:

— Hera, não pense que alguma vez conseguirá compreender meus pensamentos. Portanto, não me faça perguntas nem procure saber o que vai no meu espírito.

Hera, a deusa rainha dos olhos grandes, exclamou:

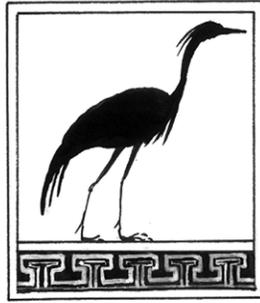
— Filho de Crono, o que disse? Nunca no passado tive o hábito de lhe perguntar o que quer que fosse, mas sempre descansado você pôde planejar o que bem quis! Meu receio é este: que Tétis tenha procurado influenciá-lo, levando-o a favorecer os troianos, para assim honrar Aquiles.

Zeus, o deus das nuvens, respondeu assim à mulher:

— Se o caso é como diz, é porque foi essa a minha decisão.

Assim falou; e Hera ficou sentada em silêncio, tentando controlar as emoções no coração.

Os deuses banquetearam-se durante todo o dia, até o pôr do sol; e nada lhes faltou naquele festim, nem mesmo a lindíssima lira, tocada por Apolo, nem mesmo o canto das musas, que entoaram um canto alternado, respondendo umas às outras com voz maravilhosa. Quando desceu a luz brilhante do sol, cada um foi para seu palácio descansar. Zeus também deitou-se no seu leito; e ao seu lado dormiu Hera, deusa do trono de ouro.



2. O sonho

Os outros deuses e os homens dormiram toda a noite. Só Zeus não conseguiu dormir, porque ponderava no seu espírito como poderia cumprir o que Tétis lhe pedira. Acabou decidindo enviar a Agamêmnon um sonho enganador.

Agamêmnon dormia em sua tenda e começou a sonhar que o velho Nestor, uma das poucas pessoas por quem tinha respeito, falava com ele. No sonho, Nestor dizia-lhe o seguinte:

— Está dormindo, Agamêmnon, mas na verdade devia estar acordado. Pois hoje conseguirá conquistar a cidade de Troia, visto que os deuses já tomaram essa decisão. Não esqueça estas palavras quando acordar.

Agamêmnon acordou e sentiu à sua volta como que uma presença divina. Percebeu que o sonho viera de Zeus e acreditou nas palavras sonhadas. Convenceu-se de que nesse dia tomaria a cidade de Príamo! Insensato, pois não imaginava as desgraças que Zeus planejava, sentou-se na cama e vestiu a bela túnica macia de recente urdidura; sobre o corpo atirou uma capa; nos pés, calçou as belas sandálias. Aos ombros lançou uma espada cravejada de prata e tomou o cetro paterno, imperecível, com o qual se dirigiu às naus dos gregos.

Nesse momento, subiu a Aurora ao alto Olimpo para anunciar a luz a Zeus e aos outros imortais. Logo, Agamêmnon ordenou aos arautos de voz penetrante que chamassem os gregos para uma assembleia geral de todo o exército. Mas, antes da reunião geral, encontrou-se primeiro com o Conselho dos Anciãos junto da nau de Nestor, o rei nascido em Pilos. Depois de reuni-los, declarou o seguinte:

— Ouçam-me, amigos! Esta noite tive um sonho enviado pelos deuses. Parecia-me que Nestor falava comigo, dizendo que hoje seria possível conquistar a cidade de Troia. Mas, antes de nos lançarmos ao combate, primeiro vamos pôr à prova o nosso exército. Vou dar ordem para voltarmos para a Grécia, vamos ver como reagem! Nós, os reis, devemos conter e disciplinar a ralé. Veremos o resultado!

Tendo assim falado voltou de novo a sentar-se. Entre eles se levantou o sábio Nestor, ele que era rei da arenosa Pilos. Embora desconfiado do que dissera Agamêmnon, disse estas palavras à assembleia:

— Ó amigos, regentes e comandantes dos gregos! Se qualquer outro tivesse relatado esse sonho, iríamos considerá-lo um engano. Mas, tratando-se de Agamêmnon, temos de lhe dar crédito. Vejamos agora então como reage o nosso exército.

Assim falando, foi o primeiro a retirar-se da assembleia. Todos os outros também se levantaram e seguiram a sugestão de Agamêmnon. A grande massa do exército começava a movimentar-se, todos simultaneamente, em grandes grupos.

Tal como as abelhas se lançam de uma rocha côncava, saindo uma atrás da outra sem cessar, e esvoaçam em enxames sobre as flores da primavera — assim das naus e das tendas muitas tribos de gregos marchavam em frente pela areia funda, em grupos, até a

assembleia. Entre eles, lavrava como fogo o Rumor, mensageiro de Zeus, impelindo-os a se reunirem.

Só se via agitação turbulenta, e a terra gemeu sob o peso dos homens sentados na assembleia! Ouviam-se berros, e nove arautos, com seus gritos, tentavam conter os soldados, para que parassem de berrar e ouvissem os reis. Foi difícil sentar aquele povo todo, mas finalmente conseguiu-se. Levantou-se então o rei Agamêmnon, segurando o cetro que herdara do pai. Esse cetro tinha sido fabricado pelo deus Hefesto, que o dera a Zeus, que por sua vez o deu ao deus Hermes; este o deu a Pêlops, avô de Agamêmnon; e Agamêmnon herdara-o do pai, Atreu. Era esse cetro que lhe dava o domínio sobre muitas ilhas e sobre toda a região de Argos, na Grécia.

— Ó amigos, gregos, heróis! Grandemente me iludiu Zeus com grave engano, deus implacável!, que antes me prometera que seria eu a saquear Troia de belas muralhas. Mas agora manda-me voltar sem glória para a Grécia, depois de termos perdido tantos camaradas e amigos. É assim o bel-prazer de Zeus de supremo poder: sua é a força máxima. E não tenham dúvidas! Esta é uma vergonha de que ouvirão falar os vindouros: que em vão uma hoste tão numerosa e valorosa de gregos se envolveu numa guerra desnecessária e lutou contra troianos em menor número, sem que, por fim, se visse qualquer vantagem. Neste momento, já passaram nove anos desde que aqui chegamos: das naus apodrecem as madeiras, soltam-se as amarras. Nossas mulheres e nossos filhos pequenos estão sentados nos palácios à nossa espera. Mas nossa tarefa está por cumprir — aquela que aqui nos trouxe. Por isso, façamos como eu digo e obedeçamos todos: fujamos com as naus para a nossa amada Grécia, pois não tomaremos Troia, a cidade de amplas ruas.

Assim falou; e todos sentiram no coração uma agitação enorme. Começaram todos a movimentar-se, como as grandes ondas no mar alto, quando se precipitam das nuvens ventos contrários. Assim como o vento forte move uma imensa seara com a violência do seu sopro e faz vergar as espigas, a assembleia foi posta em movimento. Aos berros, os soldados corriam em direção às naus; levantaram sob os pés uma poeira densa, e cada um chamava aos gritos pelo outro, para arrastarem as naus para o mar cintilante. Desimpediram todos os acessos e ao céu chegou a gritaria daqueles milhares de soldados, todos saudosos de casa. De debaixo das naus tiraram os suportes.

E, na verdade, os gregos teriam conseguido voltar para casa contra a vontade do destino, se a deusa Hera, observando tudo do Olimpo, não tivesse dito imediatamente a Atena:

— É assim que, para a Grécia, fugirão os gregos sobre o vasto dorso do mar? Será que vão deixar a Príamo e aos troianos aquela presunçosa, Helena? Por causa dela já tantos gregos morreram em Troia! Mas vá agora por entre o exército dos gregos. Com suas palavras, refreie cada homem; não deixe que eles arrastem as naus para o mar!

Assim falou; e Atena não lhe desobedeceu. Lançou-se veloz dos píncaros do Olimpo e rapidamente chegou às naus dos gregos. Encontrou logo Ulisses perto de sua nau, cabisbaixo, uma vez que a dor se abatera sobre o espírito e o coração. Colocando-se junto dele, assim lhe disse Atena:

— Filho de Laerte, Ulisses de mil ardis! É deste modo que, para sua amada terra pátria, fugirá, precipitando-se para as naus de muitos remos?

Assim disse; e ele reconheceu a voz da deusa que lhe falava. Caminhou depressa, atirando a capa ao chão, a qual apanhou o

escudeiro Euríbates, de Ítaca, que o servia. Foi ter com Agamêmnon, filho de Atreu, e dele recebeu o cetro paterno, imperecível. Segurando-o, foi por entre as naus dos gregos. Se porventura encontrava um rei ou outro homem nobre, aproximava-se dele e refreava-o com palavras educadas:

— Caro amigo, parece mal assustar-se como se fosse um covarde. Sente-se agora e mande também sentar-se seu povo, pois você não sabe ainda, ao certo, a intenção de Agamêmnon, que agora põe os gregos à prova. Não ouvimos nós todos no conselho aquilo que ele disse?

Mas se porventura via um homem do povo metido numa rixa, batia-lhe com o cetro, repreendendo-o com estas palavras:

— Louco! Perdeu a cabeça? Sente-se sossegado e ouça o que dizem outros, mais nobres que você! Não passa de um covarde, de um fraco! Não conta para nada, nem na guerra, nem no conselho. Não pense que, aqui, somos todos reis! Não é bom que todos mandem. É um que manda; um é o rei, a quem Zeus deu o cetro e o direito de legislar, para que decida por todos.

Autoritário, assim percorreu o exército; e, para a assembleia, se precipitaram os soldados de novo, de junto das naus e das tendas, com o estrondo da onda que no mar marulhante rebenta contra a longa praia e das profundezas sai um rouco bramido. Todos se sentaram novamente, contidos nos seus assentos.

Só um continuava a tagarelar. Era Tersites, um homem do povo que não tinha freios na língua. Era um libertino, que falava de modo ordinário, sem nexos nem propósitos, para insultar os reis. No entanto, divertia o exército, pois quando abria a boca todos se desmanchavam a rir. Era o homem mais feio que veio para Troia: tinha as pernas tortas e era coxo; os ombros eram curvados, dobrando-se sobre o peito. A cabeça era pontiaguda, quase careca.

Para Aquiles e Ulisses, ele era especialmente odioso, pois contra ambos disparatava; mas agora era contra Agamêmnon que gritava estridentes insultos.

— Agamêmnon, está descontente? Falta-lhe alguma coisa? Suas tendas estão cheias de bronze e mulheres, essas que nós lhe damos em primeiro lugar, cada vez que saqueamos uma cidade. Ou será ouro que você quer? Ouro que lhe traga um dos troianos, como resgate pelo filho, que capturei e trouxe para cá? Ou será uma mulher jovem, para pôr na sua cama e só você ficar com ela? Parece mal ser quem manda neles a trazer as desgraças aos gregos! Covardes! Todos uma vergonha! Cambada de mulheres! Ó minhas gregas, já nem merecem o nome de gregos! Vamos regressar mas é para casa, com as naus, e deixar aqui em Troia esse homem para tirar proveito dos despojos, para que veja se em alguma coisa nós também contribuímos, ou não!

Assim falou Tersites, insultando o rei Agamêmnon. Mas Ulisses rapidamente se aproximou dele e, fitando-o com sobrolho carregado, repreendeu-o com duras palavras:

— Tersites, grande descarado! Controle-se! Não queira entrar em conflito com os reis. Pois eu afirmo que não há criatura mortal mais abjeta que você, entre todos os que vieram para Troia. Por isso, não devia andar com os nomes dos reis na boca, nem proferir injúrias. Você se atreve a lançar insultos contra Agamêmnon, porque oferecemos muitos prêmios a ele, e fala assim com impropérios. Mas uma coisa eu lhe direi, coisa que se cumprirá: se eu o encontrar outra vez a disparatar como agora, que a cabeça não permaneça sobre meus ombros se não o agarro, dispo-o e o mando embora chorando da assembleia para junto das naus, espancado com bordoadas humilhantes.

Assim falou Ulisses; e com o cetro bateu em Tersites, nas costas e nos ombros. O desgraçado agachou-se; copiosamente lhe escorriam as lágrimas. Logo lhe apareceu nas costas um inchaço ensanguentado. Mas sentou-se, amedrontado; e cheio de dores, com expressão desesperada, limpou as lágrimas.

Os outros soldados, embora com pena de Tersites, diziam assim, olhando de soslaio uns para os outros:

— Ah, na verdade são milhares os feitos valentes de Ulisses, tanto nos conselhos como na autoridade guerreira! Mas essa foi a melhor coisa que ele fez, visto que cortou o palavreado a este caluniador desavergonhado. Não me parece que, doravante, tenha descaramento para voltar a insultar os reis com palavras despudoradas!

Ulisses afastou-se, segurando sempre o cetro na mão. A seu lado ia Atena, semelhante a um arauto, que ordenava às hostes que se calassem, de modo que os soldados ouvissem as palavras e seguissem o que lhes era aconselhado.

O primeiro discurso nesta nova assembleia foi de Ulisses. Disse assim, dirigindo-se ao líder máximo do exército:

— Agamêmnon, os gregos querem fazer de você o mais desprezado entre os homens mortais. Já não querem cumprir a promessa que lhe fizeram, quando para cá vieram: que só voltariam para casa depois de conquistar a cidade de Troia. Agora parecem umas crianças ou umas velhinhas, a chorar e gemer. Aguentem, amigos, e permaneçam mais um tempo, para sabermos se, com verdade ou sem ela, Calcas vaticinou, pois todos nos lembramos do prodígio divino que vimos em Áulide, quando reunimos as naus antes de virmos para Troia. Em torno de uma fonte, nos sagrados altares, fazíamos sacrifícios aos imortais debaixo de um belo plátano, donde fluía a água transparente. Foi então que uma

serpente medonha deslizou de debaixo do altar e se atirou ao plátano, onde estavam as crias de um pardal, crias inocentes!, no ramo mais alto, aterrorizadas sob as folhas: eram oito; com a mãe, nove. Então a serpente devorou as crias, que piavam de modo aflito, enquanto a mãe esvoaçava, chorando pelos filhos. Porém, a serpente apanhou a mãe chorosa pela asa. Depois que a serpente devorou as crias e a própria mãe, o deus que a fizera visível a fez invisível. E nós ali em pé nos espantamos com o que acontecera. Imediatamente nos deu Calcas o seguinte vaticínio: “Por que se mantêm em silêncio, ó soldados? Zeus lhes mostrou esse prodígio que tem este significado: tal como a serpente devorou as crias e o próprio pardal, eram oito, com a mãe nove, assim durante igual número de anos estaremos em guerra, mas no décimo ano saquearemos a cidade de amplas ruas”. Foi assim que Calcas falou; e agora na verdade tudo se cumpre. Permaneçam, portanto, todos aqui, até que tomemos a imponente cidadela de Príamo!

Assim falou Ulisses. Os soldados levantaram um grande alarido, e as naus no entorno ressoaram devido aos gritos daqueles que elogiavam as palavras de Ulisses.

Agamêmnon tomou então a palavra e declarou:

— Vão agora tomar sua refeição, para podermos combater. Que cada um afie bem a lança e cuide bem do escudo; que cada um dê bem de comer aos cavalos; que cada um verifique bem o carro, pois todo o dia seremos postos à prova na guerra. Não haverá nenhuma pausa, nem por um momento, até que chegue a noite para separar a fúria dos homens. No peito de cada um escorrerá o suor; cansaço se sentirá na mão que segura a lança. De suor escorrerá o cavalo enquanto puxa o carro polido. Mas, aquele que eu encontrar longe da batalha, com vontade de permanecer junto das naus, esse morrerá de imediato e será lançado aos cães e às aves de rapina.

Assim falou; e os soldados gritaram alto como uma onda batendo contra um elevado promontório. Levantaram-se para se dispersar depressa por entre as naus. Depois fizeram fogo nas tendas e tomaram a refeição. E cada um sacrificava a um dos deuses que são para sempre, rezando para escapar à morte na batalha que estava prestes a começar.

Foi então que o venerável Nestor proclamou estas palavras:

— Glorioso Agamêmnon, soberano dos homens! Não adiemos por mais tempo a obra que o deus nos põe nas mãos. Suscitemos agora o combate! É preciso dar início à batalha.

Logo Agamêmnon ordenou aos arautos de voz penetrante que chamassem para a guerra os soldados. Todos os reis apressavam-se na organização do exército; e com eles ia a deusa Atena, segurando a égide de Zeus: égide veneranda e imortal, da qual pendiam cem borlas inteiramente feitas de ouro, todas bem urdidas, valendo cada uma o preço de cem bois. Com a égide nas mãos, Atena movia-se faiscante, pela hoste dos gregos, incitando-os a avançar. No peito de cada um lançava a força inquebrantável para guerrear e combater. Então lhes pareceu a guerra mais doce do que regressar nas naus para a amada terra pátria.

Assim como o fogo violento incendeia uma enorme floresta no cume da montanha e de longe se avistam as labaredas, do bronze incontável daqueles que marchavam subia pelo ar o fulgor resplandecente até o céu.

Tal como, na pradaria asiática, perto das correntes de um rio, gansos ou cisnes de longos pescoços voam por aqui e por ali, radiantes com a força das asas, gritando de modo que toda a pradaria ressoa, assim os soldados espalharam-se das naus e das tendas pela planície do rio Escamandro; e de modo terrível ressoou a terra debaixo dos pés, deles e dos cavalos.

Posicionaram-se então na pradaria florida do Escamandro aos milhares, como as folhas e as flores na época própria. Como as moscas que zumbem pela propriedade do pastor na estação primaveril, quando o leite enche os baldes, assim contra os troianos estavam os gregos posicionados na planície, desejosos de desmembrá-los.

Do lado dos troianos, alinhados com todos os seus chefes, levantou-se um grito enorme: era como o grito dos groux que ressoa do céu quando fogem do inverno e das desmedidas tempestades e, gritando, se lançam no voo até as correntes do Oceano.

Os gregos, porém, não se deixaram impressionar: avançavam em silêncio, respirando força, cada um desejoso de auxiliar o companheiro.

Tal como o vento derrama nos cumes das montanhas o nevoeiro que aos pastores não agrada, mas que ao ladrão é mais propício que a noite, pois apenas se consegue ver a distância do arremesso de uma pedra, assim se levantou um turbilhão de pó sob os pés dos que marchavam; e depressa atravessaram a planície.

Ora, quando estavam já perto, aproximando-se uns dos outros, quem entre os troianos saiu para um combate corpo a corpo? Páris! Nos ombros, trazia uma pele de leopardo, o arco recurvo e a espada; e, brandindo duas lanças de brônzea ponta, desafiou todos os melhores guerreiros dos gregos a lutarem com ele em tremendo combate.

O primeiro a avançar dos gregos foi Menelau: como o leão faminto que se regozija ao encontrar uma grande carcaça de veado e vorazmente a devora, embora contra ele se lancem cães de caça e vigorosos jovens, assim se regozijou Menelau ao ver Páris.

Finalmente podia vingar-se do malfeitor. E, logo, do seu carro saltou armado para o chão.

Mas, quando Páris o viu aparecer à frente dos combatentes, sentiu o coração atingido e logo se escondeu no meio de seu povo, receoso da morte. Tal como o homem que nas veredas da montanha avista uma serpente e logo recua sobressaltado, com os membros dominados pelo tremor, as faces tomadas pela palidez, assim se escondeu Páris na multidão de troianos, com medo de Menelau.

No entanto, o nobre Heitor viu o comportamento vergonhoso do irmão e logo o repreendeu com palavras humilhantes:

— Páris, grande devasso! Guerreiro somente na cuidada aparência, louco por mulheres e bajulador! Quem dera nunca tivesse nascido, em vez de ser para todos motivo de censura e desprezo. Na verdade, vão rir todos os gregos, ao pensarem que combate na linha de frente só para mostrar a todos como é o mais bonito. Quem dera nunca tivesse trazido da Grécia aquela mulher como flagelo para seu pai, para a cidade e para todo o povo. Tem medo de combater agora com o marido dela? Ficaria sabendo de que têmpera é o homem cuja mulher você roubou. Mas os troianos são mesmo uns covardes: se assim não fosse, já teria sido apedrejado por causa do mal que praticou.

Páris respondeu assim ao irmão:

— Heitor, é sempre duro e inflexível, sempre pronto a me criticar. Não me lance à cara os dons amáveis de Afrodite. Não se devem rejeitar os dons gloriosos dos deuses. Mas, se quer que eu combata, mande sentar os troianos e os gregos. Por Helena lutarei com Menelau. E aquele que vencer e mostrar ser o melhor, que esse leve para casa a mulher. Que nós fiquemos aqui, a habitar nossa Troia, e que eles regressem à Grécia, terra de belas mulheres.

Assim falou; e Heitor sentiu grande alegria ao ouvir essas palavras. Foi para o centro e conteve as falanges dos troianos: todos acabaram se sentando. Porém, os gregos apontavam os arcos contra Heitor, com intenção de atingi-lo com setas ou lançando pedras.

Mas, entre eles, gritou alto Agamêmnon:

— Não disparem, ó gregos! Parece que Heitor quer nos falar.

Todos se calaram imediatamente. Então Heitor falou às duas partes:

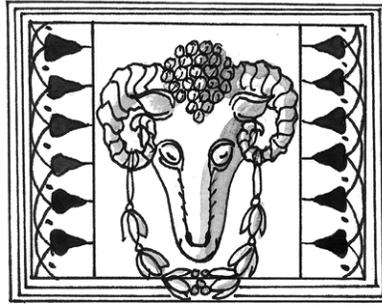
— Ouçam de mim, gregos e troianos, a proposta de Páris, por causa de quem surgiu o conflito. Ele pede que todos deponham as armas no chão. E ele combaterá com Menelau por Helena. Aquele que vencer e mostrar ser o melhor, que esse leve a mulher para casa. De nossa parte, juraremos amizade com leais sacrifícios.

Assim falou; e todos permaneceram em silêncio. Entre eles falou então Menelau:

— Ouçam a mim também agora. Vocês já sofreram muitas desgraças por causa do meu conflito com Páris. Que morra aquele de nós que o destino escolher. Tragam agora dois carneiros, um branco e um negro, para a Terra e para o Sol; e para Zeus traremos outro. Vão a Troia buscar o velho rei Príamo, para que ele próprio faça os juramentos, visto que seus filhos são uns arrogantes e uns perjuros.

Assim falou; e tanto gregos como troianos se regozijaram, esperançosos de descansar da guerra dolorosa. Pararam os carros de cavalos nas linhas de combate e desceram, despindo as armas, que colocaram no chão, umas junto das outras.

Heitor mandou para a cidadela dois arautos, para trazerem depressa os carneiros e chamarem o rei Príamo.



3. O duelo

Príamo estava na muralha de Troia, olhando para a planície e tentando perceber o que se passava com os exércitos. Na muralha, estavam também outros anciãos, que mantinham entre si conversas de velhos.

Nesse meio-tempo, Íris, a mensageira dos deuses, passou à frente deles na forma do arco-íris: dirigia-se ao interior do palácio de Príamo, para falar com Helena. Encontrou-a tecendo uma grande tapeçaria de dobra dupla, púrpura, na qual bordava todos os combates que troianos e gregos tinham travado por causa dela.

Assumindo a forma de uma das muitas noras de Príamo, assim falou a deusa a Helena:

— Vá depressa para a muralha ver o que se passa na planície, no campo de batalha! É que os soldados estão todos parados em silêncio, recostados contra os escudos, e junto deles estão as lanças espetadas no chão. Páris e Menelau vão combater agora pela sua posse. Será, daqui para a frente, a mulher daquele que vencer o duelo.

Ao ouvir essas palavras, Helena sentiu saudade do primeiro marido, dos pais, da filha, da sua cidade. Como tinha medo de se mostrar aos troianos, cobriu o rosto com véus (que também lhe

escondiam as lágrimas) e precipitou-se para a muralha, levando com ela duas criadas.

Os velhos que estavam sentados ao pé de Príamo e a viram passar perceberam de imediato quem ela era, apesar dos véus que lhe tapavam o rosto. Eram homens já muito idosos, que devido à idade tinham desistido de se preocupar com a guerra, dedicando-se antes à arte das palavras. Eram excelentes oradores, semelhantes às cigarras que no bosque pousam numa árvore e lançam suas vozes delicadas como lírios. Ao verem passar Helena, sussurraram uns aos outros estas palavras:

— Não é vergonha nenhuma que gregos e troianos sofram durante tanto tempo dores por causa de uma mulher destas! Ela maravilhosamente se assemelha às deusas imortais!

Príamo também reconheceu de imediato Helena e chamou-a para junto de si:

— Venha aqui, querida filha, e sente-se a meu lado, para ver seu primeiro marido, seus parentes e seu povo. No meu entender, você não tem culpa de nada disto, pois a culpa é dos deuses, que lançaram contra mim esta guerra cheia de lágrimas. Diga-me agora quem é aquele grego cuja bela figura vejo ali ao longe. Os olhos dos velhos são olhos já cansados, e você, jovem como é, vê melhor do que eu.

Helena respondeu-lhe então:

— Querido sogro, agradeço as suas palavras, sempre tão gentis para comigo. Aquele grego que aponta é Agamêmnon, de vasto poder, um rei excelente e um forte lanceiro. Era meu cunhado, pois é irmão do meu primeiro marido.

— E aquele ali, querida filha? — perguntou Príamo, apontando para Ulisses. — Quem é ele? Parece um carneiro no meio das linhas

de combate: para mim, assemelha-se a um carneiro lanudo movendo-se no meio de um grande rebanho de ovelhas brancas.

— Esse é o filho de Laertes, Ulisses, a quem chamam dos mil ardis. A terra dele é a ilha de Ítaca. É conhecedor de toda espécie de planos ardilosos. E aquele ao pé dele é o enorme Ájax. Daquele lado está Idomeneu, no meio dos cretenses. Ele nos visitou muitas vezes em nossa casa, pois foi sempre amigo de Menelau.

Nesse momento, chegou correndo um arauto, que disse em voz urgente a Príamo:

— Levante-se e venha depressa, ó rei! Chamam-no gregos e troianos, para que o senhor desça até a planície. É preciso fazer os leais juramentos antes de Páris e Menelau começarem a combater pela posse da mulher.

Assim falou o arauto. O rei estremeceu com a surpresa e ordenou a seus escudeiros que atrelassem os cavalos; eles obedeceram rapidamente. Então, subiu Príamo no carro e segurou as rédeas. Junto dele montou um de seus genros, e saíram de Troia através dos monumentais portões da cidade, conduzindo os cavalos para a planície.

Quando chegaram ao local onde estavam os exércitos, desceram do carro e avançaram em direção a Agamêmnon e Ulisses. Os arautos prepararam os animais para o sacrifício e misturaram vinho numa grande taça, vertendo depois água sobre as mãos dos reis. Agamêmnon tirou a adaga que sempre pendia junto da longa bainha da sua espada e cortou alguns pelos da cabeça dos carneiros. Depois levantou as mãos e assim rezou:

— Zeus pai e o senhor, ó Sol, que tudo vê e tudo ouve! E os senhores, ó rios, e a senhora, Terra! E vocês que nos infernos se vingam dos homens mortos que com perjúrio juraram! Sejam testemunhas, vigiem os leais sacrifícios! Na eventualidade de Páris

matar Menelau, que fique ele com Helena e nós regressaremos nas naus preparadas para o alto-mar. Mas, na eventualidade de Menelau matar Páris, que os troianos devolvam Helena e, em desagravo, paguem aos gregos a retribuição devida, ouro em quantia suficientemente elevada para que a recordem homens ainda por nascer.

Assim disse; e degolou os carneiros com o bronze impiedoso. Depois os depôs no chão, arfantes e privados de sopro vital. Verteram vinho nas taças e rezaram aos deuses que são para sempre.

Entre eles falou então Príamo:

— Ouçam-me, gregos e troianos! Eu regressarei agora para Troia ventosa, uma vez que não aguentaria ver meu filho amado combatendo contra Menelau. O desfecho, no entanto, já é conhecido por Zeus e pelos outros deuses imortais: a qual dos dois está destinado que morra hoje.

Assim falando, Príamo subiu no carro com o genro que o acompanhava. Segurou as rédeas, incitaram os cavalos e voltaram a Troia.

Então, Heitor e Ulisses demarcaram o recinto no qual teria lugar o duelo. Em seguida, tiraram a sorte para ver qual dos dois atiraria primeiro a lança de bronze. A sorte calhou a Páris, que logo tratou de se armar para o combate. Primeiro, protegeu as pernas com proteções adornadas de prata na parte ajustada ao tornozelo. Em segundo lugar, protegeu o peito com a couraça que pertencia ao irmão, Licáon; com ela se vestiu. Nos ombros, pôs uma espada de bronze com adereços prateados; em seguida o escudo, possante e resistente. Na cabeça, colocou um elmo com penacho de cavalo. Agarrou depois a forte lança, bem ajustada à sua mão.

De igual modo se armou também Menelau. Depois de terem vestido as armas, avançaram para o meio dos troianos e dos gregos, lançando um ao outro olhares temíveis.

Foi Páris quem primeiro atirou a lança de longa sombra, atingindo Menelau no escudo. Contudo, a ponta de bronze não o atravessou: virou-se dentro do escudo possante. Em seguida, Menelau atirou a lança contra Páris, com uma prece a Zeus:

— Zeus soberano, conceda que me vingue de quem causou isto tudo. Permita que ele morra nas minhas mãos, para que, no futuro, ninguém volte a insultar o anfitrião que o recebeu com amizade.

Assim falou; e, tendo apontado a lança, atirou-a, atingindo Páris no escudo. A lança penetrou através do escudo e do colete; chegou a rasgar a túnica. Logo em seguida, Menelau tirou da bainha a espada prateada e desferiu de cima um golpe no elmo de Páris. Mas despedaçou-se a espada em três e em quatro, caindo-lhe da mão. Menelau gemeu, olhando para o vasto céu:

— Zeus pai, nenhum deus é mais destrutivo que vós! Eu, que queria tanto vingar-me de Páris, agora tenho nas mãos a espada partida! E atirei a lança em vão, uma vez que ela não o atingiu.

Assim dizendo, atirou-se contra Páris com um salto e agarrou-o pelo elmo, com sua farta crista de penachos de cavalo; girando-o, arrastou-o em direção à zona onde estavam os gregos, enquanto Páris sufocava por causa da fivela bem bordada debaixo do pescoço, fivela que era muito justa, para que o elmo não caísse. Menelau teria conseguido matá-lo, se a deusa Afrodite, atenta ao que se passava, não tivesse cortado a fivela, deixando o elmo vazio nas mãos de Menelau. Agarrando depois sua lança, Menelau virou-se para matar Páris... mas ele tinha desaparecido por completo do campo de batalha.

Afrodite tinha arrebatado Páris, levando-o facilmente, num ápice, para Troia, onde o depôs em seu quarto, em sua cama perfumada.

A deusa foi logo em seguida chamar Helena, que ainda estava na muralha de Troia observando o que se passava na planície. Assemelhando-se a uma criada muito velha que Helena trouxera com ela quando fugira da Grécia, assim lhe falou a divina Afrodite:

— Ande, volte para seu quarto. Páris está deitado na cama, à sua espera. Ninguém diria que ele esteve num campo de batalha; parece que vem de um baile, onde esteve dançando.

Helena olhou para a anciã, mas não se deixou enganar. Viu o lindíssimo pescoço da deusa, o peito suscitador de desejo e os olhos brilhantes. E disse-lhe então as seguintes palavras:

— Deusa estranha! Quer enganar-me para quê? Qualquer dia ainda me leva para mais longe, para uma das cidades do Oriente, se lá houver algum homem de quem goste a quem queira me dar como presente. Diz para eu ir ter com Páris na cama? Vá você. Desista do Olimpo, desista de ser deusa, deixe que ele faça de você a mulher dele, ou até sua escrava!

Encolerizada, lhe respondeu a divina Afrodite:

— Não me enfureça, desgraçada!, para que eu não passe a detestá-la. Você bem sabe como até agora tudo tenho feito para favorecê-la.

Assim falou; e Helena amedrontou-se. Caminhou em silêncio, coberta de véus, passando despercebida a todos os troianos, pois era a deusa que ia à frente, indicando o caminho.

Quando elas chegaram ao palácio de Páris, as servas voltaram-se depressa para os seus trabalhos. A deusa e a mulher entraram no quarto, e a própria deusa foi buscar um assento para Helena e colocou-o ao lado da cama, onde Páris estava deitado.

Sem olhar para ele, Helena falou-lhe com palavras agressivas:

— Você voltou da guerra. Quem me dera que lá tivesse morrido, vencido pelo meu primeiro marido. Muito você se gabou no passado de ser melhor guerreiro do que Menelau. Volte, então, para a batalha e desafie de novo Menelau.

A ela respondeu Páris com estas palavras:

— Helena, não me fale assim com duros insultos. Hoje venceu Menelau com a ajuda de Atena; mas de outra vez serei eu a vencê-lo: também tenho deuses que me ajudam. Mas vamos agora para a cama e voltemo-nos para o amor. Nunca desta maneira o desejo me envolveu o coração, nem quando primeiro a raptei da Lacedemônia e navegamos por alto-mar; unimo-nos depois em amor numa ilha rochosa. Nove anos depois, ainda te amo e desejo mais do que então.

Assim falou Páris, e Helena, como sempre acontecia, cedeu.



4. O erro de Pândaro

Nesse meio-tempo, no campo de batalha, Menelau dava passadas como um animal selvagem, furioso com o desaparecimento de Páris, convencido de que estava escondido no meio dos soldados troianos. Mal sabia ele que os troianos e seus aliados odiavam Páris ainda mais do que à negra morte. Perante esse impasse, Agamêmnon declarou o seguinte:

— Ouçam-me, ó troianos! A vitória coube sem dúvida a Menelau. Entreguem Helena imediatamente e paguem em desagravo a compensação em ouro que parecer certa; mas que seja de tal ordem que a recordem homens ainda por nascer.

Assim falou Agamêmnon. Os gregos gritaram todos sua aprovação. Mas os troianos ficaram em silêncio.

No Olimpo, a cena estava sendo observada por Zeus e pelos outros deuses. Bebiam néctar e brindavam com taças douradas, ao mesmo tempo que seguiam atentamente tudo o que se passava em Troia. Zeus tentou provocar Hera com palavras mordazes:

— Sabemos que Menelau tem sempre duas deusas para ajudá-lo: Hera e Atena. Mas hoje elas estão aqui sentadas, enquanto Afrodite conseguiu proteger Páris do destino, salvando-o da morte certa. Pensemos agora como serão as coisas daqui para a frente: se de

novo agitaremos a guerra maligna e o fragor tremendo da batalha ou se estabeleceremos a amizade entre as duas partes. Se todos nós concordarmos, Menelau poderá levar Helena para casa; e, assim, será mantida de pé a cidade de Príamo.

Assim falou. De seu lado, sussurraram Atena e Hera, sentadas uma ao lado da outra, a planejar desgraças para os troianos. Atena manteve-se em silêncio, furibunda contra Zeus pai. Hera, porém, não conteve a ira no peito, e desabafou:

— Zeus terribilíssimo, o que acaba de dizer? Como quer tornar vão o meu esforço, o muito que suei, os meus cavalos exaustos, quando chamava os gregos para aniquilarem Príamo e seus filhos? Se não fosse o trabalho em que me empenhei, os gregos nunca teriam reunido tão grande exército em Troia.

Encolerizado, lhe respondeu Zeus, que comanda as nuvens:

— Será que Príamo e seus filhos lhe fizeram tantos males que incessantemente planeja arrasar a cidade de Troia? Se você pudesse entrar através das portas e das altas muralhas para devorar Príamo e os filhos em carne crua, bem como os outros troianos, talvez apaziguasse sua ira! Mas ouça bem o que lhe digo: quando, de minha parte, eu quiser destruir uma de suas cidades, onde habitam homens que lhe são caros, não procure reter a minha cólera, mas deixe-me atuar: lembre que também eu lhe dei Troia, embora a contragosto. Pois de todas as cidades sob o Sol e sob o céu cheio de astros, destas a que tem mais honra no meu coração é a sacra Troia. E o povo que mais amo é o de Príamo.

Hera deu-lhe esta resposta:

— Na verdade, são três as cidades que me são mais queridas: Argos, Esparta e Micenas de amplas ruas. Estas você poderá destruir, quando se tornarem odiosas ao seu coração. Não estou aqui em defesa delas, nem quero enaltecê-las. É lícito, todavia, que

o meu esforço contra os troianos seja compensado. Porque eu também sou uma deusa, nascida de onde você nasceu, e como filha mais velha me gerou Crono, com honra dupla, não só porque sou mais velha, mas também porque sou sua esposa, e você rege todos os deuses imortais. Cedamos, contudo, neste assunto um ao outro: eu a você; e você a mim. E todos os outros deuses imortais nos seguirão. Depressa ordene agora a Atena que se dirija ao campo de batalha e se esforce para que os troianos sejam os primeiros a lesar os gregos, à revelia dos juramentos.

E Zeus incitou Atena, que se lançou veloz dos píncaros do Olimpo. Tal como o cometa que surge como milagre a marinheiros ou ao vasto exército de povos, estrela brilhante de que se projetam abundantes centelhas, assim se lançou Atena em direção à terra, aterrissando no meio dos soldados com um salto; e o espanto dominou quem olhava, tanto gregos como troianos.

Em seguida, Atena entrou pelo meio dos troianos, assemelhando-se a Laódoco, filho de Antenor, forte lanceiro, e pôs-se à procura de Pândaro. Este estava com suas tropas, que tinham vindo com ele para Troia. A deusa disfarçada disse-lhe então estas palavras:

— Pândaro, ouça o meu conselho. Dispare já uma flecha contra Menelau. Assim obterá favor e glória entre todos os troianos. E principalmente conseguirá a gratidão de Páris, que lhe oferecerá dons resplandecentes, assim que ele vir Menelau atingido pela sua seta e deposto em cima da pira fúnebre. Dispare já uma seta contra Menelau! E prometa a Apolo que lhe oferecerá um valioso sacrifício quando regressar à sua casa, à sagrada cidadela de Zeleia.

Assim falou Atena, fazendo com que um comportamento errado parecesse certo para aquele homem vaidoso. Pândaro apressou-se logo a ir buscar o arco bem polido, feito do chifre de um bode selvagem que ele próprio matara, depois de ter ficado horas à

espera de que o animal saísse de um buraco na rocha. Os chifres desse bode mediam cerca de cinco metros de comprimento; foi com eles que o arco foi feito, todo adornado de ouro. Assim que os companheiros o viram retesar o arco, seguraram diante dele seus escudos, não fossem os gregos atacar antes de ele ter acertado em Menelau.

Pândaro abriu então o tampo da aljava e de lá tirou uma seta que não fora ainda disparada, munida de asas, causadora de negras dores. E rapidamente ajustou à corda a flecha amarga, prometendo a Apolo um sacrifício de cordeiros, assim que regressasse a Zeleia, sua cidade. Depois que esticou o grande arco em um movimento circular, disparou a flecha, que voou rápida por entre a multidão.

Mas Atena não se esqueceu de Menelau; não deixou que a seta infligisse uma ferida mortal. Desviou-a, como uma mãe afasta uma mosca do filho que dorme. A seta penetrou o colete ricamente trabalhado e o saio que ele vestia como proteção para o corpo e barreira contra os dardos, mas não o feriu gravemente. No entanto, da ferida jorrou logo o sangue escuro. Como quando uma mulher tinge de púrpura um objeto branco feito de marfim, do mesmo modo as coxas de Menelau se tingiram de sangue: as belas coxas, as pernas bem musculosas e os tornozelos.

Quando Agamêmnon reparou no sangue escuro jorrando da ferida, ficou horrorizado. Estremeceu também o próprio Menelau. Mas, quando viu que a flecha não tinha penetrado demasiado fundo, sentiu alívio e de novo se animou a coragem em seu peito. Agamêmnon, porém, não se dera conta de que a ferida não era grave, e logo começou a lamentar-se, segurando a mão de Menelau:

— Querido irmão, foi para morrer que o colocamos para combater sozinho à frente de gregos e troianos. Mas eles pagarão o

preço dessa traição. Vamos destruir a cidade de Príamo em retaliação a mais essa enormidade. Porém, isso não compensará para mim a sua morte. Pois, quando isso acontecer, que me engula a vasta terra.

Foi Menelau, ferido, que teve de animar o irmão:

— Não fale assim, para não assustar o nosso exército. A ferida da seta não foi mortal, pois o cinto me protegeu.

Nesse meio-tempo, veio o médico do exército, que examinou Menelau e arrancou a flecha. Desapertou-lhe o cinto e o cinturão por baixo e tratou a ferida com fármacos apaziguadores.

Enquanto os amigos se ocupavam de Menelau, as fileiras dos troianos avançavam. Os gregos vestiram de novo as armas, desejosos de entrar na batalha. Agamêmnon deixou o irmão e tratou de organizar as tropas. Dizia a cada grupo:

— Gregos, nada percam de sua coragem furiosa! Pois das mentiras dos troianos não vai querer saber Zeus pai! Foram eles que faltaram aos juramentos prestados! Vamos arrasá-los a cidade, levando as mulheres deles para a Grécia.

Se, contudo, via algum grupo mais lento, aparentemente atrasando o início da batalha, a esse grupo ele repreendia com palavras furiosas:

— Envergonhados assim por quê? Por que ficam de pé assim, atarantados, como gamos que após terem percorrido uma grande planície se cansam e ali ficam estacados, sem qualquer força no espírito? Será que estão à espera de que os troianos lancem fogo às suas naus?

Com essas palavras, percorria as fileiras dos homens. E, ao percorrer a multidão, chegou aos cretenses, que vestiam as armas em volta de seu rei, Idomeneu. Ao vê-los, se regozijou Agamêmnon,

soberano dos homens, e logo interpelou Idomeneu com palavras suaves:

— Idomeneu, eu lhe confiro honras acima dos outros gregos, tanto na guerra como em tarefas de outra ordem, bem como no festim, quando misturamos o vinho dos anciãos.

Depois, avançou até chegar ao local onde estavam os dois Ajantes, os dois guerreiros que tinham o mesmo nome: Ájax. Eles vestiam as armas no meio de uma nuvem de infantaria. Assim como da sua sentinela o cabreiro vê uma nuvem avançando por cima do mar, impelida pelo sopro do vento, e na distância em que se encontra lhe parece uma nuvem mais negra que o piche trazendo um grande vendaval; e ele treme ao vê-la e conduz o rebanho para dentro de uma gruta — dessa maneira, junto dos dois Ajantes, se moviam os densos batalhões de jovens, batalhões negros, dos quais se espetavam escudos e lanças.

Agamêmnon regozijou-se ao vê-los e disse-lhes estas palavras:

— Ó Ajantes! A vocês não vou dar ordens, pois isso não me ficaria bem. Vocês mesmos vão incitar suas tropas a lutar com afinco. Quem dera, ó Zeus pai, ó Atena, ó Apolo!, que no peito de todos houvesse coração como o de vocês! Rapidamente se vergaria a cidade de Príamo, e por nossas mãos seria tomada e saqueada!

Assim dizendo, deixou-os ali e foi ter com outros. Em seguida, encontrou Nestor, o límpido orador de Pilos, dispondo seus companheiros e incitando-os ao combate. Dispôs primeiro os cavaleiros com seus cavalos e carros; atrás, colocou muita e valente infantaria, que seria o baluarte da guerra; no meio, colocou os covardes, para que tivessem de combater à força, à sua revelia. Estava dando ordens aos cavaleiros, para controlarem os cavalos em vez de atirá-los para o meio do tumulto:

— Que confiante na sua destreza de cavaleiro nenhum de vocês pretenda combater os troianos isolado à frente dos outros; e que também não arrepie caminho, pois serão desse modo mais vulneráveis. Mas aquele que conseguir, com seu carro, aproximar-se do carro inimigo, que esse atire a lança. Foi dessa maneira que os antigos destruíram cidades e muralhas, tendo no peito esse espírito, esse coração.

Assim os incitava o ancião, conhecedor de guerras antigas. Ao vê-lo, se regozijou o poderoso Agamêmnon:

— Ancião, quisera que, à semelhança do coração em seu peito, também os seus membros lhe obedecessem e fosse firme sua força! Mas a velhice que chega a todos o oprime. Quem dera que outro tivesse a sua idade, e que você fosse um dos jovens!

Nestor sorriu e deu-lhe esta resposta:

— Agamêmnon, bem que gostaria de ter a idade que já tive! Mas os dons dos deuses não chegam todos ao mesmo tempo. Já fui jovem; agora sou um velho. Mas ainda tenho um contributo a dar na guerra: permanecerei entre os cavaleiros e lhes darei coragem com as minhas decisões e palavras; é essa a responsabilidade dos anciãos.

Assim falou; e Agamêmnon passou à frente, com alegria no coração. Encontrou depois os atenienses, peritos no grito de guerra. E perto estava também Ulisses de mil ardis; e junto dele, as fileiras dos itacenses, à espera de ouvir o sinal que dava início à batalha. Quando Agamêmnon os viu assim parados, repreendeu-os:

— Ó homens de Atenas e de Ítaca! Por que razão ficam assim para trás, à espera dos outros? Ficava melhor a vocês se se colocassem entre os primeiros e assim enfrentassem o desafio da batalha, pois são os primeiros a ouvir meu chamado quando preparamos um banquete. Aí se comprazem a comer carne assada e a beber taças de

vinho, tanto quanto querem. Mas agora parece que gostariam mais de ver dez batalhões do que combater à frente, para ficarem aqui atrás.

Fitando-o com o sobrolho carregado, respondeu-lhe Ulisses, irritado:

— Agamêmnon, que palavras despropositadas são essas? Verá em breve os homens de Ítaca entre os primeiros. Você proferiu palavras de vento.

Com um sorriso, respondeu-lhe o poderoso Agamêmnon quando o viu encolerizado; e retirou aquilo que dissera:

— Filho de Laertes, Ulisses de mil ardis! Nunca eu o repreenderia, nem teria a pretensão de lhe dar ordens. Sei que pensa como eu. Por isso, desculpe-me se alguma palavra inadequada foi proferida: que de tudo o que eu disse os deuses não aproveitem nada.

Assim dizendo, deixou-o ali e foi ao encontro de outros. Encontrou o filho de Tideu, Diomedes, em pé junto aos cavalos e aos carros bem articulados. Junto dele estava Estênelo, seu escudeiro. Agamêmnon quis logo espicaçá-lo:

— Ah, Diomedes, filho do feroso Tideu, domador de cavalos! Por que hesita? Por que olha para as alas da guerra? Não tinha Tideu o costume de ficar para trás, mas combatia os inimigos muito à frente dos companheiros, segundo diz quem o viu esforçando-se na guerra. De minha parte, nunca o conheci nem vi: mas dizem que ele era superior a todos os outros. Tal era Tideu, seu pai; mas o filho que gerou é pior que ele na guerra, embora seja melhor na conversa.

Assim falou; mas nada lhe respondeu o possante Diomedes, por respeito para com a reprimenda do rei. O escudeiro, contudo, irritado com as palavras de Agamêmnon, não foi capaz de se controlar e deu-lhe esta resposta:

— Agamêmnon, não profira mentiras, quando sabe dizer a verdade. Nós nos declaramos de longe melhores que nossos pais; portanto, não os coloque em honra superior à nossa.

Fitando-o com o sobrolho carregado, respondeu o forte Diomedes:

— Amigo, fique em silêncio e obedeça às minhas palavras: não levo a mal que Agamêmnon queira nos incitar. Dele será a glória, caso os gregos chacinem os troianos e tomem a cidade de Troia, e sobre ele se abaterá o sofrimento, se os gregos forem chacinados. O que temos agora a fazer é nos concentrarmos na coragem feroz.

Assim falando, saltou armado do carro para o chão; e terrivelmente ressoou o bronze sobre o peito do soberano que avançava: o medo teria dominado até quem era corajoso.

Tal como, na praia de muitos ecos, as ondas do mar são impelidas em rápida sucessão pelo sopro do vento e surge primeiro a crista no mar alto, depois, ao rebentar contra a terra firme, emite um enorme bramido e em torno dos promontórios incha e se levanta, cuspidando no ar a espuma salgada, assim avançavam em rápida sucessão as falanges dos gregos para a guerra incessante; cada um dos comandantes dava ordens aos seus soldados, que marchavam em silêncio.

Quanto aos troianos, pareciam as incontáveis ovelhas de um homem rico à espera de serem ordenhadas, balindo sem cessar porque ouviam as vozes dos cordeiros: assim se elevou o clamor deles pelo vasto exército. É que os troianos não falavam todos a mesma língua, as línguas estavam misturadas, eram povos de muitas terras.

Ares, o deus da guerra, incitava os troianos; do lado dos gregos, estava Atena, assim como o Terror, o Medo e a Discórdia, sempre furibunda, irmã e amiga de Ares, matador de homens, ela que

primeiro levanta um pouco a cabeça, mas depois a fixa no céu, enquanto caminha sobre a terra. Foi ela quem atirou no meio deles o conflito que chega a todos, ao percorrer toda a turba, aumentando assim os gemidos dos homens.

Quando chegaram ao mesmo local para se enfrentar, brandiram todos juntos os escudos, as lanças e as brônzeas couraças; e os escudos cravados de adornos embateram-se uns contra os outros e surgiu um estrépito tremendo. Então, ouviu-se o gemido e o grito triunfal dos homens que matavam e eram mortos. A terra ficou alagada de sangue.

Assim como os rios invernosos se precipitam das montanhas, atirando juntos o enorme caudal na embocadura de dois vales, e as poderosas nascentes vêm lançar as águas num oco desfiladeiro, e lá longe nas montanhas o pastor chega a ouvir-lhes o estrondo — eram tais o eco e o terror dos que se batiam uns contra os outros.

Quem foi o primeiro a matar e a ser morto? Antíloco, o grego, foi o primeiro a matar um troiano, um valente que combatia na primeira linha: chamava-se Equepolo e era filho de Talísio. Primeiro, desferiu-lhe um golpe no elmo com crinas de cavalo e, pela testa adentro, lhe empurrou a lança; além do osso foi a ponta de bronze, e a escuridão cobriu-lhe os olhos: tombou em combate mortal como se desmorona uma muralha. Ao cair, agarrou-lhe pelos pés o poderoso Elefenor, filho de Calcodonte, magnânimo comandante dos abanteus, procurando arrastá-lo para longe dos projéteis, para depressa o despir das armas. Mas foi curta a duração do seu esforço. Enquanto arrastava o cadáver, avistou-o o forte Agenor, que, nas costelas, que deixara expostas, a descoberto do escudo, o feriu com um golpe da brônzea lança, afrouxando-lhe os membros. Assim o deixou o sopro vital; e sobre seu corpo começou

a luta penosa de troianos e gregos: como lobos se atiravam uns nos outros, e cada homem por outro homem era derrubado.

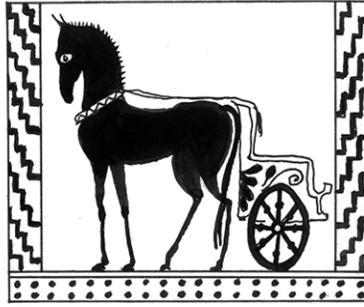
Em seguida, um dos Ajantes — Ajax, filho de Telamon — atingiu um jovem troiano chamado Simoésio, jovem ainda solteiro, na flor da idade e da beleza. Os pais tinham-no criado com todo o amor, mas o apelo de ir para a guerra foi irresistível. Mais irresistível ainda foi a força bruta de Ajax, que o penetrou com sua lança. Enquanto Simoésio avançava entre os primeiros, foi atingido no peito, junto ao mamilo direito; e completamente lhe transpassou o ombro a lança de bronze. No chão caiu como o álamo que cresceu nas terras baixas de uma grande pradaria, liso, mas com ramos viçosos na parte de cima — álamo que, com o ferro fulgente, o homem fazedor de carros cortou para com ele fabricar um lindíssimo carro e que deixou secando, estendido, na ribeira de um rio. Desse modo, Ajax matou o belo Simoésio.

Antifo, filho de Príamo, tentou vingar a morte do amigo e atirou contra Ajax a sua lança pontiaguda. Mas não acertou o alvo pretendido, atingindo a virilha de Leuco, valente companheiro de Ulisses, que nesse momento arrastava um cadáver. Ele tombou em cima do morto, largando as mãos dele. Por sua morte muito se encolerizou Ulisses, que avançou através da linha de frente armado de bronze faiscante; posicionou-se perto e arremessou a lança reluzente, olhando em redor. Os troianos recuaram perante o arremesso do guerreiro. E não foi em vão que fez o lançamento: atingiu o filho ilegítimo de Príamo, Demócoon, que, em tempo de paz, se dedicava a seu estábulo de rápidas éguas. Foi ele que Ulisses, irado por causa do companheiro, atingiu na têmpora com a lança, cuja ponta de bronze penetrou através da outra têmpora. A escuridão cobriu-lhe os olhos; caiu com um estrondo e as armas ressoaram em torno dele.

Os troianos cederam terreno. Os gregos elevaram um grande grito, recolheram os cadáveres e investiram em frente. Indignou-se o deus Apolo, que observava a batalha, e assim gritou aos troianos:

— Levantem-se, ó troianos domadores de cavalos! Não cedam, na peleja, aos gregos, pois a pele deles não é de pedra nem de ferro quando é ferida pelo bronze que rasga a carne! E Aquiles, filho de Tétis das belas tranças, não está combatendo, mas encontra-se junto às naus remoendo a cólera no coração!

Assim gritou o deus. Atena, porém, incitava os gregos; a deusa avançava pelo meio da turba quando os via desistir. Nesse momento, já ninguém entraria de ânimo leve no combate, pois naquele dia jazeram muitos gregos e troianos, uns ao lado dos outros, mortos, com o rosto virado para o chão.



5. *Diomedes combate os deuses*

Foi então que a Diomedes, filho de Tideu, Atena deu força e coragem, para que se destacasse entre todos os gregos e obtivesse uma fama gloriosa. Fez-lhe arder do elmo e do escudo uma chama indefectível, como o astro na época das ceifas que, pelo brilho, sobressai entre os outros, depois de ter se banhado no Oceano. Foi uma chama dessas que ela lhe acendeu na cabeça e nos ombros; e o enviou para o meio da batalha, onde se juntava o maior número de combatentes.

Havia entre os troianos um certo Dares, homem rico e irrepreensível, sacerdote de Hefesto. Tinha dois filhos: Fegeu e Ideu, conhecedores de toda espécie de combate. Estes, separando-se dos outros, investiram contra Diomedes. Eles seguiam montados no carro, mas o outro avançava a pé. Quando já estavam perto, aproximando-se uns do outro, foi Fegeu o primeiro a arremessar a lança de longa sombra. Por cima do ombro esquerdo de Diomedes, voou a ponta da lança, sem atingi-lo. O grego, em seguida, lançou-se contra Fegeu; e não foi em vão que o dardo lhe fugiu da mão, pois o acertou no peito, entre os mamilos, atirando-o fora do carro. Ideu saltou para trás, deixando o carro, sem ousar colocar-se de modo a proteger o cadáver do irmão. Não teria, aliás, escapado à escuridão do destino, se Hefesto não o tivesse protegido,

escondendo-o nas trevas, para que o sacerdote idoso não fosse de todo acometido pela dor. Os cavalos é que Diomedes arrebatou, dando-os aos companheiros para que os levassem até as côncavas naus. Quando viram os filhos de Dares, um em fuga e o outro chacinado ao lado do carro, desanimou-se o coração de todos os troianos.

Atena pegou na mão de Ares e assim lhe dirigiu a palavra:

— Ares, Ares, flagelo dos mortais, sanguinário derrubador de muralhas! E se deixássemos agora os troianos e os gregos combatendo sozinhos?

Assim dizendo, conduziu Ares para longe da batalha. Sentou-o na ribeira arenosa do rio Escamandro, enquanto os gregos punham em fuga os troianos. Cada um dos comandantes matou um homem: primeiro Agamêmnon atirou do seu carro o possante Ódio, o chefe dos halizonas. Nele, o primeiro a fugir, acertou com a lança nas costas, no meio dos ombros, empurrando-a até sair pelo peito. Tombou com um estrondo e sobre ele ressoaram as armas.

Em seguida, o famoso lanceiro Idomeneu matou Festo, que viera de Tarna, de férteis sulcos. Atingiu-o com sua grande lança, quando subia para o carro, no ombro direito. Festo caiu do carro e tomou-o a escuridão detestável. Despiram-no das suas armas os escudeiros de Idomeneu. Escamândrio, filho de Estrófió, arguto na caça, foi morto pela lança pontiaguda de Menelau, ele, o excelente caçador! A própria Ártemis lhe ensinara a matar todas as criaturas que, nas montanhas, nutrem as florestas. Mas de nada lhe serviu agora Ártemis, a arqueira, nem a perícia com o arco, em que antes fora excelente. Menelau, famoso lanceiro, acertou-lhe com a lança nas costas enquanto fugia, no meio dos ombros, empurrando-a até sair pelo peito. Tombou de cara no chão e sobre ele ressoaram as armas.

E Meríones matou Féreco, filho de Técton, cujas mãos sabiam fabricar toda espécie de espantosos artefatos. Fora ele quem construía para Páris as naus iniciadoras dos males, que, para todos os troianos, criaram a desgraça, assim como para ele próprio, visto que desconhecia os oráculos dos deuses. Perseguiu-o Meríones: quando o apanhou, transpassou-lhe a nádega direita. A ponta da lança atravessou a bexiga completamente, penetrando debaixo do osso: ele caiu de joelhos e encobriu-o a morte.

E Meges matou Pedeu, filho de Antenor, atingindo-o com a lança afiada no nervo do pescoço: e o bronze cortou por completo a língua debaixo dos dentes. Tombou no pó, e seus dentes morderam a frieza do bronze.

Eurípilo, filho de Evenor, matou Hipsenor, filho do altivo Dolopíon, a quem fizeram sacerdote do Escamandro, honrado pelo povo como um deus. Contra ele investiu Eurípilo quando fugia à sua frente; durante a corrida lhe desferiu um golpe no ombro com a espada, decepando-lhe o braço direito. O braço caiu ensanguentado por terra; e sobre seus olhos caíram a morte púrpura e o destino retumbante.

Assim eles se esforçavam na batalha. Quanto a Diomedes, irrompia pela planície, semelhante ao rio no auge da torrente invernososa, cujo caudal arrasta os diques; nem as barreiras dos diques nem os muros das viçosas vinhas contêm o rio, que se precipita, de repente, quando o impele a chuva de Zeus, ficando assim destruídas muitas e belas obras dos homens. Desse modo, eram desbaratadas as falanges dos troianos por Diomedes: não resistiam a ele, apesar de serem em número maior.

Quando, porém, Pândaro o avistou irrompendo pela planície e desbaratando as falanges, depressa retesou contra Diomedes seu arco recurvo e disparou com pontaria certa contra o ombro

direito dele, no topo da couraça; atravessou-a a seta amarga, penetrando por completo. A couraça ficou salpicada de sangue.

Logo gritou Pândaro:

— Levantem-se, troianos! Foi atingido o melhor guerreiro dos gregos; e julgo que ele não aguenta por muito tempo a flecha poderosa.

Assim falou, vangloriando-se; mas Diomedes posicionou-se junto dos cavalos e do carro, e dirigiu a palavra a Estênelo, seu escudeiro:

— Levante-se e desça do carro, para me arrancar do ombro a seta amarga.

Assim falou; e Estênelo saltou do carro para o chão. Em pé, a seu lado, arrancou do ombro a seta veloz. Mas, através da túnica, jorrou um jato de sangue. Então Diomedes fez esta prece:

— Escute, ó Atena, filha de Zeus detentor da égide! Se alguma vez posicionou-se ao lado de meu pai, benévola, na furiosa batalha, do mesmo modo seja agora favorável a mim! Conceda-me que mate aquele homem; que ele entre no raio da minha lança, ele que antes me feriu, declarando que eu não veria por muito tempo a luz brilhante do sol.

Assim falou, rezando; e Atena ouviu-o, tornando-lhe os membros mais leves, mais leves os pés e as mãos. Colocando-se junto dele, dirigiu-lhe estas palavras:

— Tenha coragem, ó Diomedes, e lute contra os troianos! No seu peito, coloquei a força de seu pai, a força inquebrantável que tinha Tideu. E tirei da frente dos seus olhos a bruma que lá pairava, para que conheça bem quem é deus e quem é homem. Por isso, se vier a seu encontro algum deus para testá-lo, não combata de modo algum contra os outros deuses imortais, a não ser que Afrodite entre na luta: a ela poderá ferir com o bronze afiado.

Tendo assim falado, desapareceu Atena. Diomedes voltou a imiscuir-se entre os combatentes da frente; embora antes estivesse desejoso de combater os troianos, agora sentia três vezes mais força. Como o leão, que, no campo, quando saltou por cima da vedação do curral das ovelhas, o pastor feriu, mas não venceu; aviva-lhe antes a força, mas, em seguida, não lhe faz frente, metendo-se dentro dos estábulos o rebanho aterrorizado; empilhadas ficam as ovelhas, umas ao lado das outras, e o leão consegue fugir para fora do curral — assim, em meio aos troianos, se imiscuía o possante Diomedes.

Foi então que matou Astínoo e Hipíron: a um, atingiu por cima do mamilo com a lança de brônzea ponta; ao outro, desferiu com a espada possante um golpe no ombro, decepando-lhe o ombro do pescoço e das costas. Deixou-os onde estavam e pôs-se a perseguir Abante e Poliído, filhos de Euridamante, idoso intérprete de sonhos. Não regressaram, porém, para o ancião lhes interpretar os sonhos: ambos foram mortos pelo possante Diomedes. Depois, lançou-se contra Xanto e Tóon, filhos de Fénops, ambos bem-amados. Ao pai oprimia a dolorosa velhice, e não gerou outro filho a quem deixar os seus bens. Ali os matou Diomedes, privando-os da vida amada, deixando ao pai deles o pranto e o luto doloroso, uma vez que não permaneceram vivos para que ele os recebesse no seu regresso; pelo que outros familiares dividiram a fortuna.

Depois, atirou-se aos dois filhos de Príamo, que seguiam no mesmo carro, Equémon e Crómio. Tal como o leão que salta no meio dos bois e parte o pescoço de uma vitela ou de uma vaca a pastarem na verdura silvestre, Diomedes atirou ambos do carro, despindo-os depois de suas armas de modo humilhante. E aos companheiros deu os cavalos para levarem para as naus.

Nesse momento, Eneias avistou-o desbaratando as fileiras de homens. Caminhou por entre a batalha e pelo arremesso de lanças à procura de Pândaro, para ver se o encontrava. Encontrou-o e, encarando-o, lhe disse estas palavras:

— Pândaro, onde estão seu arco, as setas aladas e sua fama? Nisso não há aqui homem que rivalize com você, nem há lício que afirme ser melhor arqueiro. Dispare agora uma seta contra aquele homem — elevando as mãos a Zeus —, seja ele quem for; se é que não é um deus irado contra os troianos. Pesada é a cólera de um deus.

Pândaro deu-lhe esta resposta:

— Eneias, conselheiro dos troianos, aquele homem é Diomedes, mas não é sem a ajuda de um deus que assim atua. Pois contra ele já disparei uma seta e acertei-o no ombro direito, atravessando-lhe por completo a couraça. E pensava eu que o lançaria no Hades; contudo, não o subjuguiei. Agora queria me aproximar dele, mas não tenho cavalos nem carro em que possa montar, embora no palácio de meu pai estejam onze belos carros, novos em folha, recém-construídos, cobertos de panos. E junto de cada um está a respectiva parelha de cavalos mastigando a branca cevada e a espelta. Razão tinha meu pai quando para aqui vim! Mandou-me vir montado com cavalos e carros, para liderar os troianos nos fortes combates. Mas não lhe obedeci, muito mais proveitoso teria sido!, querendo poupar os cavalos, não lhes fosse faltar alimento no meio desta multidão de homens, habituados a comer quanto queriam. Por isso os deixei, e vim para Troia como peão, confiante no meu arco. Mas não parece que me sirva de grande coisa. Pois ainda agora disparei contra dois comandantes: contra Diomedes e contra Menelau, e a ambos o meu disparo causou decerto derrame de sangue. Mas o que fiz foi incitá-los ainda mais! Desafortunadamente tirei do prego o arco recurvo no dia em que

vim para Troia. Mas se regressar a minha casa e vir com os olhos minha pátria, minha mulher e meu alto palácio, que logo outro homem me corte a cabeça se eu não quebro este arco com as mãos e o atiro ao fogo: pois para mim não tem mais utilidade que o vento.

Respondeu-lhe então Eneias, comandante dos troianos:

— Não fale assim. As coisas não mudarão até que nós dois, com carro e cavalos, enfrentemos aquele homem e o ponhamos à prova nas armas. Mas agora suba para o meu carro, para que veja como são os cavalos de Trós, que pela planície sabem correr com rapidez, em perseguição ou debandada. Ambos nos levarão a salvo para a cidade, se de novo Zeus outorgar a glória a Diomedes, filho de Tideu. Mas pegue agora no chicote e nas rédeas reluzentes: serei eu que desmontarei do carro para combater; ou então enfrente-o você, e eu me ocuparei dos cavalos.

Pândaro, no entanto, deu-lhe esta resposta:

— Eneias, segure as rédeas e conduza seus cavalos. Puxarão melhor o carro com o condutor habitual, se se der o caso de termos de fugir de Diomedes. Que eles não se descontrolarem, espantados, recusando-se a levar-nos para longe da batalha, por sentirem falta da sua voz. Seja você mesmo a conduzir seu carro e seus cavalos, e eu responderei à investida dele com a lança pontiaguda.

Assim dizendo, subiram para o carro embutido e contra Diomedes conduziram com afinco os cavalos velozes. Viu-os Estênelo, que logo disse a Diomedes estas palavras:

— Diomedes, vejo dois homens possantes avançando para combatê-lo, ambos dotados de força desmesurada: um deles é bom arqueiro, Pândaro; o outro é Eneias, filho da deusa Afrodite. Cedamos pois, montados no carro, e não se lance através da linha da frente, para que não perca a vida.

Fitando-o com o sobrolho carregado, respondeu o forte Diomedes:

— Não me fale em medrosas retiradas, pois não me convencerá! Não faz parte da minha natureza combater escondido, nem rebaixar-me perante outros. Minha vontade é firme. Recuso-me a montar no carro; é da maneira que estou que irei ao encontro deles. Atena não me deixa tremer. Quanto a eles, não os levarão os cavalos velozes de junto de nós, a eles os dois, mesmo que um deles consiga fugir. E outra coisa direi, e você guarde-a em seu coração: se Atena, a deusa de muitos conselhos, me conceder a glória de matá-los os dois, você deverá manter aqui os cavalos, atando as rédeas no rebordo do carro; e se lance em seguida aos cavalos de Eneias. Pois eles são da raça dos que Zeus deu a Trós como recompensa pelo filho, Ganimedes, visto que eram os melhores de todos os cavalos debaixo da Aurora e do Sol. Dessa raça furtou descendência Anquises, senhor dos homens, deixando cobrir as suas éguas sem que ninguém se apercebesse. Dessas éguas nasceram-lhe no palácio seis poldros: ficou ele com quatro deles, para criar nas manjedouras; mas ofereceu dois a Eneias. Se apanhássemos esses cavalos, ficaríamos com fama excelente!

Eram essas as palavras que diziam um ao outro. E depressa se aproximaram dos outros dois, que conduziam os cavalos velozes. O primeiro a falar foi Pândaro:

— Diomedes, não o subjugou a minha célere flecha, seta amarga! Mas agora tentarei atingi-lo com a lança.

Assim falando, apontou e arremessou a lança de longa sombra, acertando no escudo de Diomedes. E através do escudo penetrou a brônzea ponta, atingindo o colete. Pândaro gritou então bem alto:

— Foi atingido no baixo-ventre, pelo que não julgo que muito tempo aguentará. E assim me deu a glória!

Sem receio lhe deu resposta o possante Diomedes:

— Atirou ao lado, não acertou. Porém, não penso que os dois desistirão, até que um ou outro, tombando, farte de sangue o deus da guerra!

Assim falando, atirou a lança. E Atena guiou-a até o rosto de Pândaro. Ela penetrou através dos alvos dentes. O bronze renitente cortou a língua pela raiz, e a ponta da lança saiu por baixo, pela base do queixo. Pândaro tombou do carro e ressoaram por cima dele as armas reluzentes. E foi aí que o deixaram a força e a vida.

Porém, Eneias saltou para o chão, segurando o escudo e a lança comprida, receoso de que os gregos arrastassem o cadáver. Pôs-se de plantão por cima de Pândaro, como um leão confiante na sua força, segurando à frente o escudo e a lança, pronto para matar quem tentasse pegar no cadáver. Emitiu um grito medonho. Mas Diomedes, com a mão, pegou numa rocha (coisa tremenda!) que nem dois homens levantariam, dos mortais de hoje! Sem dificuldade a levantou, só. E com ela atingiu Eneias no quadril, no local onde a coxa se junta ao quadril, osso a que os homens chamam “taça”. E estilhaçou a “taça”, dilacerando também ambos os tendões. A rocha lacerante rasgou-lhe a carne; o herói caiu de joelhos e com a mão possante se recostou contra a terra. A escuridão da noite veio cobrir-lhe os olhos.

E agora teria Eneias perecido se, arguta, não se tivesse apercebido Afrodite, sua mãe. Em torno do filho amado lançou os alvos braços, estendendo à frente dele uma prega da sua veste resplandecente como barreira contra os projéteis, não fosse algum dos gregos arremessar-lhe bronze contra o peito e roubar-lhe a vida. Levou então o filho amado para longe da guerra.

Mas Estênelo não esqueceu as recomendações que lhe fizera Diomedes: manteve os cavalos longe da batalha, atando as rédeas

na lateral do carro, e lançou-se em direção aos cavalos de Eneias. Deu-os ao querido companheiro Deípilo, que, entre todos os da sua idade, ele mais estimava pela consonância de espírito; deu-os a ele para ser ele a levá-los até as naus. Estênelo montou, então, no seu carro, pegou nas rédeas resplandecentes e depressa conduziu os cavalos de fortes cascos atrás de Diomedes, que perseguia Afrodite com o bronze afiado, sabendo que ela era uma deusa débil, e não uma das deusas que se impõem no meio das guerras dos homens: não era Atena, saqueadora de cidades.

Ao chegar ao pé dela, após tê-la perseguido por entre a multidão, foi então que Diomedes lhe feriu a superfície da mão delicada com o bronze afiado; e, de imediato, a lança lacerou a carne através da veste imortal, que as próprias Graças lhe tinham tecido, na parte do pulso acima da palma da mão. Jorrou o sangue imortal da deusa, o icor, que corre nas veias dos deuses bem-aventurados. É que eles não comem pão, nem bebem vinho: nas suas veias corre icor em vez de sangue.

A deusa gritou alto e deixou cair o filho. Mas Apolo apanhou Eneias nos braços e envolveu-o numa nuvem escura, não fosse um dos gregos arremessar-lhe bronze contra o peito e roubar-lhe a vida.

Diomedes gritou alto contra a deusa do amor:

— Afaste-se da guerra! Não lhe basta iludir as mulheres na sua debilidade?

Assim falou; e ela partiu, desesperada, em grande aflição. Foi Íris que a levou da luta, oprimida de dores: até a linda pele se lhe escurecia. Em seguida, à esquerda da batalha, encontrou Ares sentado, a lança reclinada contra uma nuvem; ali estavam seus cavalos velozes. Caindo de joelhos, logo implorou Afrodite ao irmão que lhe emprestasse os cavalos:

— Querido irmão, acuda-me e dê-me seus cavalos, para que possa chegar ao Olimpo. Estou muito aflita por causa da ferida infligida por um homem mortal: Diomedes, que neste momento até contra Zeus pai combateria!

Assim falou; e Ares deu-lhe os seus cavalos. Ela subiu para o carro, desesperada em seu coração; e para junto dela subiu Íris, que com as mãos pegou as rédeas. Com o chicote incitou os cavalos, que não se recusaram a correr e depressa chegaram à sede dos deuses, ao escarpado Olimpo, onde os cavalos refreou a rápida Íris, soltando-os do carro; à sua frente atirou pasto ambrosial. Afrodite lançou-se sobre os joelhos de Dione, sua mãe; e ela, por seu lado, abraçou a filha. E, acariciando-a, assim lhe disse:

— Querida filha, quem foi o deus que a maltratou assim?

A ela respondeu Afrodite, deusa dos sorrisos:

— Não foi um deus, foi um mortal: o altivo Diomedes, porque eu afastava da guerra o meu filho amado, Eneias. Os gregos já combatem contra os deuses imortais.

Dione deu-lhe então esta resposta:

— Aguenta, querida filha, e refreie-se, apesar do que sofre. Muitos de nós, que no Olimpo temos nossa morada, já sofremos nas mãos dos homens por quisermos dar tristes dores uns aos outros. Sofreu Ares, quando Oto e o possante Efiáltes, filhos de Aloeú, o prenderam com fortes correntes: treze meses ficou ele preso num jarro de bronze. Então teria perecido Ares que da guerra não se sacia, se a madrasta deles não tivesse avisado Hermes: foi ele que, às escondidas, tirou Ares, já desesperado, pois as correntes o esmagavam. Também sofreu Hera, quando Hércules a atingiu no seio direito com uma flecha de farpa tripla: tomou-a nessa altura uma dor impossível de acalmar. Mas quem incitou Diomedes contra você foi Atena. Insensato! Pois ele não sabe que não dura muito

tempo quem contra os deuses combate, nem os filhos pequenos se sentarão tagarelando ao seu colo quando ele regressar da guerra.

Assim falou; e com as mãos limpou o icor do braço. O braço melhorou, e as dores profundas acalmaram.

Mas Atena e Hera, que tinham observado a cena, tentaram provocar Zeus com palavras mordazes. Quem tomou primeiro a palavra foi Atena:

— Zeus pai, parece que Afrodite tem incentivado outra mulher grega a fugir da casa do marido com um troiano. Foi certamente ao acariciar a mulher que Afrodite arranhou a mão numa joia ou pregadeira.

Assim falou; e o pai dos homens e dos deuses sorriu. Chamou Afrodite e disse:

— A você, querida filha, não são dados os trabalhos guerreiros; ocupe-se antes com os esforços do desejo no casamento: que a guerra diga respeito a Ares e Atena.

Enquanto diziam essas coisas no alto Olimpo, na planície de Troia, Diomedes investia contra Eneias, embora soubesse que ele estava nos braços de Apolo. Mas nem perante o grande deus sentia reverência, sempre desejoso de matar Eneias para despi-lo das belas armas. Três vezes se lançou com vontade de matá-lo, e três vezes o repeliu Apolo com o escudo reluzente. Mas, quando pela quarta vez se lançou como um louco, com um grito terrível lhe falou Apolo:

— Pense, ó Diomedes, e ceda! Não é a mesma a raça dos deuses imortais e a dos homens que caminham sobre a terra.

Assim falou; e Diomedes afastou-se um pouco para trás, para evitar a cólera de Apolo. E para longe da batalha foi Eneias levado por Apolo, para Pérgamo, onde lhe fora construído um templo. Foi aí que Leto e Ártemis, a arqueira, o curaram no grande santuário.

Apolo, porém, formou um fantasma igual ao próprio Eneias e armado do mesmo modo; e, em redor do fantasma, os troianos e os gregos golpearam as fivelas de cabedal em torno do peito uns dos outros, os escudos redondos e os couros franjados. Então Apolo dirigiu estas palavras a Ares:

— Ares, Ares, flagelo dos mortais, sanguinário derrubador de muralhas! Entrando na batalha não irá querer de lá tirar este homem, Diomedes, que neste momento até contra Zeus pai combateria? Primeiro feriu Afrodite no pulso e depois lançou-se contra mim!

Assim falando, sentou-se na maior elevação de Pérgamo, ao passo que Ares entrou pelas fileiras dos troianos, semelhante ao célere Acamante, condutor dos trácios, e aos filhos de Príamo assim clamou:

— Ó filhos de Príamo, até quando permitirão que a hoste seja chacinada pelos gregos? Quando estiverem combatendo junto dos portões de Troia? Jaz um homem que honrávamos como a Heitor, Eneias. Salvemos das mãos dos gregos o valente companheiro!

Assim dizendo, incitou a força e a coragem de cada um. Foi então que Sarpédon repreendeu Heitor:

— Heitor, onde está a força que tinha antigamente? Você afirmava que sem hostes nem aliados defenderia sozinho a cidade, com seus irmãos e cunhados! Pois agora nenhum desses consigo ver nem descortinar, mas amedrontam-se como cães receosos de um leão. Nós é que estamos lutando: nós, que somos os aliados! Na verdade, embora aliado, para cá vim de muito longe: pois longe é a Lícia, junto dos redemoinhos do Xanto, onde deixei minha mulher e meu filho ainda pequeno. Todavia, incito os lícios, e de minha parte estou desejoso de lutar, embora eu aqui não possua nada que os gregos pudessem carregar ou levar para longe; mas você está aí

parado, nem ordena às outras hostes que se detenham para proteger suas mulheres. Como que tomados pela trama de um fio inelutável, oxalá não se tornem espólio e presa dos inimigos, esses que depressa destruirão sua cidade! É a você que cabe velar por tudo isto de dia e de noite, para evitar uma forte censura.

Assim falou Sarpédon; e as palavras morderam o espírito de Heitor. E logo do seu carro saltou armado para o chão. Brandindo duas lanças afiadas, percorreu todo o exército, incitando ao combate. Reagruparam-se as tropas, e os troianos posicionaram-se defronte dos gregos, que, cerrados, não desarmaram nem se acovardaram. Tal como o vento dispersa o joio nas eiras, na altura em que a loira Deméter separa o trigo do joio entre rajadas de vento, e os montes de joio se embranquecem, assim os gregos se embranqueciam por causa da nuvem de pó que, no seu meio, o percutir das patas dos cavalos fazia subir até o céu.

Então, Apolo tirou Eneias do seu rico santuário e colocou-o de novo no meio da batalha, no meio dos companheiros, que se alegraram ao verem-no vivo, incólume e detentor de força valente.

Por seu lado, os dois Ajantes, Ulisses e Diomedes incitavam os gregos a combater; e eles próprios não se amedrontaram com a violência e as investidas dos troianos, mas permaneceram como o nevoeiro que Zeus, quando não há vento, faz estacar nos píncaros das montanhas, imóvel: assim estacaram os gregos, sem medo dos troianos. E Agamêmnon percorreu a hoste, dando sempre a mesma ordem:

— Amigos, sejam homens!

Falou e depressa arremessou a lança; atingiu um varão dianteiro, companheiro de Eneias, Deicoonte, filho de Pérgaso. Foi ele que o poderoso Agamêmnon atingiu no escudo com sua lança; mas o escudo não deteve a lança, que atravessou o bronze, penetrando

através do cinturão no baixo-ventre. Tombou com um estrondo e sobre ele ressoaram as armas.

Assim prosseguia a batalha. Depois aconteceu o seguinte: um filho e um neto de Zeus combateram um contra o outro. Tlepólemo, filho de Hércules (portanto, neto de Zeus), era alto e viril e quis lutar contra Sarpédon, filho de Zeus. E quando estavam já perto, o filho e o neto, foi Tlepólemo o primeiro a falar, assim dizendo:

— Sarpédon, conselheiro dos lícios, por que se vê obrigado a andar por aí encolhido, homem inexperiente do combate? Mentem os que o proclamam filho de Zeus, visto que é muito inferior àqueles varões que, entre os homens antigos, foram gerados por ele. De outra têmpera dizem ter sido Hércules, meu pai, ousado guerreiro de coração de leão, que outrora aqui veio pelos cavalos de Laomedonte só com seis naus e menor número de homens: saqueou a cidade de Troia e causou desolação nas suas ruas. Mas seu coração é de covarde, e seu povo sucumbirá. Não penso que, para os troianos, você será um baluarte por ter vindo da Lícia, mesmo que fosse mais forte; mas, por mim subjugado, passará os portões do Hades.

A ele deu resposta Sarpédon, comandante dos lícios:

— Tlepólemo, a você aqui declaro que a morte e o escuro destino lhe chegarão por meu labor: pela minha lança subjugado, você me trará a glória; ao Hades de nobres poldros, a sua alma.

Assim falou Sarpédon. Por sua vez, a lança de freixo elevou Tlepólemo. E das mãos de ambos, ao mesmo tempo, voaram as lanças compridas. No meio do pescoço lhe acertou Sarpédon, e a ponta dolorosa atravessou-o por inteiro. A escuridão da noite veio cobrir-lhe os olhos. Mas com sua lança comprida acertara

Tlepólemo na coxa esquerda de Sarpédon: a ponta penetrou, ferindo o osso. Desta vez, Zeus ainda o salvou.

Os companheiros de Sarpédon levaram-no da batalha. Pesava-lhe, ao arrastar-se, a lança comprida, pois a ninguém ocorrera o pensamento de arrancá-la da coxa, para que andasse mais livre; estavam apressados, de tal modo se esforçavam por acudi-lo.

Do outro lado, os gregos levaram o corpo de Tlepólemo para longe da batalha. Ao aperceber-se do que se passava, Ulisses enfureceu-se. Em seguida, refletiu se haveria primeiro de perseguir o filho de Zeus, ou se deveria antes tirar a vida a muitos dentre os lícios. Mas a Ulisses não estava destinado que fosse ele a matar o filho de Zeus; por isso, Atena desviou-lhe a mente para a multidão dos lícios. Então matou Cérano e Alastor e Crômio e Alcandro e Hálío e Noémon e Prítanis. E mais lícios teria Ulisses abatido, se Heitor não tivesse atravessado as filas dianteiras armado de bronze cintilante, levando o terror aos gregos. Sarpédon alegrou-se com sua vinda e dirigiu-lhe uma palavra comovente:

— Filho de Príamo, não me deixe aqui como presa para os gregos, mas acuda-me! Que depois me abandone a vida em sua cidade, visto que já não deverei regressar à minha pátria.

Assim falou; nada respondeu Heitor, mas apressou-se, desejoso de o mais rapidamente possível repelir os gregos e a muitos deles tirar a vida. Os companheiros de Sarpédon sentaram-no debaixo de um carvalho. Um deles arrancou-lhe a lança da coxa. Sarpédon desmaiou de imediato, pois uma névoa se derramou sobre seus olhos. Mas depois voltou a si; reanimou-o uma brisa fresca que soprava.

Do Olimpo, Hera observava a batalha e logo disse a Atena:

— Pensemos também nós em entrar na batalha!

Assim falou. Atena apressou-se em preparar os cavalos arreados de ouro, e Hebe equipou depressa o carro com rodas recurvas, brônzeas e de oito raios em volta do eixo de ferro. A camba é de ouro imperecível, e os aros por cima são adornados de bronze, maravilha de se ver! Os cubos da roda são de prata e revolvem de ambos os lados. O carro está trabalhado com ouro e prata entretecidos, e são duplos os rebordos que o recobrem. Do carro se espetava a vara de prata e na extremidade atrelou ela o belo jugo dourado, lançando por cima as fivelas de ouro. E Hera conduziu até o jugo os corcéis de patas velozes, sedenta da discórdia e do grito de guerra.

Quanto a Atena, envergou as armas para a guerra. Em torno dos ombros atirou a égide borlada, terrível, toda ela engalanada de Pânico: nela está a Discórdia, está a Sanha, está o gélido Assalto, está a cabeça monstruosa da Górgona, terrível e medonha, portento de Zeus. Na cabeça colocou o elmo de dois chifres e quatro bossas, todo dourado.

Pisou com os pés o carro e pegou na forte lança de brônzea ponta, pesada, imponente, enorme. Hera incitou os cavalos com o chicote; e de sua própria iniciativa rangeram as portas do céu, que as Horas detêm, guardiãs do vasto céu e do Olimpo, desencerrando ou cerrando a nuvem cerrada. Através das portas conduziram os cavalos aguilhoados e encontraram Zeus sentado longe dos outros, no píncaro mais elevado do Olimpo de muitos cumes. Hera refreou então os cavalos e disse a Zeus:

— Será que se zangará comigo se eu expulsar Ares do combate?

A ela deu resposta Zeus, que comanda as nuvens:

— Contra ele incita Atena, ela que sempre quis atingi-lo com dores cruéis.

Assim falou. E as deusas continuaram seu caminho, chicoteando os cavalos, que voaram sem constrangimento entre a terra e o céu cheio de astros.

Tão longe quanto na vaga névoa da distância vê com seus olhos o homem sentado na sentinela, observando o mar cor de vinho — tão longe saltavam na distância os cavalos relinchantes. Mas, quando chegaram a Troia e aos dois rios que lá fluem, lá onde o Simoente e o Escamandro juntam o seu curso, aí a deusa parou os cavalos. Desatrelou-os do carro e sobre eles derramou denso nevoeiro. E para eles o Simoente fez nascer ambrosia para pastarem.

Caminharam então ambas em direção à zona onde estavam os gregos. Mas quando chegaram ao local onde se juntava maior número de valentes em torno de Diomedes, semelhantes a leões de cruenta voracidade ou a selvagens javalis, cuja força não é pouca, foi então que Hera gritou, assemelhando-se a Estentor de brônzea voz, cuja voz equivalia à de outros cinquenta homens:

— Vergonha, ó gregos! Enquanto Aquiles participava da guerra, nunca os troianos tiveram este atrevimento!

Assim dizendo, incitou a coragem e o ânimo de cada um. Atena saltou para junto de Diomedes. Encontrou-o perto de seus cavalos e de seu carro, refrescando a ferida que a flecha de Pândaro lhe infligira. O suor afligia-o debaixo do largo cinturão do escudo redondo: ao mesmo tempo, ele tentava limpar o negro sangue. Mas a deusa agarrou o jugo dos cavalos e disse:

— Pouco parecido com você foi o filho que Tideu gerou. Tideu não era de pequena estatura, mas um guerreiro! Quanto a você, estou do seu lado e o protejo; com afinco lhe ordeno combater os troianos. Mas ou a fadiga de muitas lutas entrou-lhe no corpo, ou então o domina o desânimo temeroso; se assim é, não pode ser filho de Tideu.

Respondendo-lhe, assim falou o possante Diomedes:

— Reconheço-a, ó deusa, filha de Zeus. Por isso, de bom grado lhe falarei sem nada esconder. Não é o desânimo temeroso que me domina, nem outro receio, mas ainda estou lembrado das ordens por você impostas: não me permitiu combater frente a frente contra os outros deuses imortais, mas se a filha de Zeus, Afrodite, entrasse na liça, a ela deveria eu ferir com o bronze afiado. Foi por isso que agora cedi, pois reconheço que Ares está dominando a batalha.

Atena deu-lhe então esta resposta:

— Diomedes, que encanta o meu coração, não tenha medo de Ares: sou sua auxiliadora. Conduza os cavalos contra Ares e fira de perto esse traidor, esse deus que é todas as coisas para todos os homens! Ele, que antes me prometeu que combateria contra os troianos, mas agora combate a favor deles, esquecido do que prometera.

Assim falando, a deusa atirou Estênelo para fora do carro. Tomou ela o lugar dele, e o eixo das rodas rangeu, pois o carro levava uma deusa e um nobre guerreiro, que investiam contra o próprio deus da guerra.

Ora, Ares, coberto de sangue, estava despindo de suas armas o musculoso Perifante, o melhor dos etólios. Atena pôs na cabeça o gorro de Hades, para que Ares não a visse. Assim que o deus viu Diomedes, deixou jazente onde estava o musculoso Perifante, no mesmo local onde o abatera e lhe tirara a vida, e foi direto contra Diomedes.

Quando estavam já próximos, avançando um contra o outro, Ares arremeteu por cima do jugo e das rédeas dos cavalos com a lança de bronze, desejoso de matar Diomedes. Mas Atena agarrou na lança de Ares e atirou-a por cima do carro. Em seguida, foi Diomedes a arremeter com a lança de bronze; Atena conduziu-a

contra Ares até que o atingiu e feriu, rasgando a linda pele. Ares urrou, então, como urram nove mil ou dez mil homens na guerra. E um tremor dominou os gregos e os troianos, aterrados, de tal forma rugira Ares.

Como das nuvens surge a densa escuridão quando do bafo canicular um vento agreste se levanta: a Diomedes assim surgiu Ares, lançando-se por meio das nuvens na celestial vastidão. Depressa chegou à sede dos deuses, ao escarpado Olimpo, e ao lado de Zeus se sentou, desalentado; indicou o icor imortal que fluía da ferida e lamentando-se proferiu estas palavras:

— Zeus pai, não vê que gerou uma filha desvairada e funesta? Ela incentivou o arrogante Diomedes para que lutasse contra os deuses imortais. Foi Afrodite que ele feriu primeiro, no pulso, e depois contra mim arremeteu! Levaram-me para longe meus céleres pés; senão teria ali padecido sofrimentos no meio dos cadáveres repulsivos.

Fitando-o de sobrolho carregado disse Zeus, que comanda as nuvens:

— Você, que é todas as coisas para todos os homens, não se lamente aqui sentado! Dos deuses do Olimpo é, para mim, o mais odioso. Sempre lhe são gratos os conflitos, as guerras e as lutas. Tem o feitio insuportável e inflexível da sua mãe, Hera. No entanto, é meu filho, e por isso não permitirei que esteja com dores.

Assim falou; e deu ordem para que lhe fossem aplicados fármacos anuladores do sofrimento. Depois Hebe deu-lhe banho e vestiu-o com vestes graciosas. E Ares sentou-se ao lado de Zeus.

De volta para o palácio do grande Zeus regressaram Hera e Atena: elas, que tinham vencido o próprio deus da guerra, flagelo dos mortais.

Diomedes, que ficara no campo de batalha, deu então de cara com Glauco, amigo de Sarpédon. Avançaram um contra o outro, desejosos de combater. E quando já estavam perto, o primeiro a falar foi Diomedes:

— Quem é você? Nunca o vi antes. Agora saia muito à frente de todos os outros na sua audácia e aguarde a minha lança de longa sombra. Filhos de infelizes são os que se opõem à minha força.

Glauco, contudo, sabia quem era o guerreiro que lhe dirigira a palavra, e assim lhe disse:

— Diomedes, por que quer saber da minha linhagem? Assim como a linhagem das folhas, assim é a dos homens. Às folhas, atira-as o vento ao chão; mas a floresta, no seu viço, faz nascer outras, quando sobrevém a estação da primavera: assim nasce uma geração de homens; e outra deixa de existir. Mas, se quiser, ouça também isto, para que fique sabendo da minha linhagem. Minha pátria é a Lícia; afirmo ser filho de Hipóloco. Foi ele que me mandou para Troia com esta recomendação: que primasse pela valentia e fosse superior aos outros todos, para que não desonrasse a linhagem paterna, que na ampla Lícia detém a maior nobreza. É desse sangue que declaro descender.

Assim falou; e Diomedes regozijou-se. Espetou a lança na terra e com doces palavras se dirigiu a Glauco:

— Na verdade, é de uma linhagem amiga da família do meu pai! Por conseguinte, sou seu amigo e anfitrião na Grécia; você é meu amigo e anfitrião na Lícia, se eu visitar a terra daquele povo. Evitemos, pois, a lança um do outro. Há muitos troianos para eu matar; e gregos não faltam para se oporem à sua lança. Quanto a nós, troquemos agora as nossas armaduras, para que até estes aqui saibam que somos, há várias gerações, amigos um do outro.

Depois que assim falaram, ambos saltaram dos carros: apertaram as mãos e juraram ser fiéis amigos. Foi então que Zeus tirou o discernimento de Glauco; ele, que trocou com Diomedes armas de ouro por armas de bronze: o valor de cem bois pelo de nove.



6. Cenas de família em Troia

Nesse meio-tempo, no campo de batalha, Heleno aproximou-se de seu irmão Heitor e deu-lhe esta recomendação:

— Heitor, volte rapidamente para Troia e peça à nossa mãe para reunir as anciãs no templo de Atena na acrópole. Depois de abrir com a chave as portas da casa sagrada, que ela escolha uma veste para oferecer à deusa, jurando que lhe sacrificará no templo doze vitelas, para que ela se compadeça da cidade, das mulheres e dos filhos pequenos dos troianos, para que afaste de nós Diomedes, esse feroz lanceiro. Nem Aquiles nos causou tamanha preocupação, embora seja filho de uma deusa. Mas esse homem é terrível e ninguém o iguala pela força.

Assim falou; e Heitor não desobedeceu ao irmão. Aos troianos bradou Heitor, vociferando bem alto:

— Troianos corajosos e famigerados aliados! Sejam homens, amigos! Lembrem-se da coragem! Irei agora a Troia para dizer aos anciãos conselheiros e às nossas mulheres que rezem aos deuses, pois precisamos urgentemente de ajuda divina.

Quando Heitor chegou aos portões de Troia, correram até ele as esposas e filhas dos troianos, perguntando-lhe pelos filhos, pelos irmãos, pelos parentes e pelos maridos. Ele recomendou a todas que rezassem aos deuses e prosseguiu seu caminho, até chegar ao

palácio de Príamo, todo adornado com belas colunatas. Nesse palácio, havia cinquenta aposentos de pedra polida, construídos uns perto dos outros: era lá que dormiam os filhos de Príamo, ao lado de suas esposas legítimas. Do outro lado, em frente, dentro do pátio, ficavam os aposentos das filhas: era lá que dormiam os genros de Príamo, ao lado de suas esposas. Assim que Heitor entrou no palácio, veio a seu encontro Hécuba, sua mãe. Acariciando-o, ela o chamou pelo nome:

— Heitor, meu querido filho, passa-se alguma coisa? Os malfadados gregos oprimem os troianos e você vem ao templo para rezar? Fique aqui um pouco, até que eu lhe traga uma taça de vinho, para que você ofereça libações a Zeus e aos outros imortais em primeiro lugar; depois, você também tirará proveito, se beber. Ao homem cansado o vinho aumenta grandemente a força: como no seu caso, cansado que está por defender os seus.

A ela respondeu em seguida o alto Heitor do elmo faiscante:

— Não me traga vinho, ó mãe, para que não me quebrante a força e a coragem. Envergonho-me de oferecer a Zeus uma libação de vinho com mãos sujas; nem fica bem ao homem empastado de sangue e sujeira rezar aos deuses. Quero lhe pedir que leve oferendas ao templo de Atena, depois de ter reunido as anciãs. Prometa-lhe um sacrifício de doze vitelas, para que ela se compadeça da cidade, das mulheres e dos filhos pequenos dos troianos. De minha parte, irei atrás de Páris, para chamá-lo, na esperança de que ouça as minhas palavras. Quem me dera que a terra abrisse um abismo à frente dele! Se eu o visse descer para a mansão de Hades, diria que meu coração esquecera o sofrimento.

Assim falou. Ela foi para a grande sala chamar as criadas; e estas reuniram em toda a cidade as anciãs. A rainha desceu à perfumada câmara do tesouro, onde estavam suas vestes ricamente bordadas,

trabalho de mulheres que Páris trouxera da Sidônia. Entre elas, escolheu Hécuba uma veste como dom para Atena: a que era mais bela, mais variada e mais ampla; refulgia como um astro por baixo das outras vestes. Pôs-se então a caminho e com ela seguiram muitas anciãs.

Quando chegaram ao templo de Atena na acrópole, a sacerdotisa de Atena abriu-lhes a porta. Levantaram todas as mãos a Atena com grito ululante; e a sacerdotisa pegou a veste e colocou-a nos joelhos de Atena, assim rezando à filha do grande Zeus:

— Atena protetora! Quebre a lança de Diomedes e conceda que ele tombe de cabeça diante dos portões de Troia, para que imediatamente lhe sacrifiquemos doze vitelas.

Assim rezou. Mas a prece foi rejeitada por Atena.

Enquanto elas assim rezavam à filha de Zeus, Heitor dirigiu-se ao belo palácio de Páris: o palácio que ele próprio construía com homens que eram os melhores construtores de Troia. Foram eles que fizeram o leito nupcial, a sala e o pátio, perto dos palácios de Príamo e Heitor, na acrópole. Nele entrou Heitor e encontrou o irmão no leito tratando das belas armas, do escudo e da couraça, e sentindo, pelo tato, o arco recurvo. Helena estava sentada entre as servas, indicando às criadas os seus trabalhos. Heitor olhou com desprezo para o irmão e repreendeu-o com palavras humilhantes:

— Estranha criatura! Não fica bem estar por aí amuado. As tropas morrem em torno da cidade e da íngreme muralha, em combate; e é por você que a guerra lavra em volta da cidade. Você mesmo se zangaria com outro qualquer que visse tentando retirar-se da batalha. Vai, levante-se, antes que a cidade se abra em fogo ardente.

Páris deu-lhe então esta resposta:

— Heitor, censura-me com razão, mas ouça o que eu digo. Não é por raiva e ressentimento contra os troianos que me sento no leito, mas porque quis ceder à tristeza. Helena já tentou me convencer a voltar para a guerra, e eu também refleti comigo mesmo que essa seria a melhor coisa. Espere só mais um pouco, para que eu vista a minha armadura de guerra. Ou então parta, e daqui a pouco me encontrarei com você.

Assim falou; mas Heitor não lhe deu resposta. Foi Helena que se dirigiu a ele com doces palavras:

— Cunhado, quem dera que no dia em que nasci a rajada maligna da tempestade tivesse me arrebatado para a montanha ou para o mar marulhante, aonde a onda me levasse antes de terem acontecido estas coisas. Porém, uma vez que os deuses decretaram tais males, quem me dera ter sido mulher de um homem mais digno. Mas este homem não está no seu perfeito juízo, nem alguma vez estará. Agora entre e sente-se nesta cadeira, ó cunhado, já que a você, sobretudo, o sofrimento cercou o espírito. Sobre nós fez Zeus abater um destino doloroso, para que no futuro sejamos tema de canto para homens ainda por nascer.

Assim lhe respondeu Heitor:

— Não posso me sentar, Helena. Tenho de voltar à batalha, para levar auxílio aos troianos, que de mim, ausente, sentem grande saudade. E você tente incentivar meu irmão. Agora irei à minha casa, para ver minha mulher e meu filho. Não sei se, depois de hoje, ainda voltarei a vê-los.

Assim falando, partiu Heitor; e depressa chegou ao seu palácio. Não encontrou Andrômaca, sua mulher, na grande sala: é que ela, junto com o filho e uma criada, tinha ido para a muralha, chorando e lamentando-se. Quando Heitor não encontrou a mulher em casa, assim falou às servas:

— Agora, ó servas, digam-me: em que direção saiu Andrômaca? Será que foi para a casa das minhas irmãs ou das minhas cunhadas? Ou terá ido ao templo de Atena, onde as outras troianas tentam conseguir a boa vontade da deusa?

A ele deu resposta a atarefada governanta:

— Heitor, sua mulher foi para a grande muralha de Troia, porque ouviu dizer que os troianos estavam em desvantagem em relação aos gregos. Assim que ela ouviu dizer isso, foi logo correndo à muralha, igual a uma tresloucada. Com ela foi a ama com a criança.

Assim falou a governanta. Heitor saiu apressado de casa e percorreu o mesmo caminho pelas ruas bem construídas. Quando, tendo atravessado a grande cidadela, chegou aos portões através dos quais se saía para a planície, eis que correu ao seu encontro Andrômaca! Com ela vinha a criada, segurando no colo o doce menino tão pequeno, filho amado de Heitor, semelhante a uma linda estrela, a quem todos chamavam Astíanax. Heitor sorriu, olhando em silêncio para o filho. Andrômaca aproximou-se dele com lágrimas nos olhos e, acariciando-o, chamou-lhe pelo nome:

— Heitor, é sua coragem que o matará! Não tem pena desta criança nem de mim, que depressa serei sua viúva. Os gregos hão de matá-lo. E para mim seria melhor descer para debaixo da terra, se de você ficar privada. Nunca, para mim, haverá algum consolo, quando você encontrar seu destino, mas apenas sofrimento. Já não tenho pai nem mãe: meu pai foi morto por Aquiles, que arrasou a cidadela bem habitada dos cilícios. Lá assassinou meu pai e meus sete irmãos. Depois, vendeu minha mãe como escrava; ela morreu logo, de desgosto. Por isso, para mim, Heitor, você é pai e mãe; é irmão para mim e é também meu marido. Tenha pena de mim e fique aqui dentro da cidade; deixe os outros combaterem.

Heitor respondeu assim à mulher:

— Teria vergonha dos troianos e das troianas se, como um covarde, me mantivesse longe da guerra. Nem meu coração isso consentiria, pois aprendi a ser sempre corajoso e a combater entre os dianteiros dos troianos, esforçando-me pelo grande renome de meu pai e pelo meu. Pois isto eu bem sei no espírito e no coração: virá o dia em que será destruída a sacra Troia, assim como Príamo e o povo de Príamo. Mas não é tanto o sofrimento futuro dos troianos que me importa, nem da própria Hécuba, nem do rei Príamo, nem dos meus irmãos, que muitos e valentes tombarão na poeira devido à violência de homens inimigos; muito mais me importa seu sofrimento, quando em lágrimas você for levada como escrava por um dos gregos. Na Grécia, tecerá no tear, sob as ordens de outra mulher; ou então, contrariada, levará água e lavará o chão, pois não terá alternativa. E alguém assim falará, ao ver suas lágrimas: “Esta é a mulher de Heitor, que dos troianos era o melhor guerreiro, quando se combatia em torno de Troia”. Assim falará alguém. E a você sobrevirá uma dor renovada, pela falta que lhe fará um marido como eu para afastar a escravidão. Mas que a terra amontoada em cima do meu cadáver me esconda antes que eu ouça seus gritos quando a arrastarem para o cativo.

Assim falando, Heitor foi abraçar o filho, mas o menino voltou para o regaço da ama, gritando, assustado com o aspecto do pai, que trazia na cabeça o elmo com uma crista de crinas de cavalo. Então riram ambos os pais, e Heitor tirou o elmo da cabeça e o depôs no chão da casa. Em seguida beijou e abraçou o filho, e a Zeus e aos outros deuses dirigiu esta oração:

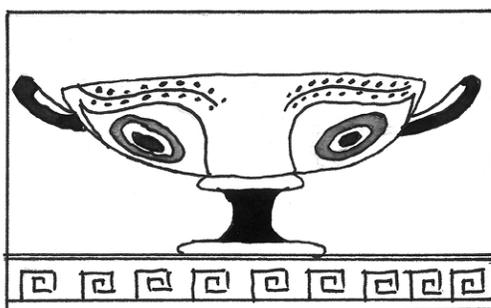
— Ó Zeus e demais deuses, concedam-me que este meu filho venha a ser como eu, o melhor entre os troianos; que seja ilustre pela força e que pela autoridade seja rei de Troia. Que no futuro alguém diga “este é muito melhor que o pai”, ao regressar da

guerra. Que traga os despojos sangrentos do inimigo que matou e que exulte o coração de sua mãe!

Assim dizendo, pôs o filho nos braços de Andrômaca. Ela o recebeu no colo perfumado, sorrindo por entre as lágrimas. Mas, ao perceber como ela reagia, Heitor sentiu pena; e, acariciando-a, chamou-lhe pelo nome:

— Andrômaca, não me entristeça muito o coração. Nenhum homem além do destino me precipitará no Hades; porém, digo-lhe não existir homem algum que à morte tenha fugido, nem o covarde, nem o valente: basta que tenha nascido. Agora volte para os seus aposentos e preste atenção em seus labores, no tear e na roca; e ordene às suas servas que façam o seu trabalho. Pois a guerra é aos homens que compete; a mim, sobretudo.

Assim falando, Heitor pegou no elmo com crinas de cavalo. Sua mulher amada regressou a casa, voltando-se muitas vezes para trás, em choro abundante. Ao chegar em casa, Andrômaca ergueu um lamento no meio das servas. Elas choravam Heitor ainda vivo: já pensavam que ele não voltaria da guerra.



7. Zeus proíbe os deuses de combater

Na manhã seguinte, quando a Aurora espalhava por toda a terra o seu manto cor-de-rosa, Zeus reuniu os deuses no píncaro do Olimpo de muitos cumes. Ele tomou a palavra, e todos os deuses o escutaram:

— Ouçam-me, ó deuses e deusas. Eu os proíbo, doravante, de interferir na guerra entre gregos e troianos. Quem eu observar oferecendo ajuda quer aos troianos, quer aos gregos, lançarei no Tártaro sombrio, para o abismo mais fundo sob a terra, onde os portões são de ferro e o chão é de bronze, tão longe sob o Hades como sob o céu está a terra.

Assim falou; e todos permaneceram em silêncio, espantados com as palavras dele, pois com força se exprimira. Por fim, falou Atena:

— Pai de todos nós, mais excelso dos soberanos, nós bem sabemos quão grande é sua força. No entanto, temos pena dos gregos, que agora morrerão ao cumprir um funesto destino. Mas desistiremos do combate, tal como ordena.

Tendo proclamado sua proibição, Zeus atrelou ao carro os cavalos de brônzeos cascos, ambos velozes e com longas crinas douradas; agarrou no chicote de ouro bem urdido e subiu no carro. Os cavalos voaram livremente entre a terra e o céu cheio de astros. Chegaram ao Ida, montanha de muitas fontes, mãe de feras: a Gárgaro, onde

Zeus tem seu recinto e seu perfumado altar. Aí ele desatrelou os cavalos e sobre eles derramou denso nevoeiro. Zeus sentou-se então no cume mais alto da montanha, para observar a cidade dos troianos e as naus dos gregos.

Estes tinham tomado às pressas a refeição nas tendas; levantaram-se depois para se armar. Por seu lado, armaram-se os troianos na cidade; eram em menor número, mas ávidos de combater, pela necessidade de defender os filhos e as mulheres. Escancararam os portões e para fora se precipitou o exército, tanto a infantaria como a cavalaria. Levantou-se um fragor desmedido. Então, de novo se ouviu o gemido e o grito triunfal dos homens que matavam e eram mortos. A terra ficou alagada de sangue.

Enquanto era de manhã e o dia sagrado aumentava, de ambos os lados acertavam as lanças e os soldados morriam. Quando o Sol chegou ao meio do firmamento, Zeus ergueu a balança de ouro e nela colocou os dois destinos da morte irreversível para troianos domadores de cavalos e gregos de brônzeas túnicas, segurando a balança pelo meio. O dia era fatal para os gregos. Bem alto trovejou Zeus do Ida e lançou um relâmpago candente no meio do exército dos gregos, que se admiraram perante tal visão. A todos dominou o pálido terror.

Foi então que nem Idomeneu aguentou ficar no campo de batalha, nem Agamêmnon; nem os dois Ajantes ficaram; ficou só Nestor, não porque quisesse, mas porque um cavalo estava ferido, alvejado por Páris, no alto da cabeça, onde a crina dos cavalos desponta da testa e fica o ponto mais vulnerável. Com a dor o cavalo empinara, pois a flecha lhe entrava no cérebro: lançou a confusão entre carros e cavalos à medida que se retorcia. Mas, quando o ancião saltou para cortar os tirantes com a espada, vieram os cavalos velozes de Heitor por entre a multidão,

transportando um auriga audaz: o próprio Heitor. E naquele momento teria o ancião perdido a vida, se logo o não tivesse visto Diomedes. Com um grito terrível assim incitou Ulisses:

— Filho de Laertes, Ulisses de mil ardis! Para onde foge, virando as costas como um covarde? Que não o atinja, enquanto foge, uma lança nas costas! Fique aqui agora, para afastarmos do ancião o homem selvagem.

Assim falou; mas Ulisses não lhe deu ouvidos. Apressou-se para junto das naus. Apesar de só, Diomedes juntou-se aos combatentes dianteiros e postou-se na frente dos cavalos de Nestor. Falando-lhe proferiu estas palavras:

— Ancião, na verdade são jovens lanceiros que o acoçam: oprime-o a difícil velhice, além de lentos serem seus cavalos. Mas suba no meu carro, para que veja como são os cavalos de Trós, que pela planície sabem correr com rapidez, em perseguição ou debandada. Tirei-os recentemente de Eneias. Que os escudeiros tratem de seus cavalos, mas estes dois conduziremos contra os troianos, para que Heitor fique sabendo o que vale a minha lança.

Assim falou; e Nestor seguiu seu conselho. Das éguas de Nestor trataram em seguida dois escudeiros valentes, Estênelo e Eurimedonte. Quanto a ele, subiu no carro de Diomedes. Nestor tomou nas mãos as rédeas resplandecentes e chicoteou os cavalos; depressa chegaram perto de Heitor, a quem Diomedes alvejou enquanto ia de encontro a ele. Não o atingiu, mas ao escudeiro que segurava as rédeas atingiu no peito, junto do mamilo. Ele tombou do carro, e desviaram-se os cavalos. Ali dele se afrouxaram a força e a vida. De Heitor se apoderou uma dor terrível pelo auriga; porém, deixou-o ali jazente, embora sofresse pelo companheiro, e pôs-se a procurar outro auriga audaz. Não foi por muito tempo que seus

cavalos ficaram sem condutor, pois logo encontrou Arqueptólemo, a quem deu as rédeas.

Nesse momento, Zeus, trovejando de modo terrível, lançou um branco relâmpago e o fez cair na terra diante dos cavalos de Diomedes. Levantou-se uma labareda terrível de enxofre ardente, e os cavalos, aterrorizados, prostraram-se. Das mãos de Nestor fugiram as rédeas purpúreas e, com temor no coração, ele assim disse a Diomedes:

— Vire em fuga seus cavalos. Não percebe o que Zeus está nos dizendo? Ele hoje quer dar toda a glória a Heitor.

Diomedes deu-lhe esta resposta:

— Não posso admitir que Heitor diga um dia, no meio dos troianos: “Diomedes, por mim afugentado, voltou para as naus”. Que nesse dia a ampla terra abra um abismo à minha frente.

Respondendo-lhe assim falou Nestor:

— Heitor que diga o que quiser, mas não lhe darão crédito as mulheres troianas cujos maridos você atirou ao chão na batalha, mortos.

Assim falando, virou em fuga os cavalos; os troianos e Heitor entornavam sobre eles dardos e flechas. Heitor gritou então bem alto contra Diomedes:

— Diomedes, você, afinal, sempre foi uma mulher. Fuja, menina medrosa! Não pense que vai escalar nossas muralhas ou levar nas naus nossas mulheres. Antes disso terei tratado do seu destino.

Assim falou; e Diomedes ficou dividido sobre o que fazer: se viraria os cavalos ou o combateria frente a frente. Três vezes hesitou no espírito e no coração; e três vezes do Ida trovejou Zeus, dando aos troianos sinal da vitória alteradora da batalha. Aos troianos bradou Heitor, vociferando bem alto:

— Troianos e lícios! Sejam homens, amigos! Vamos agora deitar fogo às naus dos gregos!

Assim falou, orgulhoso. Ouvindo essas palavras, irritou-se Hera no alto Olimpo. E assim falou ao poderoso deus Posêidon:

— Não lhe comove o coração ver os gregos morrendo? Eles, que tantos sacrifícios lhe oferecem?

Aborrecido, disse-lhe então o poderoso Sacudidor da Terra:

— Hera, não podemos lutar contra Zeus, pois ele é de longe o mais forte de todos nós.

No campo de batalha, os troianos encurralavam os gregos. E logo teria Heitor lançado fogo às naus se Hera não tivesse inspirado no espírito de Agamêmnon a iniciativa de rapidamente incitar seus soldados. Caminhou ao longo das tendas e das naus; postou-se perto da nau de grande quilha de Ulisses, que estava no meio, de modo que fosse ouvido de ambos os lados, das tendas de Ájax, filho de Télamon, até as de Aquiles — eles que nos extremos tinham colocado as naus, confiantes em sua coragem e em sua força. Com um grito penetrante assim falou aos gregos:

— Que vergonha! Para onde foram as jactâncias, quando dizíamos ser os melhores? E vocês não disseram, presunçosamente, ao beberem taças repletas até a borda de vinho, que cada um enfrentaria na guerra cem troianos, ou até duzentos? Pois agora nem são dignos de um: Heitor depressa queimará as naus com fogo ardente. Zeus pai, conceda-me ao menos este favor: permita que escapemos; não deixe que os gregos sejam chacinados pelos troianos.

Assim falou; e Zeus compadeceu-se dele, que chorava, garantindo que seu povo se salvaria e não pereceria. Logo enviou uma águia, mais seguro dos alados portentos, segurando nas garras um gamo, cria de uma rápida corça. Deixou cair o gamo junto do altar de

Zeus, onde os gregos costumavam fazer sacrifícios ao senhor de todos os portentos. Os soldados perceberam que a águia era enviada por Zeus e com força redobrada se lançaram contra os troianos.

Diomedes foi o primeiro a matar um homem armado dos troianos, Agelau, filho de Fradmo, que virara os cavalos para fugir. Enquanto se virava, nas costas, entre os ombros, lhe fixou o grego a lança, que lhe trespassou o peito. Tombou do carro e sobre ele ressoaram as armas.

Depois dele vieram os atridas, Agamêmnon e Menelau; e depois deles os dois Ajantes, vestidos de coragem; e depois deles Idomeneu e o camarada de Idomeneu, Meríones; e depois deles Eurípilo, glorioso filho de Evémon; e por fim chegou Teucro, rete-sando o arco que flectia para trás. Posicionou-se sob o escudo de Ajax Telamônio, que assim o protegeu. De lá, Teucro atingia com seu disparo alguém na multidão, que tombava e perdia a vida.

Quem foram os troianos que Teucro matou? Primeiro, Orsíloco; depois, Órmeno e Ofelestes e Detor e Crômio e Licofonte igual dos deuses e Amopáon, filho de Poliémon, e Melanipo. A todos, um seguido do outro, fez tombar na terra provedora de dons. Ao vê-lo se regozijou Agamêmnon, soberano dos homens, pois dizimava as falanges dos troianos com o arco possante. Postou-se junto dele e assim lhe dirigiu a palavra:

— Teucro, filho de Télamon! Continue a disparar assim, vamos ver se se torna a luz dos gregos!

Respondendo-lhe assim falou Teucro:

— Agamêmnon, não desisto enquanto tiver força. Já disparei oito flechas de compridas barbas; e todas se fixaram na carne de homens rápidos no combate. Só neste cão raivoso chamado Heitor é que não há meio de acertar!

Assim falando, da corda disparou outra seta contra Heitor; o coração incitara-o a atingi-lo. Todavia, não acertou nele, mas em Gorgítion, filho valente de Príamo, que inclinou a cabeça como a papoula à qual no jardim pesam as sementes e as chuvas da primavera — assim, ao morrer, inclinou a cabeça.

Teucro voltou a disparar outra seta contra Heitor. De novo não acertou nele; dessa vez, Apolo desviou a seta, que acertou em Arqueptólemo, auriga de Heitor, que foi atingido junto ao mamilo. Tombou do carro e foi aí que se lhe deslassaram a alma e a força.

De Heitor se apoderou uma dor terrível pelo auriga. Mas deixou-o jazente, embora sofresse pelo amigo, e ordenou a Cebríones, seu irmão, que estava ali perto, que tomasse as rédeas dos corcéis; ele ouviu e não desobedeceu. Heitor saltou para o chão do carro resplandecente e emitiu um grito medonho; agarrando com a mão numa rocha, foi direto contra Teucro, pois o coração o impelia a feri-lo.

Ora, Teucro tirara da aljava uma seta e colocava-a na corda: enquanto a esticava, Heitor atirou a rocha e atingiu-o junto do ombro, onde a clavícula separa o pescoço e o peito, local extremamente vulnerável. Foi aí que Heitor o atingiu, ávido por feri-lo com a pedra lacerante. Teucro perdeu logo a sensibilidade no braço; tombou de joelhos e o arco caiu-lhe da mão.

Ájax, porém, não desamparou o irmão que tombara: foi correndo e pôs-se de plantão, cobrindo-o com o escudo. Em seguida se agacharam dois fiéis companheiros, Mecisteu, filho de Équio, e o divino Alastor; e para as naus o levaram, gemendo profundamente.

De novo nos troianos Zeus incitou a coragem. Entre os dianteiros, ia Heitor, exultante na sua força. Tal como o galgo que, na perseguição com patas velozes, ao javali ou ao leão toca por trás, no flanco ou nas nádegas, e está atento ao momento em que a presa se

desvia — assim Heitor pressionava os gregos, matando quem ficava para trás. Eles fugiam, desbaratados.

Ao ver os gregos sofrendo dessa forma, compadeceu-se a deusa Hera, que logo disse a Atena:

— Ah, filha de Zeus! Será que dos gregos não sentimos pena uma última vez? Morrem, enchendo até em cima a medida do destino maligno, por causa da investida de um só homem, louco, insuportável: Heitor, que está causando tantas desgraças.

A ela deu resposta a deusa Atena:

— Zeus está cumprindo o que prometeu a Tétis, que lhe beijou os joelhos e lhe agarrou o queixo com a mão, suplicando-lhe que honrasse Aquiles. Mas tentemos agora trazer salvação aos gregos, antes que Heitor os mate a todos.

Assim falou; e as duas deusas foram rapidamente para seu carro, para se dirigirem de imediato ao campo de batalha. Com o chicote incitou Hera os cavalos; e de sua própria iniciativa rangeram as portas do céu, que as Horas detêm, guardiãs do vasto céu e do Olimpo, descerrando ou cerrando a nuvem cerrada. Através das portas conduziram os cavalos aguilhoados.

Quando Zeus, sentado no Ida, viu-as saindo das portas do Olimpo, encolerizou-se de modo terrível; e mandou Íris transmitir-lhes uma mensagem:

— Apresse-se, célere Íris! Mande-as voltar para trás e não deixe que elas apareçam à minha frente! Pois isso lhe direi, coisa que haverá de se cumprir: debaixo do carro lhes estropiarei seus cavalos velozes e a elas próprias atirarei do carro, estilhaçando-o. Nem decorridos dez mil anos se curarão das feridas que lhes serão infligidas pelo relâmpago.

Assim falou; e com pés de tempestade foi Íris dar a notícia. Das montanhas do Ida chegou ao alto Olimpo e a ambas transmitiu a

palavra de Zeus:

— Aonde se apressam a ir? Por que no peito se lhes enlouquece o coração? Zeus não permite que prestem auxílio aos gregos. Se desobedecerem, nem decorridos dez mil anos se curarão das feridas que lhes serão infligidas por seu relâmpago.

Tendo assim falado, partiu Íris de pés velozes; porém, Hera dirigiu a Atena o seguinte discurso:

— Ah, filha de Zeus! Não lutemos contra Zeus por causa dos homens mortais. Que um morra e outro continue a viver, conforme o destino.

Assim falando, virou os cavalos, que as Horas desatrelaram e ataram nas manjedouras de ambrosia, encostando o carro contra a parede resplandecente. As deusas foram sentar-se em tronos dourados, no meio dos outros deuses, acabrunhadas em seu coração.

Zeus conduziu do Ida o carro de belas rodas para o Olimpo e entrou na assembleia dos deuses. Desatrelou-lhe os cavalos Posêidon, Sacudidor da Terra, que colocou o carro no suporte, estendendo por cima um pano. Zeus sentou-se depois no trono dourado e debaixo de seus pés o alto Olimpo estremeceu. Afastadas de Zeus, apenas Atena e Hera se sentavam; nem lhe dirigiram a palavra nem o questionaram. Ele, porém, assim falou para provocá-las:

— Que se passa com vocês, Atena e Hera? Não se cansaram certamente de matar troianos na planície de Troia!

Assim falou; de seu lado sussurraram Atena e Hera, sentadas uma ao lado da outra. Atena ficou em silêncio, embora furiosa com Zeus, dominada por uma raiva selvagem. Hera não conteve a ira no peito, e declarou:

— Temos pena dos gregos, que agora morrerão ao cumprirem um funesto destino. Mas desistiremos do combate, tal como ordena.

Em resposta lhe falou Zeus, que comanda as nuvens:

— Ao nascer da aurora, você me verá destruir o exército numeroso dos gregos. E Heitor não desistirá da guerra antes que Aquiles volte de novo a combater, no dia em que, às proas das naus, combaterão no mais terrível aperto em torno de Pátroclo morto, como está destinado.

Assim falou; mas Hera não lhe deu resposta alguma.

A radiosa luminescência do Sol caiu no Oceano, arrastando a negra noite por cima da terra dadora de cereais. À revelia dos troianos se desvaneceu a luz, mas para os gregos bem-vindo e três vezes implorado chegou o negrume da noite.

Foi então que o glorioso Heitor convocou a assembleia dos troianos, levando-os para longe das naus, para junto dos redemoinhos do rio, em local puro, onde o chão estava livre de cadáveres. Desmontaram dos carros, para ouvir o discurso de Heitor. Na mão, ele segurava uma lança de brônzea ponta, em torno da qual passava um anel de ouro. Apoiado na lança, dirigiu aos troianos estas palavras:

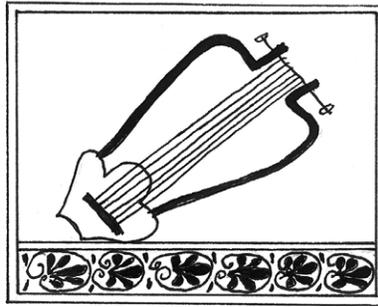
— Ouçam-me, troianos e aliados! Pensava agora destruir as naus e todos os gregos, para depois regressar vitorioso para Troia. Mas antes disso sobreveio a escuridão, que salvou os gregos e as naus na orla do mar. Cedamos agora à noite escura e preparemos nossa ceia. Desatrelem dos carros os cavalos e lancem comida diante deles. Da cidade tragam bois e robustas ovelhas rapidamente; providenciem vinho doce como mel e pão de suas casas; e recolham também muita lenha, para que toda a noite, até a aurora que cedo desponta, façamos arder muitos fogos, cujo brilho chegue ao céu,

não vão os gregos apressar-se a fugir durante a noite sobre o vasto dorso do mar. Que sem esforço eles não embarquem em segurança, mas que algum deles, devido a um dardo, ainda sofra em casa, atingido por uma seta ou uma lança afiada, ao precipitar-se para a nau, para que a outro repugne trazer aos troianos a guerra lacrimosa. E que arautos anunciem na cidadela que rapazes no viço da juventude e velhos de brancas têmperas devem se congregar nas muralhas. Quanto às mulheres, que cada uma ateie em sua casa um grande fogo; e que se faça uma zelosa vigília, para que um assalto não entre na cidade na ausência da hoste. Que assim seja, magnânimos troianos, como eu digo! Que o discurso agora proferido constitua conselho benéfico; à aurora dirigirei outro aos troianos. Rezo esperançado a Zeus e aos outros deuses para que escorracem daqui os cães trazidos pelo destino nas escuras naus.

Assim falou Heitor; e os troianos gritaram alto. Desatrelaram dos jugos os cavalos suados e ataram-nos com correias, cada um junto do seu carro. Da cidade trouxeram bois e robustas ovelhas rapidamente; e providenciaram vinho doce como mel e pão das suas casas; recolheram também muita lenha, e ofereceram aos deuses imaculadas hecatombes. Os ventos levaram o aroma da planície até o céu.

Os troianos, cheios de otimismo, ficaram toda a noite acampados e para eles ardiam muitos fogos. Tal como quando no céu os astros em torno da lua luminosa aparecem com nitidez, quando o ar não tem sopro de vento, e à vista surgem todos os cumes, os altos promontórios e as florestas; do céu se rasga o éter infinito, todos os astros se tornam visíveis e em seu coração se alegra o pastor — assim, no meio das naus e das correntes do Xanto, brilhavam os fogos que os troianos fizeram arder diante de Troia. Mil fogos ardiam na planície, e junto de cada um se sentavam cinquenta

homens no clarão do fogo ardente. E seus cavalos mastigavam a branca cevada e a espelta de pé junto dos carros, aguardando a Aurora do belo trono.



8. *Na tenda de Aquiles*

Desse modo, os troianos se mantiveram vigilantes; mas a inquietação e o pânico dominavam os gregos e um intolerável sofrimento acometia os mais nobres. Como quando dois ventos encrespam o mar e logo a onda escura se levanta com suas cristas e muitas algas se espalham, assim se despedaçava o ânimo no peito dos gregos.

Agamêmnon, acometido no coração por uma dor enorme, andava para a frente e para trás, ordenando aos arautos de voz penetrante que convocassem para a assembleia cada homem pelo nome. Entre os primeiros, ele próprio se afadigava. Sentaram-se na assembleia, acabrunhados. O primeiro a tecer-lhes a teia da prudência foi o ancião Nestor, cujos conselhos desde havia muito todos valorizavam. Bem-intencionado, assim se dirigiu à assembleia:

— Agamêmnon, soberano dos homens! Começo e acabo por me dirigir a você, porque é rei de muitas hostes e foi Zeus que lhe concedeu o cetro. De minha parte, direi o que tenho em mente desde o dia em que você tirou a jovem Briseida da tenda de Aquiles, coisa que não aprovamos. Na verdade eu mesmo tudo fiz para dissuadi-lo; mas você cedeu a seu espírito altivo e, sobre um homem excelente, honrado pelos deuses, lançou desonra. Tem o prêmio que arrebatou. Mas agora pensemos como poderemos

desagravá-lo e persuadi-lo com agradáveis presentes e com palavras suaves.

A ele deu resposta Agamêmnon, soberano dos homens:

— Ó ancião, não foi com mentiras que narrou meus desvarios. Fiquei desvairado, nem eu mesmo nego. Mas quero desculpar-me perante Aquiles e oferecer-lhe presentes gloriosos. Nomearei diante de todos os fulgurantes presentes: sete trípodes sem marca de fogo, dez talentos de ouro, vinte caldeirões resplandecentes, doze poderosos cavalos que ganharam prêmios pela velocidade. Darei ainda sete mulheres peritas em trabalhos irrepreensíveis e, entre elas, estará a que lhe tirei, a filha de Briseu. E jurarei também um grande juramento: nunca com ela fui para a cama nem a ela me uni como é norma entre os humanos, homens e mulheres. Todas essas coisas serão já preparadas; e se no futuro os deuses permitirem saquear a grande cidadela de Príamo, que ele lá entre e encha uma nau com ouro e bronze, quando fizermos a divisão dos despojos; e que ele escolha vinte mulheres troianas, as que sejam mais belas depois de Helena. E, se regressarmos à Grécia, ele será meu genro. Irei honrá-lo como a Orestes, meu filho. São três as filhas que tenho em meu palácio. Destas leve ele a que quiser; e de minha parte oferecerei um dote muito rico, como nenhum homem ainda deu pela filha. Sete cidades lhe darei, bem populosas: Cardâmile, Énope e Hira atapetada de relva; as sagradas Feras e Anteia com seus prados profundos; a bela Epeia e Pédaso coberto de vinhas. Todas estão perto do mar; e nelas habitam homens ricos em rebanhos e em gado, que o honrarão com presentes como se fosse um deus e sob o seu cetro cumprirão as suas prósperas ordenações. Com essas coisas o compensarei, se ele abandonar sua cólera.

A ele deu resposta Nestor:

— Agamêmnon, soberano dos homens! Prêmios jamais desdenháveis oferece a Aquiles! Mas agora incitemos três homens escolhidos, que rapidamente cheguem à tenda dele. Proponho estes nomes: Fênix, que conhece Aquiles desde criança; Ájax, que é seu primo; e Ulisses, o melhor orador de todos. Que com eles sigam dois arautos. Tragam agora água para as mãos e mantenham-se em silêncio, para rezarmos a Zeus: que de nós se compadeça!

Assim falou; e suas palavras foram do agrado de todos. Logo os escudeiros lhes verteram água nas mãos. Vieram jovens encher até a borda as taças de bebida; serviram-nas a todos, tendo vertido primeiro uma libação. Depois de terem invocado os deuses e bebido quanto desejava seu coração, saíram da tenda de Agamêmnon, filho de Atreu. Aos embaixadores que iam para a tenda de Aquiles deu Nestor muitas recomendações, pedindo-lhes que tentassem, de todas as formas, persuadir Aquiles.

Caminharam ao longo da praia do mar marulhante, rezando muito a Posêidon, Sacudidor da Terra, para que facilmente persuadissem o espírito difícil do guerreiro. Chegaram às naus e às tendas dos mirmidões e encontraram Aquiles deleitando-se com a lira de límpido som, bela e bem trabalhada, cuja armação era de prata — lira que ele arrebatara depois de destruir a cidade de que fora rei o pai de Andrômaca, mulher de Heitor. Com esse lindo instrumento deleitava seu coração, cantando os feitos gloriosos dos homens; e só Pátroclo estava sentado à sua frente, ouvindo em silêncio, esperando que Aquiles parasse de cantar.

Os embaixadores avançaram; Ulisses os liderava. Pararam na frente de Aquiles, que logo se levantou, espantado, com a lira na mão, deixando o lugar onde estava sentado. Do mesmo modo se levantou Pátroclo, ao ver os homens. Cumprimentando-os, disse-lhes Aquiles:

— Sejam bem-vindos! Cheguem como homens muito amigos, vocês que, para mim, são os mais estimados de todos os gregos.

Assim dizendo, Aquiles levou-os para dentro e sentou-os em cadeiras e tapetes de púrpura. Logo disse a Pátroclo, que estava ali ao pé:

— Sirvamos alguma coisa a estes convidados, pois são homens muito amigos.

Assim falou; e Pátroclo obedeceu ao querido companheiro. Colocou uma grande tábua de trincar à luz do fogo e sobre ela pôs o lombo de um enorme porco, que Automedonte segurou enquanto Aquiles o trinchava. Cortou fatias cuidadosamente e colocou-as em espetos; Pátroclo atizou o fogo. Depois que o fogo abrandou e a chama esmoreceu, espalhou as cinzas quentes e sobre elas pôs os espetos; salpicou o sal saboroso, apoiando os espetos contra os resguardos do fogo. Depois de ter assado a carne e tê-la colocado em travessas, Pátroclo pegou o pão e arranjou-o em cima da mesa em belos cestos, enquanto Aquiles servia a carne. Foi o próprio Aquiles sentar-se diante de Ulisses, junto da outra parede. Lançaram-se às iguarias que tinham à sua frente. Depois de afastarem o desejo de comida e bebida, Ájax fez sinal a Fênix; Ulisses apercebeu-se disso e encheu uma taça de vinho. Depois saudou Aquiles com estas palavras:

— Salve, Aquiles! Deixe-me falar agora daquilo que nos oprime. Pois é enorme o sofrimento em que estamos. Está em dúvida se salvamos ou perdemos as naus, se não vier em auxílio dos gregos. Perto das naus estão os troianos bivacados. Ateando muitos fogos ao longo do exército, de manhã irão se atirar sobre nossas naus. Zeus, mostrando-lhes do lado direito sinais favoráveis, relampeja; e Heitor, exultando na sua força, reza para que rapidamente surja a Aurora para atear fogo às naus; e junto delas matará todos os

gregos que não sufocarem por causa da fumaça. Terrível é o receio que sinto! Será nosso destino morrermos em Troia? Antes que seja tarde demais, venha em nosso auxílio. Ó amigo! Lembre-se das palavras que lhe disse seu pai, Peleu, quando se despediu de você: “Meu filho, Atena e Hera lhe darão força, se quiserem; mas domine o coração orgulhoso que tem no peito. A afabilidade é preferível. Abstenha-se da discórdia geradora de conflitos, para que os gregos, novos e velhos, o honrem ainda mais”. Disso o incumbiu o ancião, mas você esqueceu. Pare agora, deixe a cólera opressora do coração. E Agamêmnon lhe dará dignos presentes, se abandonar a ira. Se me ouvir, eu enumerarei todos os prêmios que, em sua tenda, Agamêmnon lhe prometeu: sete trípodes sem marca de fogo...

Depois de Ulisses ter enumerado todos os prêmios que Agamêmnon prometia oferecer, Aquiles deu-lhe esta resposta:

— Filho de Laertes, Ulisses de mil ardis! Impõe-se que eu diga a minha opinião claramente. Como os portões do Hades me é odioso aquele homem que esconde uma coisa na mente, mas diz outra. Vou ser muito claro: Agamêmnon não me persuadirá. E a razão é esta: não há consideração para quem luta permanentemente contra os inimigos. Igual porção cabe a quem fica para trás e a quem guerreia; na mesma honra são tidos o covarde e o valente. Só que a morte, essa chega a quem nada faz e a quem muito alcança. Nunca tive vantagem alguma por sofrer dores no coração ao pôr constantemente em risco a minha vida na guerra. Tal como a ave que leva no bico aos seus filhotes tudo aquilo que encontra, enquanto ela própria passa fome, de igual modo eu suportei dias sangrentos em atos de guerra, combatendo homens inimigos por causa de suas mulheres. Doze cidades de homens eu destruí com as minhas naus. Destas cidades retirei numerosos e excelentes

despojos, e carregando todas as coisas dava-as a Agamêmnon, enquanto ele se limitava a receber. Depois distribuía pouco e ficava com muito. Alguns despojos ele deu como prêmios a nobres e reis, que ficaram com eles, incólumes; mas, dentre os gregos, só de mim tirou o prêmio e ficou com a mulher que me agradava. Que durma com ela e tire o seu prazer. Mas por que razão têm os gregos de combater os troianos? Por que reuniu e trouxe para cá a hoste atrida? Por causa de Helena? São apenas os filhos de Atreu que gostam de suas mulheres, entre os homens mortais? Todo aquele que é bom homem e no seu perfeito juízo ama e estima a mulher, tal como eu amava aquela, apesar de ela ser cativa da minha lança. Agora que me tirou o prêmio das mãos e me ludibriou, não pretenda ele tentar-me: bem o conheço. Não me convencerá. Ó Ulisses! Que junto com você e os outros reis ele pense como afastar das naus o fogo abrasador. Na verdade, ele fez muita coisa sem precisar da minha ajuda, até construiu uma muralha e fez escavar perto dela uma vala, grande e ampla, e nela posicionou estacas. Nem assim consegue resistir ao ímpeto de Heitor. Enquanto eu lutava no meio dos gregos, Heitor não pensava em combater longe da muralha. Mas eu não estou interessado em combater contra Heitor. Assim, amanhã farei sacrifícios a Zeus e aos deuses todos; depois de encher bem as naus, vou lançá-las ao mar. Você verá à aurora as minhas naus navegando sobre o Helesponto, e a bordo estarão homens ávidos de dar aos remos. Se o deus do mar me conceder boa viagem, no terceiro dia terei chegado à minha terra, a Ftia. Muitos haveres lá tenho, que deixei ao vir para cá. Mas daqui levarei ouro e fulvo bronze, e as mulheres de bela cintura e o ferro cinzento que me calharam por sorte. Agamêmnon me enganou totalmente e ofendeu-me. São detestáveis seus presentes, não lhes dou valor algum. Nem que me oferecesse dez vezes mais ou vinte

vezes mais do que agora oferece, e que a isso acrescentasse outros prêmios, nem que fossem os tesouros de Orcômeno ou da egípcia Tebas, onde nas casas jaz a maior quantidade de riqueza; Tebas com seus cem portões, e de cada um arremetem duzentos guerreiros equipados com carros e cavalos! Nem que me desse tantos presentes como grãos de pó e areia, nem assim Agamêmnon conseguiria convencer o meu espírito. De valor comensurável à minha vida não são os tesouros que dizem possuir Troia; nem sequer os tesouros contidos na soleira marmórea do arqueiro Febo Apolo nos penhascos de Delfos. Pois extorquíveis são bois e ovelhas e adquiríveis são flavos cavalos; mas que a vida de um homem volte de novo, depois de lhe passar a barreira dos dentes, isso não é possível por extorsão ou aquisição. Na verdade me disse minha mãe, Tétis dos pés prateados, que tenho de escolher entre dois destinos: se eu ficar para combater em Troia, não mais regressarei à minha casa, mas terei um renome imorredouro; porém, se regressar para a amada terra pátria, perece meu renome glorioso. No entanto, terei uma vida longa, e a morte não virá depressa ao meu encontro. Opto então por uma vida longa.

Assim falou; e todos permaneceram em silêncio, admirados com o discurso; pois com veemência exprimira sua recusa. Por fim, tomou a palavra o velho cavaleiro Fênix, rompendo em lágrimas:

— Se em seu espírito lançou o regresso, ó glorioso Aquiles, e não está disposto a repelir das naus o fogo ardente, o que será de mim? Para cá me mandou seu pai, para que eu ensinasse tudo a você, como ser bom orador e nobre guerreiro. Ó Aquiles, domine seu espírito orgulhoso! Não lhe fica bem um coração insensível. Os próprios deuses cedem, eles que têm maior valor, honra e força. Com incensos, juramentos cheios de reverência, libações e aroma do sacrifício, os homens conseguem obter sua boa vontade, quando

alguém erra ou comete uma transgressão. Pois as Desculpas, como as que Agamêmnon lhe manda agora, são filhas do grande Zeus. Tem obrigação de honrar as filhas do deus. Aceite o que Agamêmnon lhe oferece. Se não lhe oferecesse esses prêmios, mas se sempre furiosamente estivesse zangado, nunca lhe diria para desistir de sua cólera. Mas ele lhe oferece muitos prêmios, e promete ainda outros para o futuro; e mandou homens que lhe suplicassem, escolhendo os melhores do exército. Não despreze suas palavras, nem sua vinda. Que antes se encolerizasse era compreensível. Mas agora manter-se intransigente é imperdoável.

Respondendo-lhe, assim falou Aquiles de pés velozes:

— Fênix, a quem já chamei paizinho: não me confunda o ânimo com lágrimas e prantos, favorecendo assim Agamêmnon. Não tem obrigação de estimá-lo, não venha por mim, que te amo, a ser odiado. Belo seria para mim que prejudicasse quem me prejudica. Mas deixemos isso agora. Fique aqui comigo de noite, depois de os outros terem partido. E, assim que surgir a Aurora, vamos deliberar se regressaremos à nossa terra ou se aqui ficaremos.

Assim falou; e em silêncio indicou a Pátroclo com o sobrolho que estendesse para Fênix uma cama bem grossa, para que rapidamente os outros pensassem em partir da tenda. Entre eles então falou Ajax:

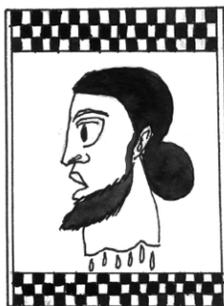
— Ulisses, filho de Laertes, partamos! Não me parece que se cumpra a finalidade do discurso por termos feito este caminho; e cabe-nos agora rapidamente relatar o assunto aos gregos, desfavorável embora seja; eles que neste momento estão sentados à nossa espera. Aquiles tem no peito um coração selvagem, homem duro!, que nada liga à amizade dos companheiros, amizade com que o honramos acima dos outros. Impiedoso! Pois há quem aceite recompensa pelo assassinato do irmão; há quem aceite também

pelo filho morto: e o assassino permanece na sua terra, tendo pagado alto preço, e o coração e ânimo orgulhoso do parente são refreados pelo fato de ter recebido a recompensa. A você, porém, um coração maligno e inflexível puseram os deuses no peito por causa de uma só donzela. E nós lhe oferecemos agora sete, das melhores, e muitas outras coisas além delas. Assuma antes um ânimo complacente e respeite sua morada: pois como seus hóspedes aqui viemos e desejaríamos acima de todos ser por você estimados e amados.

Respondendo-lhe, assim falou Aquiles de pés velozes:

— Ajax, meu coração ainda ferve de raiva quando me recordo como Agamêmnon me rebaixou diante de todos. Transmiti-lhe minha resposta. Não voltarei à guerra, a menos que Heitor esteja prestes a deitar fogo às minhas naus.

Assim falou. Cada um deles pegou numa taça de asa dupla e, vertida a libação, voltaram às naus, com Ulisses à frente.



9. *Uma emboscada noturna*

Quando os dois embaixadores fracassados chegaram à tenda de Agamêmnon, logo Ulisses declarou o seguinte:

— Agamêmnon, soberano dos homens! Na verdade, Aquiles não quer estancar a ira, mas está cheio de cólera ainda maior. Não quer saber de você, muito menos dos seus prêmios. Ameaça zarpar ao nascer da Aurora, lançando ao mar as naus recurvas. Afirmou que aconselharia aos outros que navegassem para casa de novo, uma vez que já não atingiremos o objetivo de saquear Troia. Zeus estende sobre ela sua mão, e sua gente enche-se de coragem. Quanto a Fênix, o ancião, ficou lá deitado, como Aquiles ordenou, para que amanhã seguisse nas naus para a pátria amada.

Assim falou; e todos os outros ficaram em silêncio, sem saber o que dizer. Por fim, foi Diomedes quem tomou a palavra:

— Agamêmnon, quisera que nunca tivesse enviado suas desculpas a Aquiles. Orgulhoso ele já era; você o fez ainda mais. Por mim, não quero saber: que parta ou que fique. Agora, façamos como eu digo: vamos todos descansar, tendo satisfeito o coração com comida e bebida, pois aí reside força e coragem. Porém, quando surgir a bela Aurora de róseos dedos, rapidamente você deverá dispor à frente das naus os soldados e os carros de cavalos: incite-os e combata você mesmo entre os dianteiros.

Assim falou; e todos os reis assentiram. Verteram libações e foi cada um para a sua tenda. Lá se deitaram e acolheram o dom do sono.

Só Agamêmnon não conseguia dormir, pois estava dilacerado por muitas preocupações. Cada vez que olhava para a planície troiana, espantava-se com os fogos que ardiam em torno de Troia. Chegava-lhe aos ouvidos o som de flautas e gaitas; ouvia os gritos longínquos dos troianos. Depois, olhando para o local onde estavam os gregos, muitos cabelos arrancou da própria cabeça, orando a Zeus com grandes gemidos no coração.

Teve então a seguinte ideia: dirigir-se à tenda de Nestor, na esperança de que ele imaginasse alguma artimanha que dos gregos afugentasse a desgraça. Levantou-se e vestiu em torno do peito uma túnica e nos pés calçou as belas sandálias. Em seguida envergou a pele de um leão, grande e arruivado, que lhe chegava aos pés. Pegou a lança.

Por sua vez, também Menelau não conseguia dormir, consciente de que por sua causa tinham os gregos atravessado vastas extensões de água, ao virem da Grécia para Troia. Levantou-se e cobriu os ombros com uma pele de leopardo; depois colocou na cabeça um elmo de bronze e com mão firme pegou a lança.

Pôs-se a caminho para acordar o irmão. Encontrou-o trajando a bela armadura junto da popa da nau; e bem-vinda foi para ele sua chegada. O primeiro a falar foi Menelau:

— Por que motivo, meu irmão, assim se arma? Será que irá incitar algum dos camaradas a infiltrar-se como espião entre os troianos? No entanto, tenho grande receio de que nenhum aceite esse desafio. Teria de ter tal homem um ânimo audaz.

Respondendo-lhe, assim falou o poderoso Agamêmnon:

— Você e eu, ó Menelau, temos necessidade de um conselho que possa salvar os gregos e suas naus, visto que Zeus nos é desfavorável. Dê preferência às orações de Heitor. Pois nunca vi, nem ouvi pelo relato de outra pessoa, que um só homem num dia ocasionasse tamanhas desgraças como as que Heitor infligiu aos gregos sozinho, ele, que nem é filho de deusa ou de deus. Mas agora vá chamar Ájax e Idomeneu, correndo depressa ao longo das naus. De minha parte vou ter com Nestor e incitá-lo a levantar-se, na esperança de que queira dirigir-se ao cenáculo dos sentinelas para lhes dar ordens. A Nestor em especial eles obedeceriam, pois seu filho é capitão dos sentinelas, assim como o companheiro de Idomeneu, Meríones.

A ele respondeu Menelau:

— Com que intenção me comanda e ordena? Deverei ficar com eles, aguardando que você chegue, ou deverei correr de novo para cá, depois de ter dado sua ordem?

Respondendo-lhe assim falou Agamêmnon, soberano dos homens:

— Fique lá, para que não nos desencontremos no caminho. Pois muitos são os trilhos pelo acampamento. Levante a voz por onde quer que vá e se esforce para despertá-los, chamando cada homem pela linhagem e pelo nome paterno, honrando todos eles. Não pense em se engrandecer com orgulho, mas nos lancemos nós mesmos à obra.

Assim dizendo, mandou seguir Menelau, bem instruído. Por seu lado, Agamêmnon partiu à procura de Nestor. Encontrou-o na tenda, deitado na cama macia. Junto dele estavam as armas trabalhadas, o escudo, duas lanças e o elmo coruscante. Perto estava o cinturão reluzente, que o ancião costumava pôr na cintura, quando se armava para a guerra aniquiladora de homens,

conduzindo seu povo, já que ainda não cedera à triste velhice. Apoiando-se no ombro, levantou a cabeça e assim falou a Agamêmnon:

— Quem é você, que assim caminha só pelas naus e pela hoste, no negrume da noite, quando os outros mortais dormem? Fale, e não se aproxime em silêncio. De que tem necessidade?

A ele deu resposta Agamêmnon, soberano dos homens:

— Ó Nestor, filho de Neleu, grande glória dos gregos! Reconhecerá o atrida Agamêmnon, a quem Zeus assolou com trabalhos continuamente. Vagueio assim porque sobre meus olhos o sono deleitoso não assenta. Preocupam-me a guerra e a desgraça dos gregos. Nem sinto sequer coração firme, mas sou atirado em todas as direções, e o coração salta-me para fora do peito e tremem-me as mãos. Mas se algo você quisesse fazer, visto que também não consegue dormir, dirijamo-nos para junto dos sentinelas, para que os observemos, não se dê o caso de, moídos pelo cansaço e pelo sono, terem adormecido e de todo terem descuidado da vigilância. É que os inimigos estão bivacados aqui perto. E não sabemos se acaso não estarão dispostos a atacar-nos de noite.

A ele respondeu em seguida o grande cavaleiro Nestor:

— Agamêmnon, soberano dos homens! Zeus haverá certamente de frustrar as esperanças de Heitor. Vai ver que ele sofrerá desgraças piores que as nossas: basta Aquiles desviar seu coração da cólera ressentida. Vou segui-lo de bom grado. Despertemos também outros: Diomedes, Ulisses e Meges, o valente filho de Fileu. Mas que, além destes, alguém vá também chamar Ajax e o soberano Idomeneu. Pois as naus deles são as mais afastadas. Agora não me leve a mal, mas, por muito que o estime e respeite, repreenderei Menelau por ele estar dormindo, recaindo sobre você este trabalho. Ele é que devia ter se esforçado chamando todos os

nobres, pois sobreveio uma necessidade que já não se pode aguentar.

A ele deu resposta Agamêmnon, soberano dos homens:

— Ó ancião, noutra altura o incitarei a repreendê-lo: bem sabemos que ele não liga para as coisas e não quer se esforçar. Na verdade, põe os olhos em mim e aguarda a minha liderança. Mas desta vez acordou e levantou-se antes de mim e eu mesmo o mandei ir chamar aqueles a quem você se referiu. Ponhamo-nos a caminho! Vamos encontrá-los diante dos portões com os sentinelas, pois foi lá que ordenei que se reunissem.

A ele respondeu em seguida o grande cavaleiro Nestor:

— Desta maneira ninguém o repreenderá ou lhe desobedecerá, quando ele incitar outro ou der ordens.

Assim falando, vestiu sobre o peito a túnica e nos pés calçou as belas sandálias; segurou também em volta dele uma túnica purpúrea, ampla e de dobra dupla, sobre a qual o pelo era espesso. Pegou uma forte lança, aguçada com o bronze afiado, e caminhou ao longo das naus. Primeiro foi Ulisses, igual de Zeus no conselho, que Nestor acordou do sono, com sua voz. Logo o chamamento lhe fez ressoar a mente. Saindo da tenda, assim lhes dirigiu a palavra:

— Por que vagueiam sozinhos no meio da noite pelas naus e pela hoste? Precisosos de que aqui vieram?

A ele respondeu Nestor, o cavaleiro:

— Ulisses de mil ardis! Não se zangue, pois tal é a desgraça que nos sobreveio. Siga-nos, para que acordemos outro, a quem incumba deliberar sobre se devemos fugir ou combater.

Assim falou. Na tenda entrou Ulisses e nos ombros pôs um escudo trabalhado. Foi com eles. Chegaram perto de Diomedes. Encontraram-no fora da tenda, com as armas. À sua volta dormiam os companheiros, com os escudos sob a cabeça; mas as lanças

estavam espetadas, em riste, no chão; e de longe reluzia o bronze como o relâmpago de Zeus. O herói dormia; debaixo dele estava estendida a pele de um boi campestre e sob sua cabeça estava esticado um tapete brilhante. Postando-se junto dele, Nestor acordou-o com um pontapé: incitou-o e repreendeu-o cara a cara:

— Levante-se, ó Diomedes! Por que dorme a noite toda? Não sabe que os troianos na zona alta da planície estão acampados junto das naus e que exíguo espaço os detém?

Assim falou; e Diomedes acordou muito depressa do sono e, falando-lhe, proferiu estas palavras:

— É rijo, ó ancião! E do esforço nunca desiste! Não há outros mais novos que possam ir acordar cada um dos reis, andando por todo lado? Mas você, ó ancião, é intratável!

Respondendo-lhe, assim falou Nestor:

— Os gregos estão em grande dificuldade! O que está no fio da navalha é isto: ou a destruição funesta, ou a sobrevivência. Mas agora vá acordar o célere Ajax e o filho de Fileu, já que é mais novo: é que eles estão a alguma distância.

Assim falou; e Diomedes pôs nos ombros a pele de um leão, grande e arruivado, que lhe chegava aos pés. Pegou a lança. E o herói pôs-se a caminho, para acordar e trazer os outros.

Depois de se imiscuírem no meio dos sentinelas reunidos, não encontraram os comandantes deles dormindo; todos estavam sentados com suas armas, acordados. Tal como no redil os cães estão de guarda em volta das ovelhas, ao ouvirem a fera destemida que, através da floresta, vem dos montes, e se levanta em torno dela um grande alarido de homens e cães e, assim, para eles o sono desaparece — assim das suas pálpebras desaparecera o sono deleitoso, mantendo vigília na noite ruim. Constantemente eles se viravam para a planície, à espreita do avanço dos troianos. Ao vê-

los, se alegrou o ancião, encorajando-os com o discurso; e, falando-lhes, proferiu estas palavras:

— Desta maneira, meus filhos, mantenham a vigília! Que de ninguém o sono se apodere, para não proporcionarmos alegria aos inimigos!

Assim dizendo, depressa atravessou a vala. Com ele seguiram os reis dos gregos, quantos tinham sido convocados para o concílio. Atravessaram a vala escavada e sentaram-se em local puro, onde o chão estava livre dos cadáveres dos que tombaram, lá onde o temível Heitor desistira de matar gregos, quando a noite ao derredor o ocultara. Aí se sentaram e dirigiram palavras uns aos outros. Entre eles o primeiro a falar foi Nestor, o rei cavaleiro:

— Amigos, será que não há nenhum homem que confie em seu espírito audacioso para se infiltrar no meio dos troianos? Ele poderia tomar algum dos inimigos que ficou para trás, ou ouvir algum rumor entre os troianos — que conselhos trocam entre si, se planejam ficar onde estão, afastados das naus, ou se querem regressar à cidade, uma vez que já deixaram os gregos em posição inferior. Tudo isso ele poderia saber e de novo regressar para nós, incólume. Grande seria sob o céu o seu nome entre todos os homens, e sua seria uma dádiva honrosa. Pois todos quantos detêm o poder sobre as naus, destes cada um lhe daria uma ovelha negra para amamentar seu cordeiro: prenda não há que a essa se assemelhe. E para sempre ele estará presente nos banquetes e festins.

Assim falou; e todos eles permaneceram em silêncio. Então entre eles falou Diomedes:

— Nestor, meu coração e meu espírito incitam-me a entrar no acampamento dos inimigos aqui perto. Porém, se outro homem comigo viesse, maior seria o apoio e também maior a audácia.

Quando dois se põem a caminho, um percebe antes do outro o que é mais proveitoso; ao passo que quando é só um a discernir, curto é o pensamento e tênue a astúcia.

Assim falou; e muitos quiseram seguir com Diomedes. Quiseram Ajax e Meríones; quis o filho de Nestor; quis Menelau e quis Ulisses meter-se entre a turba dos troianos, pois sempre audaz era o espírito na sua mente. Entre eles falou então Agamêmnon, soberano dos homens:

— Diomedes, você escolherá o companheiro que quiser, o melhor dos que apareceram, visto que muitos estão dispostos. Não deixe para trás o melhor homem, por pudor em seu espírito, levando com você um companheiro menos capaz, porque sua escolha se baseou apenas na excelência da linhagem. A nobreza tem aqui de ceder à capacidade.

Assim falou, receoso por causa de Menelau (não queria correr o risco de que algo lhe acontecesse). Mas de novo entre eles falou Diomedes:

— Se me ordena que eu escolha o companheiro, escolho então Ulisses, de quem o coração e o espírito orgulhoso exaltam-no em todos os esforços. Se ele me seguir, até do fogo ardente regressaremos, pois superior é ele no entendimento.

Ulisses deu-lhe esta resposta:

— Diomedes, não me louve em demasia. Você diz coisas aos que aqui estão que eles já sabem. Mas vamos! Pois a noite se esvai e a Aurora se aproxima; os astros avançaram e já se passaram mais de dois terços da noite: só nos resta agora a terceira parte.

Assim falando, envergaram as armas. Diomedes pegou uma espada de dois gumes e um escudo. Na cabeça pôs um elmo de couro. Ulisses escolheu um arco e uma aljava; pegou também uma espada. Na cabeça pôs um elmo retesado por dentro com muitas

tiras de cabedal. Por fora, cerradas, estavam dispostas as brancas presas de um javali de reluzentes colmilhos.

Depois que eles envergaram as armas, puseram-se a caminho. Como sinal de bom agouro, Atena fez voar, do lado direito, uma garça, perto do caminho; não a viram no negrume da noite, mas ouviram-na chamar. E Ulisses alegrou-se com a ave e assim rezou a Atena:

— Ouça-me, filha de Zeus que sempre está a meu lado em todos os trabalhos! Sabe sempre onde estou. Proteja-me agora especialmente, ó Atena, e conceda-nos que com bom renome regressemos às naus, tendo praticado uma grande façanha que prejudique os troianos.

Em segundo lugar rezou Diomedes:

— Ouça-me também, filha de Zeus! Proteja-me como protegeu outrora Tideu, meu pai. Do mesmo modo, venha agora para o meu lado. E para você sacrificarei uma vitela de ampla testa, indomada, que nenhum homem pôs sob o jugo. Vou sacrificá-la com os chifres ornados de ouro.

Assim rezaram; e Atena os ouviu. Depois de rezarem à filha do grande Zeus, puseram-se a caminho como dois leões na noite escura, no meio da chacina e dos cadáveres, por entre as armas e o negro sangue.

Por seu lado, Heitor não permitiu que os troianos dormissem, mas reuniu todos os que eram regentes e comandantes do exército. Depois de reuni-los, propôs esta deliberação:

— Quem estaria disposto a infiltrar-se no meio dos gregos, mediante grande recompensa? O pagamento será certo. Darei um carro e dois cavalos a quem ousar aproximar-se das naus, para ver se elas estão sendo guardadas como antes ou se, subjugados por

nossas mãos, os inimigos planejam entre si a fuga, sem vontade de vigiar durante a noite, moídos pelo tremendo cansaço.

Assim falou; e todos permaneceram em silêncio. Ora, havia entre os troianos um certo Dólon, filho de um arauto chamado Eumedes (homem rico em ouro e bronze). Esse Dólon era muito feio de aspecto, mas era rápido na corrida. Era o único irmão entre cinco irmãs. Aos troianos e a Heitor ele disse estas palavras:

— Heitor, aceito o desafio que acaba de lançar. Portanto, agora levante o cetro e jure que me dará os cavalos e o carro embutido de bronze que transportam Aquiles; e para você não serei um espião inútil. Irei direto ao acampamento, até chegar à nau de Agamêmnon, onde adivinho que os comandantes deliberam sobre se devem fugir ou combater.

Assim falou; e Heitor pegou o cetro com as mãos e jurou:

— Seja Zeus minha testemunha de que nesses cavalos mais nenhum dos troianos montará, mas será você a vangloriar-se com eles para sempre!

Assim dizendo, jurou, incitando o outro. Logo, nos ombros pôs Dólon o arco recurvo e envergou por cima a pele de um lobo cinzento; na cabeça pôs um gorro feito com pele de furão. Pegou um dardo afiado e foi da hoste dos troianos até as naus dos gregos. No entanto, não haveria de regressar das naus para trazer informação a Heitor. Depois que deixou a turba de cavalos e homens, com afinco seguiu seu caminho. Mas enquanto caminhava, Ulisses reparou nele e disse a Diomedes:

— Anda por aqui um homem, ó Diomedes, que vem do exército troiano. Não sei se é um espião, que vem se meter no meio das naus, ou se é alguém que vem despojar um dos cadáveres dos mortos. Mas deixemos primeiro que ele passe um pouco à nossa frente na planície. Depois, lançando-nos a ele, vamos tomá-lo

rapidamente. Se ele conseguir fugir-nos pela rapidez dos pés, pressione-o constantemente em direção às naus, brandindo sua lança, para que ele não fuja para a cidade.

Assim dizendo, deitaram-se no meio dos cadáveres, fora do caminho. Mas Dólón, na sua imprudência, correu à frente deles. Ulisses e Diomedes correram logo no seu encalço, e ele, ouvindo os passos, estacou, pois esperava que fossem amigos que vinham da parte dos troianos. Só depois percebeu que eram inimigos. Em pânico, desatou a fugir. E eles lançaram-se rápidos na perseguição.

Como dois galgos de afiados dentes, peritos na caça, perseguem uma corça ou uma lebre em terreno arborizado, e o animal, aos gritos, corre em frente, assim Diomedes e Ulisses impediram a Dólón o acesso ao exército e sem trégua corriam atrás dele. Quando Dólón estava para se misturar no meio dos sentinelas, fugindo para as naus, foi que Atena lançou força em Diomedes, para que nenhum dos gregos se vangloriasse de ter desferido o primeiro golpe. Brandindo a lança, gritou-lhe então o possante Diomedes:

— Pare onde está ou com a lança o acertarei; e não julgue que depois escapará da morte nas minhas mãos.

Assim falou e arremessou a lança, mas de propósito não acertou no fugitivo. Por cima do ombro direito de Dólón passou a ponta da lança polida, fixando-se na terra. Dólón estacou, aterrorizado, balbuciando e batendo os dentes, pálido de medo. Arfantes, Ulisses e Diomedes apanharam-no, agarrando-o pelas mãos. Ele rompeu em lágrimas e disse:

— Tomem-me vivo e eu mesmo me resgatarei. Tenho em casa bronze e ouro: com esses tesouros, meu pai pagará incontável resgate quando ouvir que estou vivo nas naus dos gregos.

Respondendo-lhe, assim falou o astucioso Ulisses:

— Não se ponha já a pensar na morte. Diga-nos a verdade: por que anda por aqui rondando sozinho no negrume da noite? Será que vem despojar um dos cadáveres dos mortos? Ou foi Heitor que o mandou para espionar nosso acampamento?

Em seguida lhe respondeu Dólón, com o corpo tremendo:

— Com muitas ilusões logrou Heitor levar-me para longe da razão, ele que me prometeu os cavalos do altivo Aquiles, assim como seu carro embutido de bronze. Mandou-me atravessar a noite escura até chegar perto dos inimigos para me informar se as naus estão sendo guardadas como antes ou se os inimigos planejam a fuga, sem vontade de vigiar durante a noite, moídos pelo tremendo cansaço.

Sorrindo lhe respondeu então o astucioso Ulisses:

— Na verdade, seu coração ansiava por grandes recompensas: os cavalos de Aquiles, nada menos! Mas difíceis são eles de serem dominados ou conduzidos por homens mortais. Mas diga-me agora com verdade e sem rodeios: ao vir aqui, onde deixou Heitor? Onde estão suas armas, seus cavalos? Como estão dispostas as vigias e as dormidas dos demais troianos? Que conselhos trocam entre si?

Respondendo-lhe, assim falou Dólón:

— Heitor está reunido com todos os seus conselheiros junto do túmulo do divino Ilo, longe da confusão. Quanto à vigilância de que fala, ó herói, por nada de especial se optou para vigiar o exército. Todos os que estão junto dos fogos por necessidade mantêm-se acordados e ordenam uns aos outros que vigiem; mas os aliados, provindos de muitas terras, dormem. Deixam aos troianos a tarefa de vigiar, visto que eles não têm perto seus filhos nem suas mulheres.

Respondendo-lhe, assim falou o astucioso Ulisses:

— De que modo dormem eles? Misturados entre os troianos ou separados? Diga-me, para que eu saiba.

Respondendo-lhe, assim falou Dólón, filho de Eumedes:

— Para o lado do mar estão os cários, os peônios e os pelasgos. Para as bandas de Timbra ficaram os lícios e os mísios, os frígios domadores de cavalos e os meônios dos carros de combate. Mais afastados estão os trácios. Entre eles está Reso, seu rei. Dele são os cavalos maiores e mais belos que alguma vez vi. São mais brancos que a neve e velozes como o vento. O carro está bem embutido com ouro e prata. Enormes armas de ouro, maravilha de se ver!, trouxe ele para Troia; armas que a homens mortais não fica bem envergar, mas tão somente aos deuses imortais. Mas levem-me agora para as naus, ou aqui me deixem atado com corrente cruel, enquanto veem se aquilo que lhes disse está certo ou não.

Fitando-o com sobrolho carregado disse o possante Diomedes:

— Dólón, não pense que vai fugir. Pois, na verdade, se o soltarmos e deixarmos ir, noutra altura virá de novo às naus, ou para espiar, ou então para combater às claras. Por outro lado, se morrer nas minhas mãos, nunca mais será motivo de incômodo para os gregos.

Falou; e Dólón estava prestes a tocar-lhe no queixo com a mão para suplicar quando Diomedes lhe desferiu um golpe com a espada e logo lhe cortou os tendões do pescoço. A cabeça de Dólón falava ainda ao cair na terra. Da cabeça, já separada do corpo, Ulisses tirou o gorro feito de pele de furão; e ficou com o arco recurvo e a lança comprida. Essas coisas ergueu Ulisses a Atena, deusa das pilhagens, e rezando proferiu estas palavras:

— Regozije-se, ó deusa, com estes despojos! É primeiro a você, de todos os deuses do Olimpo, que invocamos! Mande-nos para junto dos cavalos e das dormidas dos trácios.

Assim falou; e ergueu bem alto os despojos e colocou-os em cima de uma tamargueira. Por cima, colocou um sinal visível, atando juncos e ramos frondosos da tamargueira, para não arriscarem não dar com o lugar na noite escura. Avançaram por entre os cadáveres e o negro sangue e rapidamente chegaram ao local onde estavam os trácios. Eles dormiam, moídos pelo cansaço, e ao redor deles jaziam no chão as belas armas, bem ordenadas, em três filas. Junto de cada homem estava a parelha de cavalos. Reso dormia no meio deles; junto dele, os corcéis estavam presos pelas rédeas ao alto rebordo do carro de combate. Foi ele que Ulisses viu primeiro e indicou-o a Diomedes:

— Este, ó Diomedes, é o nosso homem; e estes são os cavalos, de que nos falou Dólon, antes de o matarmos. Mas agora mostre força possante: não lhe compete estar inerte com suas armas, mas desatrele os cavalos. Ou então mate você os homens e eu tratarei dos cavalos.

Assim falou; e no coração dele Atena insuflou grande força. Matou a torto e a direito. Das vítimas vinha hediondo gemido ao serem golpeadas com a espada; e a terra ficou vermelha de sangue. Tal como o leão se atira aos rebanhos sem pastor de cabras ou ovelhas, saltando para cima delas com intenção selvagem, assim Diomedes se lançou sobre os trácios, até matar uma dúzia deles. O astucioso Ulisses, porém, arrastava os cadáveres afastando-os para que os cavalos passassem facilmente e não sentissem temor por pisar em cadáveres humanos. Haviam vindo recentemente para a guerra e ainda não tinham esse hábito.

Quando Diomedes se acercou de Reso, este logo se tornou a décima terceira vítima, pois como um sonho maligno se postara Diomedes perto da cabeça do rei. Nesse ínterim, Ulisses desatrelou

os cavalos e tirou-os da confusão. Assobiou para dar sinal a Diomedes.

Este ficou pensando que coisa mais terrível poderia ainda fazer: se levava o carro, onde estavam as armas embutidas, e puxava-o pela vara ou o levantava no ar; ou se tirava o sopro da vida a ainda mais trácios. Enquanto ponderava em seu espírito, aproximou-se Atena e, postando-se ali perto, assim falou a Diomedes:

— Lembre-se que ainda tem de regressar para as naus. Tenha cuidado, não vá outro deus despertar os troianos!

Assim disse; e ele reconheceu a voz da deusa que lhe falava. Rapidamente montou nos cavalos e Ulisses acicatou-os. Cavalgaram em direção às naus.

Apolo apercebera-se de tudo o que estava se passando. Furioso com Atena, misturou-se no meio dos troianos e despertou o conselheiro dos trácios, Hipocoonte, nobre parente de Reso. Ele acordou do sono. Quando viu o lugar vazio, onde antes estavam os valiosos corcéis, e os homens mortos no meio de hedionda chacina, gemeu e chamou pelo nome seu companheiro amado. Da parte dos troianos, houve bramido e confusão indizível ao reunirem-se todos. Olharam para os feitos terríveis praticados às escuras pelos gregos.

Assim que Diomedes e Ulisses chegaram ao local onde tinham matado o espião de Heitor, Ulisses refreou os cavalos. Diomedes saltou para o chão, pôs os despojos sangrentos nas mãos de Ulisses e depois montou de novo. Chicoteou os cavalos, que correram até as naus. Nestor foi o primeiro a ouvir o som e assim falou, dizendo:

— Amigos, ouço o som de céleres corcéis! Oxalá Ulisses e o possante Diomedes assim tenham conduzido de junto dos troianos cavalos de alto valor.

Não acabara ainda de falar, quando eles chegaram. Saltaram, e os outros os saudaram com apertos de mão e palavras amigas. O primeiro a falar foi Nestor, o cavaleiro:

— Diga-me agora, ó Ulisses, como tomou estes cavalos?! Nunca vi outros assim tão belos. Penso que um deus os terá encontrado para dá-los a vocês.

Respondendo-lhe, assim falou o astucioso Ulisses:

— Facilmente o deus que assim quisesse daria cavalos melhores que estes, pois os deuses tudo podem. Estes cavalos, ó ancião, a que alude, são da Trácia. Diomedes matou o amo deles, junto com seus doze companheiros. E matamos ainda um espião perto das naus, que Heitor enviara para espiar o nosso acampamento.

Assim falou. Conduziu os cavalos e com ele foram outros amigos, regozijando-se. Quando chegaram à tenda de Diomedes, com belas correias ataram os cavalos à manjedoura, onde estavam os outros cavalos. E, na popa da nau, Ulisses colocou os despojos sangrentos de Dólon.

Em seguida, Ulisses e Diomedes entraram no mar para lavar das pernas, das coxas e do pescoço o suor abundante. Depois que a onda do mar lavou o suor de seu corpo e lhes refrescou o coração, foram tomar banho em banheiras polidas. Tendo ambos tomado banho, sentaram-se para jantar. E da taça repleta tiraram vinho doce como mel e ofereceram libações a Atena.



10. O engano de Zeus

Do leito onde se deitava surgiu a Aurora, para trazer a luz aos deuses e aos homens. Zeus enviou a Discórdia para junto das naus dos gregos, a medonha Discórdia, que segurava nas mãos uma arma de guerra. Colocou-se junto da nau de Ulisses, que estava no meio, de modo que seria ouvida de ambos os lados, das tendas de Ájax às de Aquiles. Aí se postou a deusa e emitiu um grito enorme e terrível; e a cada um dos soldados lançava grande força no coração para guerrear e combater. Então lhes pareceu a guerra mais doce do que regressar nas naus à amada terra pátria.

Por sua vez, Agamêmnon gritou bem alto e ordenou aos gregos que se armassem; e ele próprio vestiu seu bronze reluzente. Primeiro cobriu as pernas com protetores metálicos, adornados de prata na parte ajustada ao tornozelo. Em segundo lugar, protegeu o peito com uma forte couraça. Sobre ela, estavam dez tiras tingidas de azul, doze de ouro e vinte de estanho. Serpentes azuis entrançavam-se até o pescoço, três de cada lado, semelhantes ao arco-íris que Zeus põe no meio das nuvens como milagre para os mortais. Aos ombros atirou a espada, cravejada de adereços dourados, sendo a bainha adornada de prata, provida de correntes de ouro.

Pegou então o escudo ricamente trabalhado: belo escudo, com dez círculos de bronze e por cima vinte bossas de estanho branco e luminoso, tendo no meio uma bossa azul. Coroava-o como grinalda a Górgona de horrível aspecto, que olhava, medonha; e junto dela estavam o Terror e o Pânico. Do escudo pendia um boldrié de prata; e por cima serpenteava uma cobra azul, com três cabeças, cada uma para seu lado, saídas do mesmo pescoço.

Na cabeça, colocou o elmo de dois chifres e quatro bossas, com penachos de cavalo que se agitavam, terríveis. Pegou duas fortes lanças de brônzeas pontas. De longe, até o céu, reluzia o bronze.

Ao seu cocheiro ordenou então cada homem que segurasse bem os cavalos junto da vala, enquanto eles seguiam a pé, armados. Uma gritaria inextinguível surgiu ao encontro da Aurora. Muito à frente dos cocheiros estavam eles dispostos junto da vala; a pouca distância seguiam os cocheiros. Entre eles, levantou Zeus um fragor maligno; e do céu mandou orvalho tinto de sangue, porque estava prestes a enviar para o Hades muitas almas valentes.

Os troianos, do outro lado, na parte alta da planície, reuniam-se em torno do grande Heitor, de Polidamante e de Eneias, honrado entre o povo troiano como um deus. Entre os dianteiros, levava Heitor o seu escudo bem equilibrado. Tal como das nuvens refulge um astro de mau agouro, todo cintilante, e depois desaparece atrás das nuvens sombrias, assim Heitor aparecia entre os dianteiros a dar ordens e depois entre os da retaguarda; e todo vestido de bronze brilhava como o relâmpago de Zeus. Do mesmo modo que os ceifeiros de cantos opostos do campo vão aproximando as carreiras ceifadas de trigo ou cevada no terreno de um homem rico e cerradas caem as espigas, assim troianos e gregos arremetiam uns contra os outros; e de nenhum lado surgia a lembrança da fuga vergonhosa. Igual número de adversários tinha a batalha e

atiravam-se uns contra os outros como lobos. A Discórdia plena de gemidos alegrou-se com essa visão. Era a única dos deuses que estava ao lado dos combatentes. Os outros deuses não estavam com eles, mas descansados se sentavam em seus palácios, lá onde para cada um fora construída uma bela casa nas faldas do Olimpo. Só Posêidon, deus do mar, disfarçado e despercebido por Zeus, tentava às ocultas ajudar os gregos.

Quanto aos outros deuses, todos culpavam Zeus, senhor da nuvem azul, porque ele estava decidido a dar a glória aos troianos. Porém, o Pai não lhes deu importância. Longe dos outros estava sentado, exultando na sua glória, enquanto olhava para a cidade dos troianos e para as naus dos gregos, para o refulgir do bronze, para quem matava e era morto.

Enquanto era de manhã e o dia sagrado aumentava, de ambos os lados acertavam as lanças, e o povo morria. Mas na hora em que o lenhador prepara a refeição nas clareiras da montanha, quando já sente os braços cansados de cortar altas árvores e a exaustão lhe enche o ânimo, e o desejo de doce comida lhe vem ao espírito, foi então que com seu valor os troianos desbarataram as falanges dos gregos. E teriam os troianos vencido a guerra, se uma deusa não tivesse dado apoio secreto a Posêidon.

Posicionada numa elevação do Olimpo, Hera estava muito atenta ao que se passava na planície troiana. Logo reconheceu Posêidon fatigando-se na luta exaltadora de homens, ele que era irmão e cunhado dela; e rejubilou-se seu coração. Depois olhou para Zeus, sentado no píncaro do Ida de muitas fontes, e odioso lhe pareceu ele ao coração. Hera pensou de imediato como poderia enganar a mente de Zeus. E esta foi a deliberação que a seu espírito pareceu a melhor: ir até o Ida, depois de ter se embelezado, na esperança de

que ele desejasse deitar-se em amor com ela, pelo que lhe derramaria sobre as pálpebras um sono pesado.

Foi então para seu aposento, que lhe construíra seu filho, Hefesto; ele que ajustara portas robustas às ombreiras com um fecho secreto, que nenhum outro deus sabia abrir. Foi lá que a deusa entrou, fechando depois as portas luzentes. Com ambrosia limpou primeiro da pele todas as imperfeições e ungiu-se com suave azeite ambrosial, dotado de especial fragrância. Bastava agitá-lo no palácio de Zeus para que seu aroma chegasse ao céu e à terra. Foi com isso que limpou o belo corpo; penteou o cabelo e com as mãos entreteceu tranças brilhantes, que caíam de sua cabeça imortal. Depois pôs uma veste que Atena lhe tecera com alta perícia, urdindo muitos bordados. Ajustou-a ao corpo com broches de ouro. Cingiu a cintura com uma cinta de cem borlas, e nas orelhas bem furadas colocou brincos triplos de contas parecidas com amoras: muita beleza refulgia! Com um véu por cima se cobriu a deusa, belo e fulgurante: sua cor tinha a brancura do sol. Nos pés resplandecentes calçou as belas sandálias.

Depois que do corpo realçara toda a beleza, saiu dos aposentos e chamou por Afrodite. Longe dos outros deuses lhe disse então a deusa:

— Minha querida, não sinta má vontade porque auxílio os gregos e você os troianos, porque agora tenho um favor a lhe pedir.

Em seguida lhe deu resposta Afrodite, filha de Zeus:

— Hera, tudo farei para corresponder à sua vontade.

Hera disse-lhe então, misturando verdades com mentiras:

— Dê-me agora a força mágica do desejo, com que subjuga todos os imortais e todos os homens mortais. Irei até os limites da terra visitar o Oceano e a deusa marinha, sua esposa, para resolver seus conflitos incessantes. Há muito tempo que se mantêm afastados da

cama do amor, visto que a raiva lhes entrou no coração. Se com palavras eu conseguisse convencer o coração de ambos a voltar para a cama a fim de se unir em amor, para sempre eles me dedicariam grande amizade.

Percebendo a mentira, Afrodite sorriu e disse:

— Não é possível nem lícito que eu contrarie sua palavra: pois é a deusa que dorme nos braços de Zeus.

Falou; e do peito desatou a cinta bordada e multicolor, na qual estavam urdidos todos os encantamentos: nela está o amor, nela está o desejo, nela está o namoro e a sedução, que rouba o juízo aos mais ajuizados. Pondo-a nas mãos de Hera, assim disse:

— Aqui tem: põe no seu peito esta cinta multicolor, na qual todas as coisas estão urdidas. Afirmo que não regressará com aquilo que deseja não satisfeito.

Assim falou; Hera sorriu e pôs a cinta no peito. De imediato deixou o píncaro do Olimpo: apressou-se por cima das serras nevadas dos cavaleiros da Trácia, sobre os píncaros mais altos, sem tocar a terra com os pés. Do monte Atos pisou o mar a espumar de ondas e chegou à ilha de Lemnos. Aí encontrou o Sono, irmão da Morte; e acariciando-o, assim lhe disse:

— Sono, soberano de todos os deuses e de todos os homens! Se alguma vez ouviu palavra minha, obedeça-me então agora; e lhe darei gratidão durante todos os meus dias. Adormeça os olhos brilhantes de Zeus, assim que eu tiver me deitado ao lado dele em amor. Eu lhe darei presentes, um belo trono imperecível, dourado: Hefesto irá fazê-lo com perícia e sob ele colocará um banco para os pés, onde poderá descansar os pés luzentes quando bebe seu vinho.

Respondendo-lhe assim falou o Sono suave:

— Hera, deusa veneranda, filha do grande Crono! A outro dos deuses que são para sempre facilmente eu adormeceria, nem que

fossem as correntes do rio Oceano, ele que é a origem de todos os deuses. Mas só porei Zeus para dormir se ele próprio me ordenar. Já antes me prejudiquei por sua causa, quando na sua raiva contra Hércules quis que eu adormecesse Zeus. Mas Zeus, ao acordar, encolerizou-se e atirou com os deuses pelo palácio, à minha procura. E teria me destruído, se a Noite não tivesse me salvado, a Noite, subjugadora dos deuses e dos homens. Cheguei junto dela na minha fuga; e Zeus refreou-se, embora furioso, pois não se permitia desagradar à Noite veloz. Agora, de novo me pede outra coisa impossível de cumprir.

Irritada, Hera disse-lhe então:

— Sono, por que razão remói essas coisas no seu espírito? Ouça-me agora: vou lhe dar uma das Graças para desposar, e ela se chamará sua esposa: Pasítea, que você sempre desejou.

Assim disse; o Sono rejubilou-se e deu-lhe esta resposta:

— Jure-me então pela inviolável Água Estígia: com uma mão toca na terra provedora de dons e com a outra, no mar cintilante, para que entre nós sejam testemunhas todos os deuses lá embaixo de que deveras me dará Pasítea, por quem esperei durante todos os meus dias.

Assim falou; e Hera jurou como ele ordenara e invocou todos os deuses debaixo do Tártaro, eles que têm o nome de Titãs. Mas depois que jurou e pôs fim ao juramento, partiram deixando as cidades de Lemnos envoltas em nevoeiro, apressando seu caminho. Chegaram ao Ida de muitas fontes, mãe de feras. Pisaram ambos terra firme e a floresta mais alta tremeu sob seus pés. Aí ficou o Sono, antes que o vissem os olhos de Zeus, e subiu num pinheiro altíssimo, o mais alto que nesse tempo crescia no Ida: chegava por entre o nevoeiro até o céu. Aí se sentou, densamente ocultado pelas

ramagens do pinheiro, semelhante a uma ave de voz aguda das montanhas.

Hera chegou depressa ao Gárgaro, píncaro do alto Ida. Zeus a viu imediatamente. E, assim que a viu, o amor envolveu-lhe o espírito, como quando primeiro ele se apaixonara por ela. Levantou-se para cumprimentá-la e falou-lhe, tratando-a pelo nome:

— Hera, a que se deve o prazer da sua vinda?

E Hera respondeu-lhe, mentindo:

— Vou até os limites da terra visitar o Oceano, origem dos deuses. Meus corcéis estão no sopé do Ida de muitas fontes, eles que me levarão sobre o que há de sólido e de líquido. Mas agora é por sua causa que até aqui desci do Olimpo, para que depois contra mim você não se enfureça, por eu ter ido sem lhe dizer nada para a mansão do Oceano de correntes fundas.

A ela deu resposta Zeus, que comanda as nuvens:

— Hera, para lá também poderá ir mais tarde. Voltemo-nos agora para o prazer do amor. Pois desta maneira nunca o desejo de deusa ou mulher me subjugou ao derramar-se sobre o coração no meu peito, nem quando me apaixonei por Sêmele ou por Alcmena em Tebas, esta que me deu como filho Hércules, ao passo que Sêmele deu à luz Dioniso, alegria dos mortais; nem pela soberana Deméter das belas tranças me apaixonei assim; nem pela gloriosa Leto, mãe de Apolo. Nem mesmo por você me apaixonei como agora a amo, dominado pelo doce desejo!

Embora descontente com o que acabara de ouvir, Hera continuou fingindo e com estas palavras lhe respondeu:

— Aqui, à vista de todos? Voltemos antes para o Olimpo, pois lá você tem um belo palácio, que lhe construiu seu filho, Hefesto. Vamos então deitar-nos lá, já que o leito é o seu desejo.

A ela deu resposta Zeus, que comanda as nuvens:

— Hera, não receie que algum deus ou homem nos observe, tal é a nuvem dourada com que a esconderei. Nem o próprio Sol nos descortinará, embora nenhuma luz veja mais agudamente que a dele.

Falou; e nos braços tomou a esposa. Debaixo deles a terra divina fez crescer relva fresca, a flor de lótus orvalhada e açafão e jacintos macios em profusão, que os mantiveram acima do solo. Foi nesse leite que se deitaram, ocultando-se numa nuvem bela e dourada, a qual destilava gotas reluzentes.

Mais tarde, Zeus adormeceu tranquilo no píncaro do Gárgaro, subjugado pelo sono e pelo amor, com a esposa nos braços.

O Sono voou até as naus dos gregos para dar a notícia ao deus do mar, que segura e sacode a terra. Postando-se junto dele, proferiu estas palavras:

— Com afinco, ó Posêidon, preste agora auxílio aos gregos! Outorgue-lhes a glória, enquanto Zeus dorme, cansado do amor.

Posêidon gritou logo no meio dos gregos:

— Amigos, será que novamente vamos ceder a vitória a Heitor, para que tome as naus e fique com a glória? Pois é isso que ele declara, afirmando que Aquiles já não nos irá valer. E que saudade temos nós de Aquiles? Nenhuma! Sobretudo se nos mobilizarmos para nos ajudarmos uns aos outros. Agora, àquilo que eu disser obedeçamos todos! Enverguemos os escudos, e cubramos as cabeças com elmos faiscentes, e com as mãos agarremos as lanças mais compridas, e avancemos! Serei eu a liderar!

Assim falou; e eles deram-lhe ouvidos e obedeceram. Dispuseram-nos os reis, apesar de exaustos do combate e alguns já feridos: Diomedes, Ulisses e Agamêmnon. Indo ao longo do exército, providenciaram a troca de armas. Depois de terem revestido o

corpo com bronze reluzente, avançaram; e liderou-os Posêidon, Sacudidor da Terra, segurando na mão firme uma espada temível, longa, semelhante a um relâmpago: com ela não era lícito que se entrasse em luta dolorosa, pois amedrontava os homens.

Por seu lado, Heitor dispunha os troianos. Ambos os lados embateram-se com estrépito ingente. Nem a onda do mar brame assim contra a praia, impelida do mar alto pelo sopro pavoroso do vento; nem assim é o bramido do fogo ardente nas clareiras das montanhas, quando salta para queimar a floresta; nem o furacão grita assim através das copas dos carvalhos, ele que brame com mais força na sua fúria — pois assim era o clamor de troianos e gregos, gritando terrivelmente ao atirarem-se uns contra os outros.

Deitado ao lado de Hera, nos píncaros do Ida, Zeus de repente acordou. Levantou-se depressa e viu troianos e gregos: aqueles em debandada; estes a perseguirem-nos na retaguarda; e no meio deles viu o deus do mar, Posêidon, seu irmão. Viu Heitor, que acabara de ser ferido, jazente na planície, rodeado pelos camaradas, ofegante e em estado de desespero, vomitando sangue. Ao vê-lo se compadeceu o pai dos homens e dos deuses; sob o sobrolho lançou um olhar terrível a Hera e disse:

— Foi o seu engano, ó Hera, que feriu Heitor e pôs os troianos em fuga. Mas nada a beneficiará o leito de amor em que se deitou comigo para me ludibriar.

Falou; e Hera, assustada, disse:

— Tomo por testemunhas a terra e o vasto céu por cima dela e a Água Estígia que se precipita nas profundezas — juramento maior e mais terrível para os deuses imortais! — e sua sagrada cabeça e nosso próprio leito matrimonial, pelo qual nunca eu alguma vez me perjurararia, que não é por vontade minha que Posêidon prejudica os

troianos e Heitor, auxiliando os inimigos. É seu próprio ânimo que o incita e encoraja: ao ver como os gregos estavam oprimidos junto das naus, teve pena deles.

Assim disse; e o pai dos homens e dos deuses disse apenas estas palavras:

— Volte agora para o Olimpo; ordene que até aqui venham Íris e Apolo.

Assim falou; e não lhe desobedeceu Hera, a deusa dos alvos braços, mas dirigiu-se das montanhas do Ida ao alto Olimpo. E tal como se apressa o pensamento do homem que atravessou vasta extensão de terra e pensa em seu espírito “quem me dera estar aqui ou ali” — assim com a rapidez do pensamento se apressou a deusa Hera.

Chegou ao íngreme Olimpo e juntou-se aos deuses imortais reunidos no palácio de Zeus, que se levantaram todos assim que a viram e brindaram-na com as taças. Mas Hera não fez caso dos outros. Só de Têmis, deusa da justiça, aceitou a taça, pois ela fora a primeira a correr para cumprimentá-la, com estas palavras:

— Hera, por que veio? Parece tão agitada!

Respondeu-lhe Hera, a deusa dos alvos braços:

— Têmis, sobre isso não me interrogue. Dê antes início ao festim compartilhado dos deuses. Ouvirá no meio de todos os outros imortais que atos maldosos Zeus planeja.

Depois que assim falou, muito se iraram os deuses no palácio de Zeus. Mas Hera riu-se, embora tensos permanecessem seus olhos. E a todos declarou:

— Somos loucos se pensamos conseguir alguma coisa contra Zeus! Contentem-se com a desgraça que ele der a cada um. Vejam só o que acaba de acontecer no campo de batalha: morreu Ascálafo, filho de Ares.

Assim falou; e Ares bateu nas coxas musculosas com a palma das mãos e com um gemido de lamentação declarou:

— Não me censurem agora vocês, que no Olimpo têm sua morada, se eu for à planície de Troia vingar meu filho, mesmo que seja meu destino pelo relâmpago de Zeus ser atingido e jazer na poeira, no meio dos cadáveres.

Assim disse e ordenou ao Terror e ao Pânico que atrelassem seus cavalos, enquanto ele próprio envergava as armas luzentes. Então, teria surgido maior e mais funesta raiva e cólera da parte de Zeus em relação aos deuses imortais, se, extremamente receosa pelos deuses, Atena não tivesse se precipitado pela porta, deixando o trono onde se sentara; e tirou-lhe o elmo da cabeça e o escudo dos ombros; e tirou-lhe da mão possante a lança de bronze; e com palavras repreendeu Ares:

— Demente, vai se perder! Em vão tem ouvidos para ouvir e perdeu o juízo e a vergonha! Não ouviu o que disse Hera, que acaba de chegar de junto de Zeus? Será que quer você mesmo se encher de dores incontáveis? Pois de imediato Zeus deixará o local onde está e virá para o Olimpo com o intuito de nos pôr em alvoroço, castigando tanto o que tem culpa como aquele que não tem. Por isso, digo-lhe que abandone a ira por causa do seu filho. Já outro muito melhor que ele morreu ou morrerá ainda: pois é impossível preservar a linhagem e a geração de todos os homens.

Ouvidas essas palavras, Ares voltou a sentar-se, ainda que furioso. De sua parte, Hera chamou Apolo e Íris. Falando-lhes proferiu estas palavras:

— Zeus requer sua presença no Ida. Depois que lá tiverem chegado e visto o rosto de Zeus, façam aquilo que ele ordenar.

Apolo e Íris lançaram-se a caminho e chegaram ao Ida de muitas fontes, mãe de feras, e encontraram o crônida que vê ao longe

sentado no cume do Gárgaro; à sua volta estava uma nuvem perfumada como uma grinalda. Diante de Zeus, que comanda as nuvens, se colocaram ambos; e ele não se encolerizou ao vê-los, porque depressa tinham obedecido às palavras da esposa. A Íris dirigiu primeiro estas palavras:

— Vá agora, ó célere Íris, ter com o soberano Posêidon e ordene a ele que desista da batalha e vá para junto dos deuses ou para o mar divino. Mas se ele não obedecer às minhas palavras, que pense bem, não vá acontecer que, forte embora seja, ele não aguarde a minha arremetida, pois, além de primogênito, pela força sou superior.

Assim falou; e não lhe desobedeceu a célere Íris com pés de vento, mas desceu das montanhas do Ida para a planície troiana. Tal como quando das nuvens voa neve ou gelado granizo por causa das rajadas do vento, assim depressa voou com afinco a célere Íris. Postando-se junto dele, assim disse ao deus do mar:

— Para lhe transmitir, ó Sacudidor da Terra de azuis cabelos, uma mensagem de Zeus aqui vim. Ele ordena que você desista da batalha e da guerra e vá para junto dos deuses ou para o mar divino. Mas se não obedecer às suas palavras, não lhes dando importância, ele ameaça vir aqui para lutar com você frente a frente; e lhe avisa que evite as mãos dele, pois afirma que pela força é superior.

Em grande fúria lhe disse o famoso Sacudidor da Terra:

— Ah, por muito forte que seja, falou com presunção! Pois somos três os irmãos, filhos de Crono: Zeus e eu, sendo o terceiro Hades, rei dos mortos. De forma tripla estão todas as coisas divididas; cada um participa da honra que lhe coube. Coube-me habitar para sempre o mar cinzento, agitadas as sortes; a Hades, a escuridão nebulosa. E a Zeus coube o vasto céu, no meio do éter e das nuvens.

Mas a terra ainda é comum aos três, assim como o alto Olimpo. Ele que não tente amedrontar-me.

A ele deu resposta a célere Íris com pés de vento:

— É portanto assim, ó Segurador da Terra de azuis cabelos, que devo transmitir a Zeus essa sua mensagem tão áspera e tão forte?

Em seguida respondeu-lhe Posêidon, Sacudidor da Terra:

— Íris, você falou na medida certa. Condição excelente se encontra criada, quando o mensageiro sabe bem o que é útil. Por agora cederei, encolerizado embora esteja. Mas lhe direi outra coisa. Se contra a minha vontade ele poupar a cidade de Troia, que fique sabendo disto: entre nós implacável será a cólera.

Assim dizendo, deixou a batalha o Sacudidor da Terra. Partiu e mergulhou no mar, deixando saudades nos soldados gregos.

A Apolo disse em seguida Zeus, que comanda as nuvens:

— Vá agora, Febo amado, ter com Heitor. O deus que segura e sacode a terra já partiu para o mar divino, de modo a evitar minha cólera. Da nossa luta teriam ouvido outros deuses, até aqueles que estão debaixo da terra, em volta de Crono. Mas isso assim é de longe preferível tanto para mim como para ele, que antes ele tenha cedido, visto que sem suor não teria a coisa acabado. Ora, pegue com as mãos a égide ornada de borlas e agite-a com força para aterrorizar os gregos. Cabe a você proteger Heitor. Por agora, faz surgir nele uma força ingente, para que os gregos se ponham em fuga até as naus e cheguem ao Helesponto. A partir daí, deliberarei eu mesmo como tudo sucederá.

Assim falou; e às ordens do pai não desobedeceu Apolo. Lançou-se das montanhas do Ida como um célere falcão matador de pombas, que é a mais veloz de todas as aves. Encontrou Heitor, sentado, recuperando novo fôlego. Em volta dele estavam os

camaradas. Parara a falta de ar e a transpiração. Postando-se junto dele, assim lhe disse Apolo:

— Heitor, filho de Príamo! Por que razão longe dos outros se senta, desfalecido? Que sofrimento lhe sobreveio?

Sem forças lhe deu resposta Heitor, do elmo faiscante:

— Quem dos deuses é você, que me fala cara a cara? Não sabe que junto das popas das naus me atingiu Ájax com uma pedra no peito? Pensei que os mortos e a mansão de Hades neste dia eu veria, depois de ter expirado a vida.

Respondeu-lhe o soberano Apolo:

— Tenha coragem. O auxiliador que Zeus mandou para estar ao seu lado e protegê-lo é Febo Apolo, que desde há muito o protege, tanto a você como à sua cidade. Mas agora ordene aos numerosos cocheiros que conduzam os céleres corcéis contra as naus; pela minha parte, irei à frente e alisarei todo o caminho para os carros; e virarei em fuga os gregos.

Assim falando, insuflou grande força em Heitor. E, como quando um veado chifrado ou bode selvagem é perseguido por cães ou homens lavradores, e um penedo escarpado ou matagal sombrio o salva, pois não está fadado que eles o encontrem, mas depois com o clamor deles surge o leão barbudo no caminho, e logo eles fogem apesar do seu afinco — assim os gregos arremetiam continuamente em chusmas, estoqueando com espadas e lanças de dois gumes; quando viram Heitor a mover-se nas fileiras de homens, contudo, amedrontaram-se e a alma de todos caiu-lhes aos pés.

No meio deles falou então Toante, filho de Andrêmon:

— Ah, grande é o prodígio que contemplo com meus olhos! Heitor voltou dos mortos! Quando todos esperamos que tivesse morrido nas mãos de Ájax. Ordenemos agora à turba que regresse para as naus. Porém, nós, que nos declaramos os mais valentes do

exército, tomemos as nossas posições e o enfrentemos, brandindo as lanças. Creio que, apesar de tão ávido, no coração receará lançar-se contra a chusma dos gregos.

Assim falou; e eles lhe deram ouvidos e obedeceram. Aqueles que estavam em volta de Ajax e do soberano Idomeneu dispuseram o ataque, chamando pelos comandantes, e enfrentaram Heitor e os troianos. Mas atrás deles seguiu a multidão para as naus.

Foi então que os troianos avançaram, cerrados, liderados por Heitor, que caminhava com passos largos; à frente dele seguia Apolo, os ombros envoltos em nuvem, segurando a égide impetuosa, terrível e refulgente, que Hefesto dera a Zeus, para com ela pôr os homens em debandada. Essa era a égide que Apolo tinha nas mãos ao liderar o povo.

Mas os gregos, cerrados, não arredaram pé; e agudo surgiu o grito de guerra das duas partes. Dos entalhes voaram as flechas. Muitas eram as lanças atiradas por mãos audazes: umas fixavam-se na carne de jovens guerreiros; mas muitas ficavam pelo meio, antes de penetrarem vísceras e músculos, espetadas na terra, ainda ávidas de se fartar de carne humana.

Ora, enquanto Apolo segurava a égide imóvel, durante esse tempo, os dardos das duas partes acertavam e o povo tombava. Mas, quando ele olhava de frente os gregos e agitava a égide, gritando bem alto, enfeitiçava-lhes o ânimo no peito, e sentiam medo. Tal como quando duas feras selvagens põem em alvoroço uma manada de bois ou rebanho de ovelhas no negrume da noite, quando de repente atacam e não há pastor que valha, assim impotentes os gregos se puseram em fuga; Apolo semeara o pânico, outorgando a glória aos troianos e a Heitor.



11. A morte de Pátroclo

Junto da tenda de Aquiles estava Pátroclo a observar tudo o que se passava. Desesperado em seu coração por ver os gregos serem derrotados, chorava descontroladamente. Logo lhe disse Aquiles:

— Por que razão chora, ó Pátroclo, como uma menina que corre para a mãe e lhe puxa o vestido até que ela lhe dê colo? Igual a ela, ó Pátroclo, você chora lágrimas fartas. Será que tem algo a anunciar aos mirmidões ou a mim? Será que tem notícias da Ftia, que só você ouviu? Dizem que vive ainda Menécio, seu pai; e que meu pai, Peleu, está vivo lá na Ftia: por esses dois muito nos entristeceríamos se morressem. Ou será que está choroso por causa dos gregos, porque morrem perto das naus devido à sua presunção? Fale! Não esconda nada na mente, para que ambos saibamos.

Suspirando profundamente, assim lhe respondeu Pátroclo:

— Ó Aquiles, não se encolerize! É que na verdade todos os que antes eram os melhores guerreiros jazem no meio das naus, com feridas infligidas por setas e lanças. Ferido está Diomedes; feridos por lanças estão Ulisses e Agamêmnon. Em volta deles se afadigam os médicos com muitos fármacos, procurando curá-los. Mas você nasceu intratável, ó Aquiles. Que a mim jamais tome ira, como a que você acalenta. Recusa-se a evitar a morte vergonhosa de seus camaradas? Insensível! No entanto, se é um oráculo que o impede

de combater, deixe que eu vá para a batalha e que comigo siga o restante exército dos mirmidões, para que eu possa levar ajuda aos companheiros. E dê-me as suas armas para eu levar para a guerra, na esperança de que, tomando-me por você, os troianos se abstenham do combate, e assim os gregos respirariam, apesar de exaustos. É que facilmente nós, que não estamos cansados, afastaríamos os troianos em direção à cidade.

Assim falou, em grande súplica... o louco! Pois suplicava a própria morte. Muito agitado lhe respondeu então Aquiles:

— Ai de mim, ó Pátroclo, o que foi dizer! Não me preocupa nenhum oráculo. Mas declarei que não abandonaria a ira antes que às minhas naus chegasse a batalha e o grito de guerra. Você enverga então nos ombros as minhas armas e lidera para o combate os mirmidões, se na verdade a nuvem negra de troianos se abateu com força por cima das naus e os gregos não têm outra proteção que não a orla do mar. Pois toda a cidade dos troianos saiu contra eles com coragem, já que não veem a frente do meu elmo rebrilhando ali perto. Rapidamente, na sua fuga, os troianos encheriam os leitos de água de cadáveres, se por mim Agamêmnon tivesse tido alguma consideração. Agora não é Diomedes que lhes irá valer; e também não ouvi a voz odiosa de Agamêmnon dando ânimo aos gregos. É a voz de Heitor que ressoa incitando os troianos; os troianos com enorme clamor dominam toda a planície e vencem na luta os gregos. Por isso, ó Pátroclo, arremeta com toda a força, para que com fogo ardente os troianos não queimem as naus. Mas, depois de tê-los afastado das naus, regresse. Volte para trás assim que tiver salvado as naus do fogo. Atente bem nestas minhas palavras. Não tente se aproximar de Troia: deixe que outros combatam na planície. Nosso momento virá mais tarde. Na verdade, o que eu queria era isto: que morressem todos os troianos

e todos os gregos! Mas que nós dois sobrevivêssemos, para sermos nós, sozinhos, a ganhar o diadema de Troia!

Desse modo, essas coisas diziam um ao outro. Foi nesse momento que os troianos lançaram fogo contra as naus. E logo se elevou a chama inexaurível. Vendo o fogo, Aquiles bateu em ambas as coxas e assim disse a Pátroclo:

— Levante-se, ó Pátroclo! Vejo claramente ali nas naus uma labareda de fogo ardente. Que eles não tomem as naus, que não se inviabilize a fuga! Envergue rapidamente as minhas armas e eu reunirei a hoste.

Assim falou; e Pátroclo vestiu-se com as armas de Aquiles, armando-se para a guerra pela última vez. Primeiro, cobriu as pernas com protetores adornados de prata na parte ajustada ao tornozelo. Em segundo lugar, protegeu o peito com a couraça multicolor, ornada de estrelas. Nos ombros pôs uma espada de bronze com adereços prateados; em seguida, o escudo, possante e resistente. Na cabeça colocou um elmo bem trabalhado, com penacho de cavalo: e terrível era o seu movimento. Pegou duas lanças, bem ajustadas à sua mão. Só não pegou a lança de Aquiles, pesada, imponente, enorme. Mais ninguém teria força para levantá-la; só Aquiles era capaz de brandir a lança de freixo do Pélion, que Quíron, o centauro, dera ao pai dele para a carnificina de heróis. Pátroclo ordenou depois a Automedonte que depressa atrelasse os cavalos, Xanto e Bálio, que voavam rápidos como os ventos: eram cavalos divinos, que o vento Zéfiro tinha gerado, cobrindo a égua Podarga quando ela pastava nas pradarias perto da corrente do Oceano. Aos tirantes laterais Automedonte atou outro cavalo, Pédaso, que Aquiles trouxera depois de saquear a cidade do pai de Andrômaca: cavalo que, mortal embora fosse, acompanhava corcéis imortais.

Aquiles tratou de incitar os mirmidões com suas armas, em todas as tendas. E eles, como lobos carnívoros, em cujo espírito existe uma fúria inominável — lobos que nas montanhas mataram um grande veado chifrado e o devoraram, todos eles com a boca vermelha de sangue; avançam em matilha e do espelho da fonte de água escura sorvem com suas línguas delgadas a escura água, enquanto lhes vem à boca o sangue da matança —, assim os comandantes e regentes dos mirmidões se apressaram em torno de Pátroclo. E no meio deles estava de pé o belicoso Aquiles, incitando tanto cavalos como homens portadores de escudo. Depois que a todos sob seus comandos dispusera Aquiles, bem separadas as falanges, de pé proferiu um discurso severo:

— Mirmidões! Que nenhum de vocês se esqueça das jactâncias com que, junto das naus velozes, ameaçaram os troianos enquanto durava minha cólera, quando cada um me reprendia: “Ó desgraçado filho de Peleu! Foi com fel que sua mãe o criou! Insensível! Você que, à sua revelia, retém nas naus os camaradas! Regressemos, portanto, para casa nas naus preparadas para o mar, visto que deste modo se abateu sobre seu coração uma ira maligna”. Com essas palavras, reunidos, amiúde me reprendiam. Mas agora vocês têm à frente o grande esforço da batalha, pela qual antes se apaixonaram. Com coração valente combatam os troianos!

Assim dizendo, incitou a coragem e o ânimo de cada um. E cerraram ainda mais as fileiras, depois que ouviram o rei. Como quando, com pedras bem ajustadas, um homem constrói o muro de uma alta casa para evitar a força dos ventos, assim cerrados se dispunham os elmos e os escudos com bossas. Escudo premia contra escudo, elmo contra elmo, homem contra homem. Tocavam-se os penachos de crinas de cavalo nos elmos coruscantes dos que avançavam, cerrados uns junto dos outros. À frente de todos, dois

homens se preparavam para a luta: Pátroclo e Automedonte, ambos com uma só intenção, que era combater à frente dos mirmidões.

Aquiles voltou para a tenda e abriu uma arca bela e trabalhada, que Tétis pusera na nau para ele levar, bem repleta de túnicas e de capas, para agasalhá-lo contra o vento, e de mantas de lã. Aí tinha uma taça bem cinzelada, da qual nenhum outro dentre os homens bebia o vinho frisante; nem eram oferecidas libações a outro deus que não Zeus pai. Tirou a taça da arca e em primeiro lugar limpou-a com enxofre; depois a enxaguou com belas correntes de água. Ele próprio lavou as mãos e verteu o vinho frisante. Rezou depois em pé no meio do pátio e derramou uma libação de vinho, olhando para o céu; não passou despercebido a Zeus, que com o trovão se deleita:

— Zeus soberano, que habita Dodona! Outrora, quando orava, ouviu a minha palavra; honrou-me e grandemente fustigou a hoste dos gregos; portanto, também agora faça que se cumpra este meu desejo. Eu aqui permanecerei junto das naus, mas envio o meu companheiro com numerosos mirmidões para combater. Outorgue-lhe a glória, ó Zeus, que vê ao longe, e encoraje-lhe o coração no peito, para que também Heitor saiba se Pátroclo tem competência para lutar sozinho, ou se suas mãos só são invencíveis quando me acompanha na guerra. Porém, quando das naus ele tiver afastado o fogo, que ele volte incólume para as naus, com todas as armas e com os camaradas.

Assim falou, orando; e escutou-o Zeus, o conselheiro. Concedeu-lhe uma parte o Pai, mas negou-lhe a outra. Que Pátroclo repelisse das naus o fogo lhe concedeu; mas negou-lhe que da luta regressasse vivo.

Derramadas as libações e após ter rezado a Zeus pai, Aquiles voltou para a tenda e guardou a taça na arca; depois saiu e ficou de

pé na frente da tenda: em seu coração queria ainda observar a tremenda refrega de gregos e troianos.

Ora, aqueles que com Pátroclo haviam se armado avançaram e com grande afinco se atiraram aos troianos. De imediato se entornaram como vespas das veredas, a quem os rapazes têm por hábito encolerizar, sempre as atormentando em seus ninhos, os tolos!, pois assim provocam um mal que a todos atinge. É que as vespas, se por elas passa um viajante insciente, voam contra ele com raiva implacável, pois todas querem proteger as suas crias — com ânimo igual se derramaram os mirmidões das naus. E levantou-se um clamor inexaurível. Pátroclo gritou pelos camaradas e assim lhes disse:

— Mirmidões, companheiros de Aquiles, filho de Peleu! Sejam homens, ó amigos, e lembrem-se da coragem, para que honremos o pelida. Reconheça Agamêmnon o seu desvario, por em nada ter honrado o melhor dos gregos.

Assim dizendo, incitou a força e a coragem de cada um. Lançaram-se, cerrados, contra os troianos. E em volta das naus retumbou o eco medonho da gritaria dos gregos.

Quando os troianos viram Pátroclo refulgindo com as armas emprestadas, agitou-se o coração de todos e moveram-se as falanges, convencidos de que Aquiles abandonara a cólera e voltara à batalha. E cada um olhou em volta, para ver como fugir à morte, que parecia certa.

Pátroclo foi o primeiro a arremeter com a lança luzente, atirando-a para o meio, onde a maioria deles se juntava, e acertou em Pirecmes, que conduzira os péones de Âmido, de junto do rio Áxio de amplo fluir. Atingiu-o no ombro direito, e ele tombou para trás na poeira, com um gemido. Em volta dele se afugentaram os

péones, seus camaradas, pois entre eles Pátroclo espalhou o pânico ao matar o comandante, excelente combatente. Escorraçou-os da nau e extinguiu o fogo ardente. Metade queimada ali deixou a nau. Mas amedrontaram-se os troianos com gritaria assombrosa; e os gregos derramaram-se por entre as naus: levantou-se um fragor incessante. Tal como quando do alto cume de uma enorme montanha uma densa nuvem é movida por Zeus e aparecem à vista todos os píncaros, elevados promontórios e todos os vales, e a partir do céu se rasga o éter infinito — assim os gregos, após terem repellido das naus o fogo ardente, recobriram o fôlego, embora não houvesse suspensão do combate. Os troianos ainda não tinham sido postos em fuga, mas ainda resistiam.

Foi então que, ao espalhar-se o combate, dentre os mais nobres, cada homem matou seu homem. Pátroclo feriu primeiro com a lança afiada a coxa de Arílico, quando este se voltava: o bronze trespassou-o por completo. A lança partiu o osso e ele tombou de cara no chão. Por seu lado, Menelau golpeou Toante no peito desnudado junto do escudo e deslassou-lhe os membros. Enquanto observava Ânfiglo a lançar-se contra ele, Meges atingiu-o na base da perna, onde mais robustos são os músculos do homem: em volta da lança se rasgaram os tendões e a escuridão veio cobrir-lhe os olhos. Quanto aos filhos de Nestor: Antíloco arremeteu contra Antímnio com a lança afiada, e o bronze trespassou-lhe o flanco. Tombou de frente. Porém, Máris, que estava ali perto, atirou-se contra Antíloco com a lança, enraivecido por causa do irmão, e pôs-se de plantão por cima do morto. Mas Trasimedes foi mais rápido e, antes que ele arremettesse, não errou o alvo e atingiu-o no ombro. A ponta da lança decepou o braço dos músculos e estilhaçou por completo o osso. Tombou com um estrondo, e a escuridão cobriu-lhe os olhos. Desse modo, ambos os irmãos, subjugados por dois

irmãos, foram para o Hades, valentes camaradas de Sarpédon, lanceiros e filhos de Amisódaro.

Ájax então atirou-se contra Cleobulo e tomou-o vivo, no emaranhado da multidão. Mas aí lhe afrouxou a força, ao desferir em seu pescoço um golpe com a espada de bom punho; e toda a lâmina ficou quente do seu sangue. Sobre seus olhos desceu a morte purpúrea e o destino inelutável. Foi então que se embateram Peneleu e Lícon: é que com as lanças nenhum acertara no outro, pois ambos arremessaram em vão. Embateram-se de novo com as espadas. Então Lícon desferiu um golpe no cimo do elmo com crinas de cavalo; a espada quebrou-se no punho. Mas Peneleu desferiu-lhe um golpe no pescoço, debaixo da orelha, e toda a espada penetrou; já nada a pele segurava. A cabeça ficou de lado e deslassaram-se seus membros. E Meríones ultrapassou depressa Acamante, quando montava no carro, e deu-lhe uma estocada no ombro direito. Tombou do carro e sobre seus olhos se derramou o nevoeiro. Idomeneu estocou Erimante na boca com o bronze renitente. Trespasseou-lhe completamente o cérebro a lança de bronze, estilhaçando-lhe os brancos ossos. Para fora, sacudidos, saltaram os dentes e ambos os olhos se encheram de sangue. Cuspiu os dentes com expressão de pasmo no semblante, mas depois veio encobri-lo a nuvem negra da morte.

Cada um desses, regentes dos gregos, matou o seu homem. Tal como lobos rapinantes que se lançam contra cordeiros ou cabritos, escolhendo-os dos rebanhos, quando devido à imprudência do pastor estão tresmalhados nas montanhas; mas os lobos vêm e depressa atacam os tímidos ovinos — assim os gregos atacaram os troianos, que só se lembravam da fuga vergonhosa, pois esqueceram de todo a coragem viril.

O enorme Ajax tentava permanentemente arremessar o dardo contra Heitor; mas ele, experto na guerra, protegido pelo escudo nos ombros largos, observava bem o voo das flechas e o arremesso das lanças. Ele percebia de fato que mudava a vitória alteradora da batalha; mas mesmo assim não arredou pé e procurou salvar os camaradas.

Tal como quando do Olimpo pelo céu afora segue uma nuvem vinda do éter luzente, quando Zeus espalha a tempestade, assim das naus surgiram a gritaria e a debandada dos troianos; e não foi de forma ordenada que atravessaram de novo a vala. Os céleres corcéis levavam Heitor com as armas; deixara a hoste dos troianos, a quem a vala escavada retinha, contrariados. E na vala muitas parelhas de cavalos que puxavam carros partiram a vara e abandonaram os carros dos soberanos.

Mas Pátroclo seguiu atrás, com gritos ferozes, intentando desgraças contra os troianos, que em pânico enchiam todos os caminhos, visto que tinham sido desbaratados. Em cima, uma nuvem de pó se estendia debaixo das nuvens, enquanto os cavalos se esforçavam por regressar à cidade, vindos das naus e das tendas. E no local onde Pátroclo via maior concentração de fugitivos, aí conduzia os cavalos, berrando; e sob os eixos do carro caíam homens dos seus carros, pois os coches eram revirados. Por cima da vala diretamente saltaram os céleres corcéis imortais, que os deuses tinham dado a Peleu, oferta gloriosa!, lançando-se em frente. O ânimo mandava-o contra Heitor, pois Pátroclo queria feri-lo. Mas velozes eram também os cavalos de Heitor! Tal como quando sob uma tempestade se enegrece toda a terra em dia de ceifa, quando torrencialmente Zeus faz chover, encolerizado na sua fúria contra homens que pela força na assembleia proferem sentenças judiciais tortas, escorraçando assim a justiça, indiferentes à vingança divina;

e todos os seus rios incham ao fluir o seu caudal e as torrentes sulcam muitas colinas e em direção ao mar purpúreo correm grandes correntes com fragor a pique das montanhas, destruindo os campos dos homens — assim era o relinchar das éguas troianas a galope.

Mas depois que Pátroclo impedira a fuga das primeiras falanges, de novo as empurrou para as naus; e não deixava que na cidade pusessem pé, por muito que quisessem; mas entre as naus e o rio e a alta muralha os chacinava na sua raiva, vingando a morte de muitos companheiros. Primeiro, atingiu Prónoo com a lança luzente no peito desnudado junto do escudo, e deslassou-lhe os membros. Tombou com um estrondo. Depois, arremeteu contra Testor, filho de Énops, que estava agachado no seu carro bem polido, pois com a mente desvairada de pânico deixara cair as rédeas das mãos; Pátroclo aproximou-se e deu-lhe uma estocada com a lança no maxilar direito e fê-la trespassar os dentes; depois, agarrou a lança e levantou a vítima por cima do rebordo do carro, como o pescador sentado num promontório do mar arrasta para a terra um peixe com linha e anzol — assim Pátroclo levantou com a lança luzente Testor do carro, que olhava com ar embasbacado; atirou-o ao chão de cara para baixo, e a vida deixou-o quando caiu.

Depois, enquanto Erilau arremetia contra ele, Pátroclo atingiu-o com uma pedra no meio da cabeça; e todo o crânio se fendeu dentro do elmo pesado. E ele caiu de cabeça no chão e em volta dele se derramou a morte aniquiladora do espírito. Em seguida, Erimante e Anfótero e Epaltes; Tlepólemo, filho de Damastor, e Équio e Píris; Ifeu e Evipo e Polimelo, filho de Árgeas: a todos fez Pátroclo tombar na terra provedora de dons.

Mas quando Sarpédon viu os camaradas sendo subjugados nas mãos de Pátroclo, repreendeu com gritos os lícios, que eram aliados

dos troianos:

— Vergonha, ó lícios! Para onde fogem? Sejam velozes mas é na luta! Eu próprio me oporei a este homem.

Assim falando, saltou armado do carro para o chão. Por seu lado, Pátroclo, quando o viu, saltou do carro. Tal como abutres de garras tortas e bicos recurvos lutam com altos gritos num penhasco elevado — assim com gritos arremeteram um contra o outro.

Mas Zeus, ao vê-los, compadeceu-se, pois Sarpédon era seu filho. Assim disse para Hera:

— Ai de mim, pois está fadado que Sarpédon, a quem mais amo dentre os homens, seja morto por Pátroclo. Mas hesito se hei de salvar Sarpédon, levando-o da batalha para a fértil terra da Lícia; ou se deixarei que ele morra nas mãos de Pátroclo.

Respondeu-lhe Hera, rainha dos deuses:

— Que palavra você foi dizer! A homem mortal, há muito fadado pelo destino, quer salvar da morte funesta? Faça-o. Mas todos nós, demais deuses, não o louvaremos.

Assim falou; e o pai dos homens e dos deuses cedeu ao destino. Porém derramou sobre a terra uma chuva ensanguentada, para honrar o filho amado, a quem Pátroclo estava prestes a matar em Troia, longe da sua pátria.

Quando já estavam perto, avançando um contra o outro, foi então que Pátroclo matou Trasimelo, que era o valoroso escudeiro do soberano Sarpédon: atingiu-o no baixo-ventre e deslassou-lhe os membros. Todavia, Sarpédon não o acertou com a lança luzente, arremetendo em seguida; mas atingiu o cavalo, Pédaso, com a lança no flanco direito. O cavalo relinhou ao expirar o sopro vital e caiu com um gemido no pó; dele voou a vida. Os outros dois cavalos empinaram, fazendo ranger o jugo; e por cima deles se emaranharam as rédeas, depois que na poeira caíra o outro cavalo.

Mas Automedonte, famoso lanceiro, encontrou uma solução: desembainhou a espada da coxa musculosa e, saltando em frente, cortou as rédeas de Pédaso, sem hesitar. E os outros dois cavalos puseram-se direitos e puxaram as rédeas. Novamente embateram-se eles em conflito devorador do espírito.

Só que, mais uma vez, Sarpédon não acertou com a lança luzente, mas por cima do ombro esquerdo de Pátroclo passou a ponta da lança, sem o atingir. Em seguida, com seu bronze arremeteu Pátroclo: e não foi em vão que o dardo lhe fugiu da mão. Atingiu Sarpédon na zona dos pulmões e do coração palpitante. Tombou como tomba carvalho ou choupo ou alto pinheiro, que nas montanhas os carpinteiros cortam com machados afiados para a construção das naus — assim tombou Sarpédon à frente do carro de cavalos e jazeu estatelado, gemendo, agarrado à poalha ensanguentada. Tal como um leão se mete no meio da manada e mata um touro, fulvo e audaz no meio dos bois de passo cambaleante, que morre com um mugido devido às mandíbulas do leão, assim debaixo de Pátroclo o regente dos lícios estrebuchou na morte e chamou pelo companheiro amado:

— Glauco, agora é preciso que seja um verdadeiro lanceiro e corajoso combatente. Pois serei para você no futuro motivo de arrependimento e censura todos os dias da sua vida, se os gregos me despirem das armas, morto no campo de batalha. Aja agora com potência e incite toda a nossa hoste.

Enquanto falava, a morte veio cobrir-lhe os olhos. E Pátroclo aproximou-se dele e pôs o calcanhar em seu peito; do corpo arrancou a lança. Os pulmões vieram atrás. E assim de uma só vez arrancou dele a alma e a ponta da lança. Os mirmidões fizeram estacar ali os cavalos resfolegantes, ávidos de fugir, uma vez que tinham deixado os carros dos amos.

Terrível foi a dor que se abateu sobre Glauco, amigo amado de Sarpédon. Seu coração estava destroçado, porque não conseguira defendê-lo. Com a mão fazia pressão contra o braço, pois doía-lhe a ferida que lhe infligira Teucro com uma seta, quando ele repulsava a desgraça dos camaradas e Glauco arremetia. Rezando, assim falou a Apolo:

— Ouça-me, soberano! Você, que porventura está na fértil Lícia ou então em Troia, pois consegue ouvir de qualquer parte um homem desesperado. Tenho esta ferida no braço e sinto dores lancinantes; nem o sangue consegue estancar. E pesa-me o ombro por causa da ferida. Não consigo agarrar com firmeza a lança, nem avançar contra os inimigos para combater. O melhor homem de todos morreu, Sarpédon, filho de Zeus; ele, que seu filho não protegeu. Mas, ó soberano, cure-me desta ferida! Anule as dores, dê-me força, para que chame pelos companheiros lícios e os incite a combater! E para que eu próprio lute em volta do cadáver do morto.

Assim falou, rezando; e Apolo ouviu-o. De imediato fez parar as dores e fez estancar o negro sangue da ferida e lançou-lhe coragem no coração. Glauco apercebeu-se disso em seu espírito e regozijou-se, porque um grande deus o ouvira logo que rezara. Primeiro incitou os guerreiros, comandantes dos lícios, percorrendo todos, a se colocarem de plantão em volta de Sarpédon. Com largos passos foi depois juntar-se aos troianos; e a Heitor dirigiu estas palavras:

— Heitor, agora está completamente esquecido dos aliados, que por sua causa longe das famílias e da terra pátria gastam a vida. No entanto, não quer auxiliá-los. Jaz morto Sarpédon, regente dos escudeiros lícios, ele que a Lícia protegia com sua força e sua justiça. Sob a lança de Pátroclo foi subjugado. Mas protejam-no, ó

amigos, e indignem-se no coração, para que os mirmidões não lhe tirem as armas e profanem seu corpo.

Assim falou; e aos troianos tomou um sofrimento impossível de aguentar, avassalador; pois Sarpédon era para eles o baluarte da cidade, embora estrangeiro. Com ele seguiam muitas hostes; e ele próprio era exímio combatente. Atiraram-se logo aos gregos com afinco. Liderou-os Heitor, enfurecido por causa de Sarpédon.

Tal como o fragor que surge de homens lenhadores nas clareiras das montanhas e ao longe se ouve seu eco — assim da terra de amplos caminhos se elevou deles um fragor, barulho de bronze e de couro bovino e de escudos bem trabalhados, ao golpearem-se uns aos outros com espadas e lanças de dois gumes. E nenhum homem que conhecesse bem Sarpédon o conseguiria reconhecer, visto que estava totalmente coberto de dardos, de sangue e de poeira, da cabeça à sola dos pés. Em torno do cadáver se reuniam eles, tal como quando as moscas no curral zumbem em volta dos baldes repletos de leite, na estação primaveril. E de modo algum desviou Zeus os olhos brilhantes do potente combate, mas continuamente olhava para eles e se debatia no coração, muitas coisas refletindo sobre a morte de Pátroclo, se já ali em potente combate, sobre o divino Sarpédon, o glorioso Heitor o abateria com o bronze e dos ombros lhe arrancaria as armas, ou se a outros abrangeria na íngreme desgraça. Enquanto assim pensava, isto lhe pareceu mais proveitoso: que Pátroclo empurrasse os troianos para a cidade, a muitos tirando a vida.

Antes de mais nada, Zeus incitou em Heitor a fuga covarde: subiu no carro, pôs-se em fuga e gritou aos outros troianos que fugissem. Heitor compreendera a sacra balança de Zeus. Então, nem os lícios permaneceram, mas todos foram desbaratados, assim que viram o rei atingido no coração, jazendo no meio dos cadáveres. Pois

muitos por cima dele tinham tombado. Os mirmidões despiram dos ombros de Sarpédon as armas fulgentes de bronze; e Pátroclo deu-as aos companheiros para serem levadas às naus.

Foi então que Zeus disse o seguinte a Apolo:

— Vá agora, ó filho amado, e limpe o negro sangue de Sarpédon; tire-o do meio dos dardos e depois leve-o para muito longe. Dê-lhe banho nas correntes do rio e unja-o com ambrosia; vista-o com roupas imortais. Entregue-o a dois pressurosos portadores para levarem-no, Sono e Morte, dois irmãos, eles que rapidamente o colocarão na terra fértil da ampla Lícia, onde seus irmãos e parentes lhe prestarão honras fúnebres, com sepultura e estela: pois essa é a honra devida aos mortos.

Assim falou; e a seu pai não desobedeceu Apolo. Desceu das montanhas do Ida para o fragor tremendo da batalha e de imediato levantou Sarpédon do meio dos dardos. Levou-o para muito longe e deu-lhe banho nas correntes do rio; ungiu-o com ambrosia e vestiu-lhe roupas imortais. Entregou-o a dois pressurosos portadores para levarem-no, Sono e Morte, dois irmãos, eles que rapidamente o puseram na terra fértil da ampla Lícia.

Ora, Pátroclo chamou por seus cavalos e por Automedonte e seguiu atrás de troianos e lícios, grandemente desvairado, o louco! Pois se tivesse acatado a palavra de Aquiles, teria escapado ao destino malévolos da morte horrenda. Mas a intenção de Zeus é sempre superior à dos homens, ele que põe em fuga o homem corajoso e facilmente o defrauda da vitória. Foi Zeus que agora lançou ímpeto no peito de Pátroclo.

Quem primeiro e quem por último, ó Pátroclo, matou, quando os deuses o chamaram para a morte? Primeiro matou Adrasto e Autônoo e Équeclo; e Périmo, filho de Megas, e Epistor e Melanipo; e em seguida Élaso e Múlio e Pilartes. Os outros troianos só

pensavam em fugir. Então teriam os gregos tomado Troia de altos portões pelas mãos de Pátroclo, se na muralha bem construída Apolo não tivesse se posicionado, com a intenção de lhe fazer mal e de prestar auxílio aos troianos. Três vezes pisou Pátroclo um canto da sublime muralha; três vezes o repeliu Apolo, arremetendo contra o escudo refulgente com suas mãos imortais. Mas quando Pátroclo pela quarta vez se lançou como um deus, com um grito terrível lhe disse Apolo:

— Ceda, ó Pátroclo! Não está fadado que por sua lança seja destruída a cidade dos troianos, nem sequer pela de Aquiles, que é muito melhor guerreiro que você.

Assim falou; e Pátroclo retrocedeu para bastante longe, de modo a evitar a ira de Apolo.

Mas Heitor parara seus cavalos às portas da cidade, indeciso se haveria de voltar ao combate no meio da turba, ou se haveria antes de chamar o exército para dentro da muralha. Enquanto hesitava, Apolo aproximou-se dele, assemelhando-se a um homem, jovem e espadaúdo, que Heitor conhecia. Assemelhando-se a ele, disse-lhe assim o deus:

— Heitor, por que desiste da batalha? Vá agora e conduza contra Pátroclo seus cavalos! Pode ser que consiga matá-lo e que Apolo lhe dê a glória.

Assim dizendo, de novo ingressou o deus no esforço dos homens. Heitor ordenou ao cocheiro que chicoteasse os cavalos em direção ao combate. Porém, Apolo seguiu seu caminho e entrou na turba, lançando contra os gregos um pânico vil, para outorgar a glória aos troianos e a Heitor. Mas Heitor ignorou os outros gregos e conduziu seu carro contra Pátroclo. Por seu lado, Pátroclo saltou do carro para o chão, com uma lança na mão esquerda, enquanto com a direita pegou uma pedra lacerante. Posicionou-se e atirou-a sem

acertar no homem certo; mas o arremesso não foi em vão, pois acertou no cocheiro de Heitor: acertou-o na testa com a pedra lacerante, quando segurava as rédeas dos cavalos. A pedra estilhaçou ambos os sobrolhos e o osso ficou lasso, pois os olhos saltaram para fora e caíram na poeira, diante dos pés do próprio. E semelhante a um mergulhador tombou do carro bem trabalhado e a vida deixou-lhe os ossos. Então falou com palavras trocistas, ó Pátroclo cavaleiro:

— Mas que agilidade tem este homem! Que facilidade no mergulho! Na verdade, se isto fosse o mar, a muitos daria este homem satisfação na busca de ostras. Só a facilidade com que ele agora mergulhou do carro para a planície! Parece que entre os troianos não faltam bons mergulhadores.

Assim dizendo, avançou em direção ao cocheiro com a fúria do leão que, quando ataca o estábulo, é ferido no peito e morre devido à própria coragem.

Mas Heitor, por seu lado, saltou do carro para o chão. Então ambos lutaram pelo corpo do cocheiro como dois leões que nos cumes das montanhas lutam por uma corça morta, ambos esfomeados, ambos orgulhosos e aguerridos — assim em volta de Cebríones, o cocheiro, lutaram dois peritos no grito de guerra: Pátroclo, o Menecida, e o glorioso Heitor, ambos desejosos de rasgar a carne um do outro com o bronze impiedoso. Heitor agarrou na cabeça de Cebríones e não a largava. Pátroclo, por seu lado, agarrou no pé. E os demais troianos e gregos juntaram-se a eles em potente combate.

Tal como dois ventos lutam em confronto quando fazem estremecer o fundo bosque de um vale na montanha, bosque de faias e de freixos; e as árvores fazem embater entre si as longas ramagens com assombroso fragor e surge o estrepitar de ramos

partidos — assim troianos e gregos se atiraram uns contra os outros em confusão, e nenhum dos lados pensou na fuga vergonhosa. Em torno de Cebríones muitas lanças afiadas estavam fixadas, assim como flechas disparadas dos arcos; e muitas foram as pedras enormes que se embateram nos escudos, enquanto lutavam em volta dele. Mas ele no torvelinho de pó jazia, morto, já esquecido da equitação.

Enquanto o Sol prosseguia seu curso no meio do céu, acertaram no alvo os dardos das duas partes, e o povo morria. Mas quando o Sol trouxe a altura de desatrelar os bois do jugo, então além do que estava fadado prevaleceram os gregos. Arrastaram Cebríones do arremesso dos dardos e dos gritos dos troianos, e dos ombros lhe despiram as armas; e Pátroclo arremeteu contra os troianos com tenção funesta. Três vezes se atirou a eles com gritos medonhos; três vezes matou nove homens. Mas quando, pela quarta vez, se lançou como um deus, então, ó Pátroclo, apareceu o fim da sua vida!

Pois ao encontro de Pátroclo em potente combate veio Apolo, deus terrível. E Pátroclo não o viu caminhando entre a multidão, pois vinha ao seu encontro envolto em denso nevoeiro.

Atrás dele se posicionou Apolo e bateu-lhe nas costas, fazendo-o revirar os olhos. E Apolo atirou-lhe o elmo da cabeça, que ecoou enquanto rolava sob as patas dos cavalos: o elmo com penachos, cujas crinas ficaram imundas de sangue e pó. Até aquele momento nunca os deuses tinham permitido que aquele elmo se sujasse, pois protegera a cabeça e a bela testa de um homem divino, Aquiles. Mas foi então que Zeus deu o elmo a Heitor, para pôr na sua cabeça, embora também perto dele estivesse a morte. E nas mãos de Pátroclo se quebrou a lança de longa sombra, pesada, imponente, enorme; e dos ombros caiu ao chão o escudo adornado

de borlas. Desapertou-lhe a couraça o soberano Apolo, filho de Zeus. Nesse momento a confusão tomou-lhe a mente e deslassou-lhe os membros: estava ali de pé, atordoado. E nas costas, com uma lança afiada, entre os ombros o acertou com o arremesso Euforbo, filho de Pântoo, que se destacava dos da sua idade no arremesso da lança, na equitação e na veloz corrida. Já vinte homens ele atirara ao chão de seus carros, à sua primeira chegada com o carro, ainda aprendiz da guerra. Foi ele que primeiro o atingiu, ó Pátroclo, mas não o subjugou. Correu para trás e imiscuiu-se na turba, tendo arrancado a lança de freixo da carne; pois não se atreveu a enfrentar Pátroclo, nu embora estivesse, na refrega. Mas Pátroclo, oprimido pelo golpe do deus e pela lança, retrocedeu para junto dos conterrâneos, para evitar a morte.

Só que, quando Heitor viu Pátroclo retrocedendo, golpeado pelo bronze afiado, atravessou as falanges para se acercar dele e deu-lhe uma estocada com a lança no baixo-ventre; a lança trespassou-o por completo. Tombou com um estrondo e muito se entristeceu a hoste dos gregos. Tal como quando um leão vence pela força um inquebrantável javali, quando nos píncaros das montanhas lutam ambos, orgulhosos, por uma exígua nascente de água, pois ambos querem beber; e muito resfolega o javali, mas o leão vence-o pela força — assim Heitor tirou a vida a Pátroclo, ferindo-o de perto com a lança. E com jactância proferiu estas palavras:

— Pátroclo, porventura pensou que saquearia nossa cidade e que às mulheres troianas tiraria o dia da liberdade, para levá-las nas naus para sua terra. Louco! À frente delas os corcéis velozes de Heitor levantam as patas para a batalha; e eu próprio com a lança sou o melhor entre os aguerridos troianos, eu que deles afasto o dia da desgraça. Você será comido pelos abutres. Pobre de você! Nem Aquiles, valente embora seja, lhe valeu, ele que, porventura, lhe

deu esta incumbência ao aqui vir: “não volte para cá, ó Pátroclo, para as naus, antes que a Heitor tenha tingido de sangue a túnica no seu peito”. Foi isso que ele lhe disse; e você, em sua demência, se convenceu.

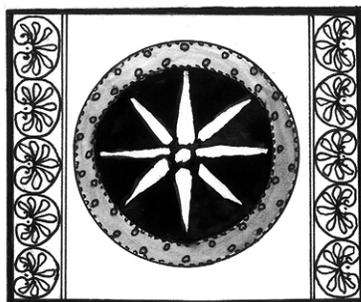
Foi então que, já sem forças, lhe disse, ó Pátroclo cavaleiro:

— Por agora, ó Heitor, ufane-se à vontade. A você outorgaram a vitória Zeus e Apolo, que me subjugaram facilmente. Pois eles próprios me despiram as armas dos ombros. Mas se vinte homens como você tivessem me enfrentado, todos aqui teriam morrido, subjugados pela minha lança. Mas mataram-me Apolo e o destino; você nem foi o primeiro a me ferir. Mas lhe direi outra coisa; e você guarde-a no seu espírito: não será por muito mais tempo que viverá, mas já a morte de você se aproxima, pois em breve morrerá nas mãos de Aquiles.

Enquanto assim falava, cobriu-o a morte. A alma evolou-se do corpo e foi para o Hades, chorando seu destino, deixando para trás a virilidade e a juventude. E ao morto proferiu Heitor estas palavras:

— Pátroclo, por que razão me profetiza a morte? Quem sabe se Aquiles não perderá a vida golpeado por minha lança?

Assim falando, Heitor arrancou da ferida a lança de bronze. E logo foi atrás de Automedonte, cocheiro de Aquiles, desejoso de matá-lo. Mas levaram-no os cavalos imortais, que os deuses tinham dado a Peleu, oferta gloriosa!



12. As armas de Aquiles

Nesse meio-tempo, na zona das naus, um estranho pressentimento dominava o espírito de Aquiles. De pé, em frente da sua tenda, assim dizia, pensando em voz alta:

— Ai de mim, por que razão os gregos estão sendo empurrados para as naus através da planície? Que os deuses não façam cumprir dores funestas ao meu coração.

Enquanto isso pensava, chegou junto dele Antíloco, filho de Nestor, para dar a terrível notícia. Chorando convulsivamente, assim falou Antíloco:

— Ai de mim, ó filho de Peleu! Demasiado funesta é a notícia que ouvirá, quisera que nunca tivesse acontecido! Pátroclo tombou. Em torno do seu corpo estão combatendo, do seu corpo nu, pois Heitor já tem as suas armas.

Assim falou; e uma nuvem negra de dor se apoderou de Aquiles. Levantando com ambas as mãos a poeira enegrecida, atirou-a por cima da cabeça e lacerou seu belo rosto. Sobre a túnica perfumada caiu a cinza negra. E ele próprio, grandioso na sua dor, jazia estatelado na poeira e com as mãos arrancava o cabelo. As servas que Aquiles e Pátroclo tinham arrebatado como espólio gritaram bem alto na angústia do coração e correram porta afora. Todas com

as mãos batiam no peito e de cada uma delas se enfraqueceram os joelhos.

Por seu lado, Antíloco lamentava-se e chorava muitas lágrimas, segurando nas mãos de Aquiles, que gemia sem parar; é que receava que com o ferro ele cortasse a própria garganta. Medonhos foram os gritos de Aquiles. Ouviu-os Tétis, sentada nas profundezas do mar. Logo lançou um grito ululante. E as outras Nereides vieram rodeá-la, Nereides e ninfas nas profundezas do mar. Delas se encheu a gruta luminosa. Todas juntas bateram no peito, e foi Tétis que deu início ao lamento:

— Ouçam-me, Nereides, minhas irmãs, para que escutando fiquem todas sabendo os sofrimentos que tenho no coração! Ai de mim, desgraçada! Eu, que dei à luz um filho, o maior dos heróis, que cresceu rápido como uma viga. Fui eu que o criei, como árvore em fértil pomar; agora está em Troia, mas nunca mais o receberei de novo, regressado a casa, no palácio de Peleu. Enquanto ele vive e contempla a luz do sol, não faz outra coisa que não sofrer. Em nada posso ajudá-lo.

Assim dizendo, abandonou a gruta; e as Nereides foram com ela, chorando. Em volta delas as ondas do mar se fendiam. E quando chegaram a Troia, emergiram para a praia, umas atrás das outras, lá onde cerradas estavam as naus dos mirmidões. Do filho que gemia profundamente se acercou a deusa. Com um grito ululante, acariciou a cabeça do filho; e, lamentando-se, proferiu estas palavras:

— Meu filho, por que chora? Que dor chegou a seu espírito? Fale, não esconda o pensamento. Em seu benefício tudo o que queria foi cumprido por Zeus: foi você que quis a desgraça dos gregos, para que eles soubessem o quanto precisam de você.

Suspirando profundamente lhe respondeu Aquiles:

— Minha mãe, é certo que Zeus me fez a vontade. Mas que satisfação tenho eu nisso, se morreu o companheiro amado, Pátroclo, a quem eu honrava acima de todos os outros, como a mim próprio? Perdi-o! E Heitor, que o matou, despiu-lhe as armas, grandes e belas, presentes gloriosos que os deuses deram a Peleu no dia do seu casamento. Quisera que nunca tivesse saído dentre as imortais deusas marinhas e que Peleu tivesse desposado uma mulher mortal! Mas agora também a você chegará a dor desmedida, pelo filho morto, visto que meu ânimo não me compele a viver, se primeiro Heitor não perder a vida golpeado pela minha lança e pagar a morte de Pátroclo.

Respondendo-lhe, assim falou Tétis, vertendo lágrimas:

— Ai de mim, será rápido o seu destino, meu filho, pelo que diz! Pois logo em seguida à de Heitor está a sua morte fadada.

Muito agitado lhe respondeu então Aquiles:

— Que eu morra logo em seguida, visto que auxílio não prestei ao companheiro quando foi morto; longe da sua pátria morreu e precisou de mim, mas eu não estava lá para ajudá-lo. Mas agora já não regressarei à amada terra pátria, mas jazerei aqui como fardo inútil sobre a terra. Que a discórdia desapareça da vista dos deuses e dos homens, assim como a raiva que leva o homem a irar-se; raiva que aumenta como se fosse fumo no peito dos homens. Mas a essas coisas permitiremos o terem sido. Agora irei ao encontro de quem a cabeça amada me matou: Heitor. Meu destino acolherei na altura em que Zeus quiser cumpri-lo. Nem Hércules fugiu ao destino, ele que mais amado foi por Zeus. Do mesmo modo, também eu terei de morrer. Mas antes que isso aconteça, escolho por ora a glória do meu renome. Por isso, não me impeça de combater, por muito que me ame: não me convencerá.

A ele deu resposta a deusa, sua mãe:

— Meu filho, são os troianos que têm as suas armas. Heitor veste-as agora, ainda que não por muito tempo, pois está perto sua morte. Não volte ao combate antes que lhe traga armas novas. De manhã cedo regressarei, ao nascer do sol, trazendo belas armas, que um deus para você fabricará.

Assim dizendo, virou-se para as Nereides, suas marítimas irmãs:

— Mergulhem agora no amplo regaço do mar. Pela minha parte irei ao alto Olimpo, para junto de Hefesto, famoso artífice, para lhe pedir para meu filho gloriosas armas luzentes.

Assim falou; e elas mergulharam de imediato nas ondas do mar; e para o Olimpo foi a deusa Tétis dos pés prateados.

No campo de batalha, os gregos fugiam espavoridos de Heitor, sem conseguirem arrastar para longe dos dardos Pátroclo morto. Heitor, com voz alta, chamava os troianos. Três vezes os dois Ajantes o repeliram do cadáver. Mas ele, confiante na sua força, arremetia de novo, e de novo ali se postava, gritando alto; pois recusava-se de todo a arredar pé. Tal como de uma carcaça os pastores do campo repelir não logram o fulvo leão, grandemente esfomeado — assim os dois Ajantes não conseguiram afastar Heitor do cadáver. Mas agora teria Heitor conseguido o impossível, se Íris com pés de vento não tivesse chegado perto de Aquiles, para lhe anunciar do Olimpo que devia se armar, de modo a espalhar o pânico entre os troianos:

— Levante-se, Aquiles, mais temível dos homens! Preste auxílio a Pátroclo: por causa dele levantou-se frente às naus uma confusão tremenda. Matam-se uns aos outros, na tentativa de defender o cadáver do morto, enquanto os troianos arremetem para arrastá-lo até Troia. Heitor está ávido por arrastá-lo; quer cortar a cabeça, para espetá-la numa estaca na muralha. Levante-se, não fique aí

deitado! Que a reverência sobrevenha a seu espírito, para que Pátroclo não se torne joguete dos cães de Troia. Sua seria a vergonha, se o cadáver chegasse mutilado.

Respondeu-lhe em seguida Aquiles, muito agitado:

— Como irei eu para a luta? São os troianos que têm as minhas armas. Minha mãe prometeu trazer-me armas novas, mas neste momento não há aqui armas que me sirvam.

Respondendo-lhe, assim falou a rápida Íris de pés de vento:

— Nós, os deuses, bem sabemos que eles têm suas armas. Mas vá para a vala e mostre-se aos troianos assim como está, na esperança de que, aterrorizados, desistam da batalha.

Tendo assim falado, partiu Íris de pés velozes. Aquiles levantou-se, e Atena lançou-lhe em torno dos ombros possantes a égide franjada e em volta da sua cabeça pôs uma nuvem dourada da qual fez arder uma chama fulgente. Tal como quando a fumaça sobe da cidade e chega ao éter, lá longe de uma ilha sitiada por um exército inimigo, e todo o dia os homens são postos à prova na guerra odiosa; e ao pôr do sol ardem as fogueiras umas atrás das outras e nas alturas fulmina o brilho para ser visto pelos povos que habitam em redor, para que venham com suas naus como repulsores da desgraça — assim da cabeça de Aquiles a luminescência chegou ao céu. Pôs-se de pé na vala, vindo da muralha, mas não se imiscuiu entre os gregos, pois da mãe respeitava o válido conselho. Ali posicionado, gritou; e de longe Atena ecoou seu grito.

Logo entre os troianos se levantou turbilhão indizível. Tal como quando claro é o som, quando a trombeta ressoa sob a chusma de inimigos homicidas que sítiam uma cidade — assim clara ressoou a voz de Aquiles. E quando ouviram sua voz de bronze, de todos se desanimou o coração. Até os cavalos de belas crinas puxaram para trás os carros, pois pressentiam no espírito a desgraça. E os

cocheiros amedrontaram-se, quando viram o fogo incansável, terrível, por cima da cabeça do filho de Peleu, ardendo. Três vezes por cima da vala bem alto Aquiles gritou; três vezes ficaram aturdidos os troianos e seus famosos aliados. E logo ali morreram doze dos melhores homens, no meio das próprias lanças e dos próprios carros. Porém, os gregos com regozijo tiraram Pátroclo para longe dos dardos e depuseram-no numa padiola. Em torno dele todos os companheiros choravam. Atrás seguia Aquiles, vertendo lágrimas escaldantes, quando viu o amigo fiel deitado na padiola e golpeado pelo bronze afiado. Pois mandara-o para a guerra com cavalos e com carro, para nunca mais vê-lo vivo.

Hera mandou o sol, contrariado, para as correntes do Oceano. O sol pôs-se e os gregos fizeram uma pausa nos possantes combates.

Por seu lado, os troianos desatrelaram dos carros os céleres cavalos e reuniram-se na assembleia, antes que lhes ocorresse jantar. Ficaram de pé enquanto durou a assembleia e nenhum ousou sentar-se. A todos tomava o terror, porque Aquiles se mostrara, ainda que havia muito se abstinera da luta dolorosa. Entre eles começou a falar o prudente Polidamante, filho de Pântoo; só ele tinha consciência da gravidade da situação. De Heitor era grande amigo; na mesma noite tinham ambos nascido. Um destacava-se pelas palavras; o outro muito mais pela lança. Bem-intencionado, Polidamante assim se dirigiu à assembleia:

— Refleti sobre isso, ó amigos. Por mim, entendo que devem regressar à cidade; a aurora divina não esperem na planície perto das naus: estamos longe da muralha. Enquanto Aquiles estava zangado com Agamêmnon, mais fáceis eram os gregos de vencer. Mas agora tenho um medo terrível do veloz pelida. Não quererá ficar apenas na planície, onde troianos e gregos se matam uns aos outros. Não, ele combaterá para alcançar a cidade e nossas

mulheres. Fechemo-nos todos na cidade: obedeçam-me! Assim será. Por agora a noite refreou Aquiles. Se amanhã vier ao nosso encontro, e nós aqui estivermos, aliviadamente chegará a Troia quem conseguir fugir, mas a muitos dos troianos comerão os cães e os abutres.

Fitando-o com sobrolho carregado lhe disse Heitor, irritado:

— Polidamante, aquilo que disse não é do meu agrado, você que nos manda para a cidade para lá ficarmos encurralados. Não estão já fartos de estar fechados dentro dos muros? Agora que Zeus me outorgou obter a glória junto das naus e esmagar os gregos, você, ó tolo!, apresenta tais conselhos em público. Nem um dos troianos lhe dará ouvidos! Não o permitirei. Agora por todo o exército tomem a refeição em grupos; não se esqueçam da vigia. Mantenham-se acordados, cada um de vocês. De manhã cedo, ao nascer da Aurora, despertemos a guerra aguçada junto das naus. Pela parte que me toca, não fugirei da guerra funesta, mas frente a frente ficarei em pé diante de Aquiles, quer seja ele a vencer, quer seja eu. Só morre na guerra quem os deuses querem matar.

Assim falou Heitor, ao que os troianos aplaudiram, loucos! Pois Atena lhes tirara o juízo. A Heitor, que dera maus conselhos, louvaram; mas a Polidamante ninguém louvou, ele que dera excelente conselho.

Toda a noite os gregos lamentaram Pátroclo, chorando. Entre eles foi Aquiles a iniciar com violência o lamento, pousando as mãos no peito do companheiro, gemendo constantemente como a leoa cujas crias algum caçador arrebatou na densa floresta; e a leoa, chegando depois do rapto, aflige-se e percorre muitas clareiras no rastro do homem, na esperança de apanhá-lo, pois raiva sinistra a domina — assim com profundos suspiros falou ele aos mirmidões:

— Ah, como foi vã a palavra que proferi naquele dia em que procurei animar Menécio, pai de Pátroclo! Disse-lhe que de volta lhe traria o filho, depois de termos saqueado Troia, com os despojos que lhe caberiam. Mas afinal ambos estamos fadados a avermelhar de sangue a mesma terra, aqui em Troia; nem me receberá no palácio ao meu regresso o velho cavaleiro Peleu, mas será aqui que a terra me cobrirá. Mas não o sepultarei, ó Pátroclo, antes de trazer para cá a cabeça de Heitor, seu assassino. Até lá, ficará como está.

Assim dizendo, aos companheiros ordenou Aquiles que colocassem uma grande trípode em cima do fogo, para depressa lavarem de Pátroclo a ensanguentada imundície. Colocaram sobre o fogo ardente a trípode para aquecer água: nela verteram água para o banho; por baixo puseram lenha. O fogo cobriu a barriga da trípode e a água ficou quente. Assim que a água ferveu no caldeirão de bronze, foi então que o lavaram e ungiram com azeite, enchendo-lhe as feridas com unguento de nove anos. Depuseram-no na cama e cobriram-no com linho macio dos pés à cabeça, e por cima com uma alva vestimenta. Depois, toda a noite, em torno de Aquiles, os mirmidões lamentaram Pátroclo, com lágrimas e gemidos.

Nesse ínterim, Tétis chegara ao palácio de Hefesto: palácio imperecível, brônzeo e astral, que construía o próprio deus de pé manco. Encontrou-o, suado, em volta dos foles. É que ele fabricava trípodes, vinte ao todo, para ficarem de pé em torno do muro da sua casa; e rodas de ouro colocara sob a base de cada uma, para que entrassem, automáticas, na reunião dos deuses e de novo voltassem para casa, maravilha de se ver! Enquanto ele trabalhava essas coisas com perícia excepcional, aproximou-se dele Tétis, a

deusa dos pés prateados. E Hefesto, acariciando-a, assim lhe disse, tratando-a pelo nome:

— Por que razão vem à nossa casa, ó Tétis de longos vestidos, veneranda e estimada? Antes não eram frequentes as suas visitas. Exprima sua intenção, pois manda-me o coração cumpri-la, se cumpri-la eu puder.

Em seguida lhe respondeu Tétis, vertendo lágrimas:

— Hefesto, haverá deusa que tenha sofrido dores mais funestas que as minhas? Dei à luz um filho muito amado para uma vida curta cheia de sofrimento. Sabe como os gregos o ofenderam e como ele se retirou, irado, do combate. Mas vestiu Pátroclo com as armas que eram suas e deixou-o ir para a guerra, onde Heitor o matou e lhe arrancou as armas divinas, que os deuses tinham dado a Peleu no dia do nosso casamento. Agora meu filho está sem armas para combater e é por isso que estou perante os seus joelhos, na esperança de que queira dar a meu filho um escudo, um elmo, belos protetores metálicos para as pernas e uma couraça.

Respondendo-lhe, assim falou Hefesto, o deus artífice:

— Anime-se: que tais coisas não lhe apoquentem o espírito. Quisera eu fosse capaz de esconder seu filho da morte dolorosa, quando sobrevier o terrível dia do destino. Mas antes disso ele terá belas armas, tão belas que as admirará quem no futuro as contemplar!

Assim dizendo, dirigiu-se a seus foles, a quem ordenou que trabalhassem. E os foles, vinte ao todo, sopravam sobre os forninhos, expirando uma pronta rajada com todo tipo de força, às vezes para o apoiar no esforço, outras vezes de outro modo, consoante Hefesto queria e o trabalho o exigia. Lançou para o fogo bronze renitente e estanho e ouro precioso e prata. Logo em

seguida colocou sobre o suporte uma grande bigorna; com uma mão pegou num martelo ingente; com a outra, nas tenazes.

Fez primeiro um escudo grande e robusto, todo lavrado, e pôs à volta dele um rebordo brilhante, triplo e refulgente, e daí fez um talabarte de prata. Cinco eram as camadas do escudo; e nele cinzelou muitas imagens com perícia excepcional.

Nele forjou a terra, o céu e o mar; o sol incansável e a lua cheia; e todas as constelações, grinaldas do céu: as Plêiades, as Híades e Oríon; e a Ursa, a que chamam Carro, cujo curso revolve sempre no mesmo local, fitando Oríon. Dos astros só a Ursa não mergulha nas correntes do Oceano.

E fez duas cidades de homens mortais, cidades belas. Numa havia bodas e celebrações: as noivas saídas dos leitos sob tochas lampejantes eram levadas pela cidade; muitos entoavam o canto nupcial. Rapazes rodopiavam a dançar; e no meio deles flautas e liras emitiam seu som. As mulheres estavam em pé, cada uma à sua porta, maravilhadas.

Mas o povo estava reunido na ágora; pois surgira aí um conflito e dois homens discutiam a indenização por outro, assassinado. Um deles afirmava ter pagado tudo, em declarações ao povo; o outro negava-se a aceitar o que fosse. Ambos ansiavam por ganhar a causa junto do juiz. O povo incitava as duas partes, a ambas apoiando. Os arautos continham o povo; mas os anciãos estavam sentados em pedras polidas no círculo sagrado, segurando nas mãos os cetros dos arautos de voz penetrante. Com eles se levantavam e julgavam um de cada vez. Jaziam no meio dois talentos de ouro, para serem dados àquele dentre eles que proferisse a sentença mais justa.

Mas em volta da outra cidade estavam dois exércitos, refulgentes de armas. Duas alternativas lhes aprouveram: ou destruir a cidade,

ou então dividir tudo em dois, todo o patrimônio que continha a cidade aprazível. Os sitiados não queriam e armavam-se para uma emboscada. As esposas amadas e as crianças pequenas guardavam em pé a muralha, e com elas os homens já idosos. Os outros saíam, liderados por Ares e Atena, ambos de ouro e de ouro revestidos, belos e altos nas suas armas, como deuses que eram, salientes no meio dos outros; os homens eram menores. Quando chegaram aonde lhes pareceu fácil a emboscada, num rio que servia de bebedouro para todos os rebanhos, aí se posicionaram, revestidos de fulvo bronze. Depois saíram dois vigias para longe da hoste, à espera de verem chegar as ovelhas e bois de chifres recurvos, que chegaram depressa. Atrás deles seguiam dois pastores, deleitando-se ao som da flauta. Não pressentiram o dolo. Ao verem-nos, contra eles se atiraram os soldados e depressa cortaram o acesso às manadas de bois e aos belos rebanhos de ovelhas brancas, e em seguida mataram os pastores. Mas os sitiadores ouviram a grande confusão dos bois, sentados à frente dos lugares da assembleia, e logo montaram nos seus cavalos de patas leves e chegaram depressa. Posicionando-se, combateram perto das correntes do rio e arremeteram uns contra os outros com lanças de bronze. Com eles, estava a Discórdia e o Tumulto e o Destino fatal, que agarrava num homem vivo e recém-atingido e noutro incólume; e a outro já morto arrastava por entre a turba pelos pés. A veste que levava aos ombros estava vermelha de sangue humano. Participavam na luta e combatiam como homens vivos, e arrastavam os cadáveres dos mortos uns dos outros.

Pôs também uma leira amena, terra fecunda, ampla e três vezes arada; nela, muitos lavradores conduziam as juntas para aqui e para acolá. Quando davam a volta, ao chegarem à meta do campo, ocorria um homem a pôr em suas mãos uma taça de vinho doce

como mel. E os lavradores davam a volta nos sulcos, desejosos de atingir o termo do fundo lavradio. A terra negrejava para trás, semelhante a terra arada, embora fosse de ouro! Deveras, fabricou uma maravilha.

Pôs também uma propriedade régia, onde trabalhavam jornaleiros, segurando nas mãos foices afiadas. Alguns feixes caíam no chão na carreira do alfanje, outros por homens eram atados com palha torcida. Três atadores estavam presentes; porém, por trás, rapazes recolham as espigas e traziam-nas nos braços, sempre à disposição. O rei, em silêncio no meio deles, assistia à ceifa em pé, de cetro na mão, jucundo no coração. À distância, debaixo de um carvalho, os arautos preparavam a refeição, desmanchando o grande boi que tinham sacrificado. Com muita cevada branca as mulheres polvilhavam o jantar dos jornaleiros.

Pôs ainda uma vinha bem carregada de cachos, bela e dourada. Negras eram as uvas e segurou-as em toda a extensão com esteios de prata. Estendeu à volta uma trincheira azul e em volta uma sebe de estanho. Uma só vereda lá ia dar, pela qual caminhavam os vindimadores, quando era o momento de vindimar a vinha. Virgens e rapazes com ingênuos pensamentos o fruto de sabor de mel transportavam em cestos entretecidos. No meio deles, um rapaz dedilhava a lira de límpido som; na sua voz aguda entoava o canto delicado; e os outros com sintonizado estampido seguiam na dança de pés saltitantes com uivos de alegria.

Fez também uma manada de bois de chifres direitos. As vacas as fez de ouro e estanho; com mugidos se apressavam do estábulo para a pastagem, para junto do rio cheio de murmúrios e do canavial ondulante. De ouro eram os boieiros que acompanhavam os bois, quatro ao todo; e seguiam-nos nove cães de patas rápidas. Mas dois medonhos leões entre o gado que ia à frente agarravam

um touro de urros profundos, que mugia alto ao ser arrastado. Perseguiam-no os cães e os jovens. Os leões tinham já rasgado o couro do enorme boi e devoravam as vísceras e o negro sangue, enquanto em vão os boieiros os afugentavam, incitando os cães velozes. Porém estes amedrontavam-se de morder os leões, mas ficaram ali perto, ladrando e desviando-se aos saltos.

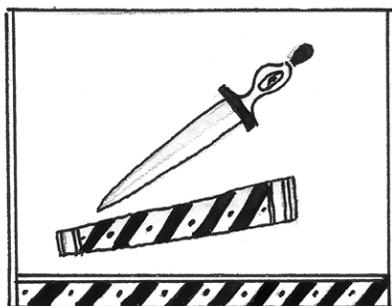
O deus artífice fez também uma pastagem situada num belo vale, grande pastagem de brancas ovelhas, com redis, toldados casebres e currais.

Um piso para a dança cinzelou o famoso deus artífice, semelhante àquele que outrora, na ampla Cnossos, Dédalo concebera para Ariadne de belas tranças. Rapazes e virgens dançavam, segurando os pulsos uns dos outros. Elas estavam vestidas de pano fino, mas eles vestiam túnicas bem tecidas, suavemente luzidias de azeite. Elas levavam belas grinaldas, mas eles traziam adagas de ouro, que pendiam de talabartes de prata. Eles corriam com pés ágeis e giravam com grande facilidade, tal como quando um oleiro experimenta a roda ajustada entre as mãos, para ver se gira — ou então corriam em filas, uns em direção aos outros. Uma multidão numerosa observava a dança apaixonante, deslumbrada; e dois acrobatas no meio deles rodopiavam para cima e para baixo, eles que lideravam a dança.

Colocou ainda o rio Oceano, em volta do último rebordo do escudo bem forjado.

Mas depois que forjou o escudo grande e robusto, forjou para Aquiles uma couraça mais luzente que o fogo; e forjou um elmo pesado, ajustado às têmporas, belo e bem lavrado; e por cima pôs um penacho dourado. Forjou ainda protetores para as pernas, de estanho moldável.

Depois que fabricou todas as armas, Hefesto pegou nelas e colocou-as diante da mãe de Aquiles. Como um falcão saltou ela do Olimpo coberto de neve, levando da parte de Hefesto as armas refulgentes.



13. Aquiles regressa à guerra

Das correntes do Oceano com seu manto de açafião surgiu a Aurora, para trazer a luz aos deuses e aos homens. Tétis chegou às naus trazendo os dons do deus. Encontrou o filho abraçado a Pátroclo, chorando em voz alta. Em volta dele muitos camaradas choravam. No meio deles se postou a deusa e, acariciando-o, assim falou:

— Meu filho, deixemos que Pátroclo jaza: com lágrimas não o trará de novo à vida. Por muito que soframos, ele morreu por vontade divina. Receba agora da parte de Hefesto estas armas gloriosas, tão belas, tais como nunca homem algum levou aos ombros.

Assim falando, a deusa depôs na frente de Aquiles as armas, que ressoaram, todas esplendentes. A todos os mirmidões tomou o medo, e nenhum ousava olhá-las de frente, mas ficaram tremendo. Porém, os olhos de Aquiles, ao verem as armas, lampejavam terríveis sob as pálpebras, como se fossem labaredas. Sentiu prazer ao segurar nas mãos os dons gloriosos do deus. Depois que se deleitou olhando para seu esplendor, de imediato dirigiu à mãe estas palavras:

— Minha mãe, as armas que o deus ofereceu são claramente obra dos imortais, homem algum as conseguiria forjar. Agora me

armarei. Mas estou terrivelmente receoso que, nesse meio-tempo, no corpo de Pátroclo entrem moscas pelas feridas infligidas pelo bronze e lá criem vermes; e assim toda a sua carne apodrecerá.

Respondendo-lhe, assim falou Tétis, a deusa dos pés prateados:

— Filho, que tais coisas não preocupem seu espírito. Dele afastarei as moscas e os vermes. Nem que ele aqui jaza um ano inteiro, sempre a sua carne ficará salva. Mas convoque agora os gregos para a assembleia e renuncie publicamente à cólera contra Agamêmnon. Logo em seguida arme-se para a guerra e vista-se de força.

Assim falando, concedeu-lhe a força de todas as audácias; e a Pátroclo introduziu ambrosia e rubro néctar pelas narinas, para que a salvo ficasse a sua carne.

Ao longo da orla do mar caminhou Aquiles, lançando um grito medonho, que acordou todo o exército. E até aqueles que outrora tinham o hábito de permanecer entre as naus, os que eram pilotos ou seguravam o leme das naus ou eram despenseiros de comida, até esses vieram à assembleia, porque Aquiles se mostrara. Dois grandes guerreiros compareceram a coxear: Diomedes e Ulisses, apoiados na lança; pois os seus ferimentos eram graves. Dirigiram-se à assembleia e sentaram-se na primeira fila. O último a chegar foi Agamêmnon, soberano dos homens, também ferido. Ora, assim que se reuniram todos os gregos, Aquiles levantou-se e falou no meio deles:

— Agamêmnon, será que foi isto a melhor coisa para ambos, para você e para mim, quando em conflito devorador do ânimo nos zangamos por causa de uma jovem? Quem me dera que Ártemis a tivesse matado com uma seta, no dia em que a tomei como presa depois de saquear Lirnesso! Não teriam sido tantos os gregos a morder com os dentes a ampla terra, sob mãos inimigas, por causa

da minha cólera. Para Heitor e para Troia é que isso foi favorável. Penso eu que muito tempo se lembrarão os gregos do teu e do meu conflito. Mas a essas coisas permitiremos terem sido, apesar da dor, refreando o coração no peito porque a necessidade a tal obriga. Desisto do meu conflito com você, pois não devo permanecer sempre inflexível. Rapidamente chame o exército para a guerra, para que eu saia contra os troianos. Veremos se querem voltar a aproximar-se das naus.

Assim falou; e todos exultaram, porque Aquiles abandonara a sua cólera. Entre eles falou então Agamêmnon, soberano dos homens, do próprio assento onde estava, sem se levantar no meio deles:

— Meus amigos! A Aquiles quero declarar meu pensamento; cada um de vocês deve prestar atenção. Não fui eu o culpado do nosso conflito, mas Zeus e o destino, eles que na assembleia me lançaram no espírito confusão selvagem, no dia em que tirei o prêmio de Aquiles. Mas que poderia eu ter feito? É o deus que tudo leva a seu termo. E a confusão é a filha mais velha de Zeus, que a todos confunde, mortífera! Delicados são seus pés. Pois não é no chão que caminha, mas sobre as cabeças dos homens, prejudicando os seres humanos. Ora a um, ora a outro, ela atordoa. Mas visto que Zeus me confundiu e me tirou o juízo, quero repor tudo de novo e oferecer incontável indenização. Todos os prêmios eu oferecerei, todos os que lhe prometi anteriormente pela boca de Ulisses.

Respondendo-lhe, assim falou Aquiles de pés velozes:

— Atrida gloriosíssimo, Agamêmnon soberano dos homens! Quanto aos prêmios, depende de você dá-los, se quiser, como é justo, ou ficar com eles. Mas agora lembremo-nos rapidamente do combate. Não interessa estarmos aqui falando e perdendo tempo. Pois uma grande façanha está ainda por fazer, para que de novo

Aquiles seja visto entre os dianteiros a desbaratar as falanges dos troianos com a lança de bronze.

Respondendo-lhe, assim falou o astucioso Ulisses:

— Aquiles, não incite os soldados a combater em jejum, visto que de pouca duração não será a batalha. Mas ordena a todos que façam uma refeição, pois é na comida e na bebida que reside a força e a coragem. Ninguém consegue combater todo o dia em abstinência de alimento: pode estar ávido de combater, mas despercebidamente lhe vão pesando os membros; atinge-o a sede e a fome e os joelhos desfalecem quando anda. Por outro lado, daquele que saciado de vinho e comida combate todo o dia contra os inimigos, audaz é o coração no peito e os membros não se cansam. Disperse, portanto, a assembleia e dê ordem para que se prepare a refeição. E que os prêmios de Agamêmnon soberano dos homens sejam trazidos para o meio da ágora, para que todos os vejam. Agamêmnon, para com outro será você, doravante, mais justo. Pois fica bem a um rei aplacar outro homem, quando foi o rei a iniciar a desavença.

A ele deu resposta Agamêmnon, soberano dos homens:

— Alegro-me, ó filho de Laertes, ao ouvir suas palavras. Tudo disse na medida certa. Pela minha parte quero jurar estas coisas, é o coração que me obriga; e perjuro não serei perante o deus. Porém que Aquiles aqui permaneça, ávido embora esteja de combater. Permaneçam também todos vocês juntos, até que os prêmios venham da minha tenda e façamos juramentos com sacrifício. A você próprio dou esta incumbência e esta ordem: escolha os rapazes que tragam os prêmios da minha nau, tudo o que já prometemos a Aquiles; e que tragam as mulheres. E que rapidamente Taltíbio prepare um javali, para sacrificarmos a Zeus e ao Sol.

Respondendo-lhe, assim falou Aquiles de pés velozes:

— Atrida gloriosíssimo, Agamêmnon soberano dos homens, noutra altura seria melhor que com tais coisas vocês se ocupassem, quando surgir entre nós na guerra alguma pausa para respirar e a fúria no meu peito não for assim tão grande. Agora jazem mutilados aqueles a quem subjugou Heitor, quando Zeus lhe outorgou a glória, e os dois insistem na comida! Na verdade, de minha parte ordenaria agora a todos que combatessem em jejum, para mais tarde ao pôr do sol organizarmos um grande banquete, depois de termos vingado a vergonha. Antes disso, pela minha garganta abaixo não passarão bebida ou comida, estando morto o meu companheiro, que jaz na minha tenda com os pés voltados para a porta. Por isso, não é a comida que me interessa, mas o morticínio, o sangue e os gemidos de homens morrendo nas minhas mãos.

Respondendo-lhe, assim falou o astucioso Ulisses:

— Ó Aquiles, filho de Peleu, de longe o mais valente dos gregos! Melhor guerreiro é do que eu, mas no raciocínio estou muito à sua frente. Ouça o que digo. Compete-nos, de fato, sepultar aquele que morreu. Mas todos os que foram deixados vivos pela guerra têm de se lembrar da bebida e da comida, para que ainda melhor combatam, sempre incessantes, contra os inimigos.

Falou; e levou com ele os filhos do glorioso Nestor, e Meges, filho de Fileu, e Toante e Meríones; e Licomedes, filho de Creonte, e Melanipo. Foram à tenda do atrida Agamêmnon. Levaram da tenda as sete trípodas, que ele prometera a Aquiles, e vinte caldeirões resplandecentes, e doze cavalos. Levaram as mulheres conhecedoras de irrepreensíveis labores, sete ao todo, e como oitava foi Briseida de lindo rosto. Depois de ter medido dez talentos de ouro, Ulisses partiu à frente, e com ele os outros rapazes com os

prêmios. Colocaram-nos no meio da ágora e Agamêmnon levantou-se. O arauto segurou um javali com as mãos. Acercou-se o atrida e tirou com a mão a adaga, que pendia sempre junto da bainha da espada; e, cortando cerdas ao javali, levantou as mãos a Zeus e rezou. Todos os gregos estavam sentados em silêncio, como é devido, a prestar ouvidos ao rei. Rezando assim disse, olhando para o vasto céu:

— Que saiba Zeus antes de tudo, mais sublime e melhor dos deuses, e a Terra e o Sol e as Erínias, que debaixo da terra se vingam dos homens que juram juramentos falsos, que eu não pus a mão na donzela Briseida, nem para me unir a ela na cama nem por outra razão, mas que permaneceu honrada na minha tenda. E se alguma parte deste juramento for falsa, que os deuses me deem muitos sofrimentos, dos que dão aos perjuros.

Falou; e com o bronze renitente degolou o javali. E o arauto, rodopiando, atirou-o ao mar cinzento, como comida para os peixes. Aquiles assim falou:

— Zeus pai, se não fosse a confusão que lança no espírito dos homens, nunca no meu peito teria Agamêmnon suscitado a raiva, nem levado a donzela, teimoso, à minha revelia. Mas porventura quis Zeus que muitos gregos morressem. Vão agora para a refeição, para depois nos juntarmos na luta.

Assim falou, dissolvendo rapidamente a assembleia. Os outros dispersaram-se, cada um para a sua nau; mas os mirmidões atarefaram-se com os prêmios e levaram-nos para a nau de Aquiles. Depuseram-nos nas tendas e lá deixaram as mulheres; e os ágeis escudeiros levaram os cavalos para a pastagem.

Porém, Briseida, cuja beleza se igualava à da dourada Afrodite, quando viu Pátroclo golpeado pelo bronze afiado, abraçou-o com

um grito ululante e com as mãos lacerou seu peito e o pescoço macio e o lindo rosto. Entre lágrimas, assim disse a mulher:

— Pátroclo, que sempre encantou meu pobre coração! Vivo o deixei quando parti desta tenda, mas agora o encontro morto no meu regresso. Desse modo sempre para mim o mal se segue ao mal. O marido, a quem meu pai e minha mãe me deram, vi-o morrer à frente da cidade, golpeado pelo bronze afiado; e meus três irmãos, que minha mãe dera à luz, irmãos adorados, todos eles encontraram o dia da morte. Mas quando Aquiles matou meu marido e saqueou a nossa cidade, você não me deixou chorar, mas prometeu que me faria a esposa legítima de Aquiles e que ele me levaria nas naus para a Ftia. Morto o choro sem cessar, você que foi sempre tão doce.

Assim falou chorando, e as mulheres também se lamentaram por causa de Pátroclo, mas cada uma chorava suas tristezas.

Reuniram-se em torno de Aquiles os anciãos, suplicando-lhe que se alimentasse; mas ele recusou-se, gemendo:

— Suplico-lhes, se é que algum dos meus amigos quer me obedecer, que não me convençam a saciar-me com comida e bebida, visto que terrível é a dor que me sobreveio. Assim permaneceré e aguentarei até o pôr do sol.

Assim falando, mandou embora os outros reis, mas ficaram os dois atridas e Ulisses; e Nestor e Idomeneu e o velho cocheiro Fênix, consolando-o na sua dor intensa; mas a seu espírito nada consolava, antes que entrasse na boca da guerra sangrenta. Com a rememoração muito suspirou e assim disse, falando a Pátroclo morto:

— Outrora, ó vítima do destino e mais amado dos companheiros!, era você a preparar a refeição na nossa tenda, quando os gregos se apressavam a levar a guerra lacrimosa contra os troianos

domadores de cavalos. Mas agora jaz aqui golpeado e o meu coração recusa a comida e a bebida por saudade de você. Nada de pior eu poderia sofrer, nem que me viessem dizer que morreu meu pai, que está agora na Ftia chorando fartas lágrimas por precisar deste filho, ao passo que estou entre um povo estrangeiro e combato os troianos por causa de Helena — nem que fosse meu filho amado que em Esquiro é criado, se é que ainda vive o meu filho Neoptólemo. É que antes eu sentia o consolo de saber que, morrendo eu aqui, você regressaria à Ftia, para que na escura nau fosse buscar meu filho em Esquiro e lhe mostrasse tudo o que me pertence, os meus haveres, os meus servos e o alto palácio.

Assim falou, chorando; e os anciãos lamentaram-se também, lembrados daquilo que cada um deixara em seu palácio. Ao vê-los, Zeus se compadeceu deles; e logo dirigiu a Atena estas palavras:

— Minha filha, abandone de todo seu homem! No seu espírito já lugar não há para Aquiles? Ele que está sentado chorando o companheiro amado; e enquanto os outros foram jantar, está ele votado ao jejum e à abstinência. Mas vá agora e destila no seu peito o néctar e ambrosia, para que a fome não lhe sobrevenha.

Assim dizendo, incitou Atena, já desejosa de partir. Como uma ave marinha de longas asas e voz penetrante se lançou do céu através do éter. No peito de Aquiles destilou néctar e ambrosia, para que a fome desagradável não lhe sobreviesse aos membros. Ela própria partiu para o palácio robusto do pai poderoso, enquanto os gregos se entornavam das naus velozes.

Tal como quando esvoaçam cerrados os flocos de neve de Zeus, frígidos, sob a nortada oriunda do éter — assim cerrados os elmos de brilho resplandecente saíam das naus e os escudos ornados de bossas e as maciças couraças e as lanças de freixo. O fulgor chegou ao céu e toda a terra sorriu devido ao brilho do bronze; e surgiu um

estampido dos pés dos homens; e no meio deles se armou o divino Aquiles.

Rangia os dentes e ambos os olhos brilhavam como labaredas de fogo; e no coração entrou uma dor impossível de suportar. Furibundo contra os troianos, envergou os dons que Hefesto fabricara com seu esforço. Primeiro cobriu as pernas com protetores adornados de prata na parte ajustada ao tornozelo. Em segundo lugar protegeu o peito com a couraça. Nos ombros pôs uma espada de bronze com adereços prateados; em seguida agarrou o escudo, possante e resistente, cujo brilho se espalhava ao longe como o da lua.

Tal como quando aos marinheiros aparece a chama do fogo ardente, que arde no alto de uma montanha num ermo redil, mas as rajadas, à sua revelia, levam-nos sobre o mar para longe dos que lhes são queridos — assim do escudo de Aquiles a chama chegou ao céu. Pegando no elmo pesado, colocou-o na cabeça. Brilhou como uma estrela o elmo com crinas de cavalo e à sua volta se agitavam os penachos dourados que Hefesto colocara cerrados em volta do elmo. Aquiles verificou se as armas lhe serviam e se ágeis se mexiam os seus membros. Como asas lhe serviam as armas! Do estojo em forma de flauta tirou a lança paterna, pesada, imponente, enorme. Mais ninguém a conseguia levantar; só Aquiles era capaz de brandir a lança de freixo.

Automedonte e Alcimo apressaram-se a atrelar os cavalos: puseram-lhes as belas correias e os freios lhes lançaram nas mandíbulas e esticaram as rédeas atrás do carro articulado. Automedonte agarrou com a mão o luzente chicote que bem se lhe ajustava e saltou para o carro; por trás, subiu Aquiles, armado, refulgente nas suas armas. Com um grito medonho se dirigiu aos cavalos do pai:

— Xanto e Bálio, famigerados filhos de Podarga! De outra maneira pensem em trazer salvo seu cocheiro depois da batalha e não o deixem lá morto, como fizeram com Pátroclo!

Por vontade dos deuses dotado de fala, o cavalo Xanto respondeu-lhe, baixando a cabeça. Toda a crina caía solta da coleira junto do jugo até tocar no chão e dele saiu esta voz:

— Desta vez o salvaremos, ó Aquiles. Mas perto está já o dia em que morrerá. Culpados não seremos nós, mas um deus poderoso e o Destino tremendo. Não foi por causa da nossa lentidão ou preguiça que os troianos conseguiram arrancar as armas a Pátroclo; foi Apolo que o matou, dando a glória a Heitor. E a você está fadado que pelo mesmo deus seja à força subjugado.

Depois que ele assim falou, os deuses privaram-no de novo da fala. Muito agitado lhe respondeu então Aquiles:

— Xanto, por que prediz a minha morte? Não é preciso. Eu próprio bem sei que é meu destino aqui morrer, longe do meu pai amado. Mas nem assim desistirei antes que da guerra eu tenha fartado os troianos.

Falou; e com um grito conduziu os corcéis.

Zeus ordenou a Têmis que convocasse os deuses para a assembleia no sopé do Olimpo de muitas escarpas. Por todo lado, ela se apressou e mandou que viessem à casa de Zeus. Nenhum dos rios se absteve de ir, à exceção do Oceano, nenhuma das ninfas que os belos bosques habitam e as nascentes dos rios e os prados atapetados de relva. Ao chegarem à casa de Zeus, que comanda as nuvens, sentaram-se entre as colunas polidas. Assim se reuniram na mansão de Zeus. O Sacudidor da Terra não desobedecera à deusa, mas emergira do mar para junto deles. Sentou-se no meio dos deuses e indagou acerca do plano de Zeus:

— Por que razão, Senhor do Trovão, convocou o concílio dos deuses? Será que intenta alguma coisa em relação a gregos e troianos? Pois neste momento ateou-se a eles a guerra de que estão já perto.

Respondendo-lhe, assim falou Zeus, que comanda as nuvens:

— Percebeu, ó Sacudidor da Terra, a intenção no meu peito, as coisas por que os convoquei. De minha parte aqui permanecerei, sentado no sopé do Olimpo, onde ficarei vendo a batalha para deleite do meu espírito. Vocês poderão voltar à guerra, se assim quiserem.

Assim falou o crônida e levantou a guerra incessante. Para a guerra foram os deuses, de espírito dividido. Hera foi para o lado dos gregos com Atena, Posêidon e Hermes. Hefesto foi com eles, coxeando, mas as pernas por baixo eram ágeis.

Para o lado dos troianos foram Ares do elmo faiscante, e com ele Apolo e Ártemis; e também Leto e Afrodite, a deusa dos sorrisos. Quando os olímpios chegaram à turba dos homens, saltou a forte Discórdia, incitadora das hostes; e Atena gritou, ora de pé junto da vala escavada fora da muralha, ora bem alto junto das praias de rouco bramido. Do outro lado gritava Ares, semelhante a um negro furacão.

Desse modo, os deuses bem-aventurados ambos os lados incitaram a colidir; e entre eles fizeram irromper pesada discórdia. Terrivelmente trovejou o pai dos homens e dos deuses das alturas; e debaixo deles fez Posêidon tremer a ampla terra e os píncaros escarpados das montanhas. Todos os sopés tremeram do Ida de muitas fontes e todos os cumes; tremeram a cidade dos troianos e as naus dos gregos. Aterrorizou-se nas profundezas do Hades, senhor dos mortos; com o medo saltou do trono e berrou, não fosse acontecer que Posêidon, Sacudidor da Terra, fendesse o solo e sua

morada ficasse visível aos homens e aos deuses, morada medonha e bafienta, que os deuses odeiam. Tal era o barulho surgido com a entrada dos deuses no combate.

Desse modo contra os deuses saíram os deuses. Mas Aquiles queria sobretudo defrontar Heitor na multidão: era sobretudo com o sangue de Heitor que se queria fartar. Saltou para o meio das fileiras, gritando assim a todo o exército:

— Não se mantenham longe dos troianos, ó gregos! Mas que homem vá contra homem, ávido de combater! Difícil é para mim, por muito valente que seja, enfrentar tantos homens e combater contra todos. Nem Ares, que é deus imortal, nem Atena controlariam e aguentariam as mandíbulas de uma batalha destas! Mas tanto quanto eu puder alcançar com a força, tudo eu farei; e não penso que se alegrará nenhum dos troianos que chegar perto da minha lança.

Assim falou para encorajá-los. E, por seu lado, Heitor chamou pelos troianos com um grito e declarou que ia enfrentar Aquiles:

— Troianos de elevado ânimo, não tenham medo do pelida! Com palavras também eu combateria até contra os deuses imortais! Mas com a lança é mais difícil. Aquiles não fará cumprir todas as suas palavras, mas cumprirá uma parte, ficando a outra por cumprir. Para enfrentá-lo sairei, ainda que ao fogo se assemelhem as suas mãos: e se ao fogo se assemelham as suas mãos, a sua força é ao ferro faiscante!

Assim falou para encorajá-los. E defronte ergueram as lanças os troianos. Confusa se misturou a fúria e levantou-se temível gritaria.

Nesse meio-tempo, Apolo entrou na cidade de Troia, pois preocupava-o a muralha da cidadela bem construída, não fossem os gregos destruí-la naquele dia, à revelia do destino. Na planície,

Aquiles chacinava sem piedade os troianos, matando guerreiro atrás de guerreiro. Tal como quando a fumaça sobe até o vasto céu de uma cidade em chamas, e a cólera divina o faz deflagrar; a todos cria o sofrimento e a muitos traz a desgraça — assim Aquiles causava sofrimento e desgraça aos troianos.

Ora, Príamo, o ancião, estava de pé em cima da muralha e viu como Aquiles dizimava o seu povo. Viu os troianos fugirem em pânico e com um gemido desceu ao chão da muralha e gritou aos guardiões ao longo do muro:

— Mantenham os portões abertos, até que as hostes entrem na cidade. Na verdade, aqui está Aquiles, que os persegue de perto. Penso que coisa horrenda irá acontecer. Porém, assim que todos tiverem entrado descansados na muralha, de novo fechem os portões. Tenho medo que aquele homem mortífero salte a muralha.

Assim falou; e eles destrancaram os portões e tiraram os ferrolhos. E os portões abertos trouxeram a luz da salvação. Porém, Apolo saltou para enfrentar Aquiles, de modo a afastar a ruína dos troianos, que fugiam diretamente para a cidade e sua alta muralha, oprimidos pela sede e todos sujos do pó da planície. E Aquiles pressionava-os com a lança e no coração sempre dominava a insânia feroz, louco para obter a glória.

Então teriam os gregos tomado Troia dos altos portões, se Apolo não tivesse incitado Agenor, homem irrepreensível e possante. No coração lhe lançou a coragem e ele próprio a seu lado se postou, para expulsar as mãos pesadas da morte. Estava reclinado contra um carvalho, envolto em denso nevoeiro. Ora, quando Agenor se apercebeu de Aquiles, saqueador de cidades, estacou; e muitas coisas cismou sombriamente no espírito. Agitado, assim disse ao próprio coração:

— Ai de mim! Se eu fugir à frente de Aquiles, para lá onde os outros fogem espavoridos, irá tomar-me na mesma e chacinar-me como um covarde. E se eu fugisse em direção à montanha, para me esconder nas matas? Ao fim da tarde poderia depois banhar-me no rio, para me refrescar do suor, e depois voltar a Troia. Só espero é que Aquiles não me veja afastando-me em direção à montanha; se ele se pusesse a correr atrás de mim, já não seria possível escapar à morte e ao destino. O melhor será enfrentá-lo. Também a carne dele poderá ser penetrada pelo bronze afiado. Ele só tem uma vida, como qualquer outro homem mortal.

Assim dizendo, ficou à espera de Aquiles; dentro dele o coração valente estava ávido de combate e de peleja. Tal como a fêmea do leopardo que sai de um denso matagal para enfrentar um caçador; e seu ânimo não estremece nem sente medo, ainda que ouça o ululante latir dos cães; mesmo que o caçador se antecipe e a fira com lança ou seta, nem golpeada pela lança desiste da fúria, até se atirar a ele ou ser morta — assim Agenor não quis fugir antes de pôr à prova Aquiles, mas segurou bem diante dele o escudo e apontou a lança contra Aquiles, assim gritando:

— Porventura espera em seu espírito, ó Aquiles, saquear neste dia a cidade dos troianos. Louco! Pois lá dentro somos muitos e valorosos homens, que perante os pais amados, as mulheres e os filhos protegemos Troia. Você é que aqui encontrará a morte, por muito terrível que seja e audaz guerreiro!

Assim falou; e com a mão arremessou a lança aguçada e acertou na canela de Aquiles. A proteção de estanho, de recente forja, ressoou de modo medonho. Mas o bronze da lança saltou para trás e não penetrou, pois o dom do deus o reteve. E por sua vez Aquiles arremeteu contra Agenor. Mas Apolo não lhe permitiu que granjeasse a glória, e arrebatou Agenor, envolto em denso

nevoeiro, e mandou-o embora da guerra para seguir alhures seu caminho. Pelo engano, o deus manteve Aquiles afastado dos troianos; pois, em tudo semelhante ao próprio Agenor, Apolo pôs-se na frente de Aquiles, que se atirou contra ele. E enquanto ele o perseguia pela planície dadora de trigo, Apolo obrigou-o a correr em direção ao rio Escamandro de fundos torvelinhos, indo sempre um pouco à sua frente. Pelo engano o enfeitiçava Apolo, pois Aquiles esperava sempre apanhá-lo na corrida.

Entretanto, os outros troianos aterrorizados entraram em multidão na cidade; a cidade encheu-se deles. Já não ousavam esperar uns pelos outros fora da muralha, para descobrirem quem tinha escapado e quem morrera na guerra. Mas dirigiram-se às pressas para dentro da cidade, todos a quem pés e joelhos tinham salvado.



14. A morte de Heitor

Por toda a cidade os troianos refrescavam o suor e bebiam para matar a sede, reclinados nas belas fortificações. Também os gregos chegaram depressa à muralha, encostando contra ela seus escudos. Mas o destino funesto amarrou Heitor, para que ficasse sozinho diante dos grandes portões de Troia.

Nesse ínterim, Apolo falou assim a Aquiles:

— Por que razão me persegue? Parece que ainda não percebeu que sou um deus. Já não lhe interessa correr atrás dos troianos? Olhe que agora estão a salvo na cidade. Pare de me perseguir, pois jamais me matará. Para a morte não fui fadado.

Grandemente enfurecido lhe respondeu Aquiles:

— Enganou-me, ó Apolo, desviando-me para longe da muralha. Se assim não fosse, muitos troianos teriam mordido a terra antes de terem alcançado a cidade. Agora me tirou a grande glória e salvou-os com toda facilidade, pois não o amedronta vingança futura. Pois sobre você eu me vingaria, se tivesse poder para isso.

Assim dizendo foi para a cidade com orgulhosos pensamentos, apressando-se como um cavalo granjeador de prêmios com seu carro, cavalo que facilmente atravessa a planície a galope; assim, depressa flectiu Aquiles seus joelhos e seus pés.

O primeiro a vê-lo aproximando-se foi Príamo, o ancião: viu-o refulgente como um astro a atravessar a planície, como a estrela que aparece na época das ceifas, cujos raios rebrilham entre os outros astros todos no negrume da noite, estrela a que dão o nome de Cão de Oríon. É a estrela mais brilhante do céu, mas é portento maligno, pois traz muita febre aos desgraçados mortais. Assim brilhava o bronze no peito dele enquanto corria. Gemeu o ancião e bateu na cabeça com as mãos, levantando-as bem alto, e com grandes gemidos suplicou a Heitor, que estava parado à frente dos portões, em ávida fúria de combater com Aquiles. Dirigiu-lhe o ancião palavras penosas, de mãos estendidas:

— Heitor, não fique aí, meu filho, à espera de Aquiles, isolado, sem ninguém que o ajude, para que não encontre logo a morte nas mãos daquele homem cruel. Quem me dera que pelos deuses fosse ele amado como é por mim! Rapidamente os cães e os abutres o comeriam. E um terrível sofrimento partiria da minha alma. Pois ele me privou de muitos e valorosos filhos, matando-os ou vendendo-os em ilhas longínquas. Entre aqui, meu filho, para salvar os troianos e as troianas e para não dar grande glória ao pelida, privando-se a você mesmo da vida. Além disso, tenha pena de mim, um desgraçado a quem Zeus na soleira da velhice matará com um triste destino, depois de ter visto muitos horrores: meus filhos morrendo, minhas filhas sendo arrastadas como escravas, minhas câmaras de tesouro pilhadas e crianças inocentes sendo atiradas ao chão em aterradora chacina. A mim, por último, às portas me dilacerarão os cães esfomeados, depois de alguém ter me privado da vida com o bronze afiado; os cães que no palácio eu criei à minha mesa para guardarem as portas: depois de terem bebido o meu sangue, loucos de fome, jazerão aos meus portões. Tudo fica bem ao homem novo chacinado na guerra, quando jaz golpeado

pelo bronze afiado. Morto embora esteja, tudo nele é belo, tudo o que está à vista. Mas quando os cães profanam vergonhosamente a cabeça grisalha de um velho morto, isso é a coisa mais angustiante que existe para os pobres mortais.

Assim disse o ancião; e com as mãos arrancou os cabelos brancos da cabeça. Mas não conseguiu persuadir o coração de Heitor. Por seu lado, a mãe lamentava-se lavada em lágrimas, desapertando o vestido e com a outra mão mostrando o peito. E vertendo lágrimas lhe dirigiu estas palavras:

— Heitor, meu filho, respeite este peito e compadeça-se de mim, se alguma vez o apaziguei dando o peito para mamar. Lembre-se disso, querido filho, e entre na cidade: não fique aí para enfrentá-lo. Pois ele é duro e cruel; e se ele o matar, nunca o porei num leito para chorá-lo, ó rebento amado!, que dei à luz. Mas lá, longe de nós, junto das naus dos gregos, os rápidos cães o devorarão.

Assim ambos choraram, implorando a seu filho amado com muitas súplicas. Mas não persuadiram Heitor, que aguardou até se aproximar o enorme Aquiles. Tal como a serpente da montanha aguarda para atacar um homem, rastejando e enrolando-se com olhar medonho — assim Heitor com sua coragem indefectível não cedeu, e encostou contra as muralhas o seu escudo luzente. Mas depois, agitado, assim disse ao seu próprio coração:

— Ai de mim! Se eu passar os portões e entrar para lá dos muros, o primeiro a atirar-me com censuras será Polidamante, ele que me disse para conduzir os troianos para a cidade durante a noite funesta em que se ergueu Aquiles. Mas eu não quis dar-lhe ouvidos. Mais proveitoso teria sido! Mas agora destruí o exército por causa da minha insensatez e tenho vergonha dos troianos, não vá alguém dizer de mim: “Confiante na sua força, Heitor destruiu o exército”. Assim dirão. E para mim teria sido muito mais proveitoso defrontar

Aquiles e regressar depois de tê-lo matado, ou então ser gloriosamente morto por ele diante da cidade. Por outro lado, poderia depor o escudo adornado de bossas e o elmo pesado e, reclinando a lança contra a muralha, ir eu mesmo ao encontro de Aquiles; poderia prometer-lhe Helena e todos os seus haveres, sobretudo aqueles que Páris trouxe para Troia, Helena, que foi a causa do conflito, daremos aos gregos para levarem. Mas por que razão meu ânimo assim comigo dialoga? Que eu não me aproxime dele, pois não se apiedará de mim nem sentirá respeito, mas me matará nu, assim como estou, como se eu fosse uma mulher, visto que despi as armas. Melhor seria o embate corajoso e o mais rápido possível! Fiquemos a saber a qual dos dois Zeus outorgará a glória.

Assim refletiu enquanto aguardava. Aproximou-se dele Aquiles, brandindo por cima do ombro direito a terrível lança de freixo do Pélion. E em torno da ponta o bronze luzia como o brilho de fogo ardente ou do sol quando nasce no horizonte. O medo dominou Heitor, assim que o viu. Não se atreveu a ficar onde estava, mas abandonou os portões e fugiu. E Aquiles lançou-se atrás dele, confiante na rapidez dos pés.

Tal como o falcão das montanhas, mais célere das aves voadoras, facilmente se abate sobre uma tímida pomba que foge à sua frente, mas o falcão cada vez mais perto, com gritos agudos, sem desistir se lança contra ela, pois ordena-lhe o ânimo que a apanhe — assim Aquiles voava furioso em frente e Heitor fugia sob as muralhas dos troianos, dobrando célere os joelhos.

Passaram a sentinela e a figueira selvagem sacudida pelo vento, sempre para longe da muralha pelo caminho batido, e chegaram às fontes de belo fluir, onde estavam as nascentes duplas que alimentavam o redemoinhador Escamandro. Uma delas fluía com água quente e em volta dela se formava vapor como fumaça que

surge de fogo ardente; mas a outra até no verão fluía com água fria como granizo, ou como gélida neve ou como o cristal de gelo na água. E perto dessas nascentes estavam os amplos lavadouros, belos e feitos de pedra, onde as vestes resplandecentes vinham lavar as mulheres e as belas filhas dos troianos; mas isso fora antes, em tempo de paz, antes da chegada dos gregos. Por aí correram, um deles fugindo, o outro o perseguindo. À frente fugia um homem valente, mas outro muito mais forte o perseguia depressa: pois não era pela pele de um boi que competiam, prêmio nas corridas desportivas, mas pela própria vida de Heitor.

Tal como quando cavalos, granjeadores de troféus, contornam velozes os postos, pois grande é o prêmio — assim três vezes eles correram em torno da cidade de Príamo com pés velozes. E todos os deuses estavam olhando. Entre eles o primeiro a falar foi o pai dos homens e dos deuses:

— Ah, estou vendo um homem que amo ser perseguido em volta da muralha. Meu coração chora por Heitor, que para mim queimou muitas coxas de bois, tanto nos píncaros do Ida de muitas escarpas como na cidadela de Troia. Mas agora Aquiles o persegue com pés velozes em torno da cidade de Príamo. Reflitam então, ó deuses, e em conselho deliberem se o salvaremos da morte, ou se agora será morto por Aquiles.

A Zeus deu resposta a deusa Atena:

— Pai do candente relâmpago, deus da nuvem azul! Que disse! A homem mortal, há muito fadado pelo destino, quer salvar da morte funesta? Faça-o. Mas todos nós, demais deuses, não o louvaremos.

Respondendo-lhe assim falou Zeus, que comanda as nuvens:

— Faça como indicar seu ânimo; já não precisa se refrear.

E Atena, já desejosa de partir, lançou-se veloz dos píncaros do Olimpo, para levar a morte a Heitor.

Numa perseguição sem tréguas, Aquiles pressionava Heitor. Tal como quando nas montanhas o cão espanta um gamo de veado, levantando-o do seu leito, e persegue-o através de clareiras e vales; e embora o gamo lhe escape, oculto no matagal, o cão lhe descobre o rastro e corre até encontrá-lo — assim Heitor não conseguiu esconder-se do veloz pelida. Quantas foram as vezes que ele tentava correr até os portões da cidade para se abrigar nas muralhas bem construídas, na esperança de que os de cima repelisses Aquiles com dardos, tantas eram as vezes que Aquiles se lhe antecipava, obrigando-o a voltar para a planície. E ele não parava de correr ao lado da cidade. Tal como quando num sonho quem persegue não alcança quem foge, mas nem um consegue fugir, nem o outro consegue perseguir — assim nem com os pés Aquiles alcançava Heitor, nem este escapava. Ora, como é que Heitor teria escapado ao destino da morte, se Apolo, pela última e derradeira vez, não tivesse dele se aproximado, para fortalecer e aligeirar seus joelhos?

Aquiles fazia sinal ao seu povo com a cabeça, e não autorizava que alvejassem Heitor com dardos, não alcançasse outro a glória que ele queria para si. Mas quando pela quarta vez chegaram às nascentes, foi então que o Pai levantou a balança de ouro, e nela colocou os dois destinos da morte irreversível: o de Aquiles e o de Heitor. Pegou na balança pelo meio: desceu o dia fadado de Heitor e partiu para o Hades. Apolo abandonou-o.

Atena aproximou-se de imediato de Aquiles e disse-lhe:

— Espero que nós dois, ó glorioso Aquiles, ganhemos grande glória com a morte de Heitor. Pois agora já não lhe seria possível fugir de nós, pois Apolo já o abandonou. Fique agora aí e recubra o fôlego; eu irei me dirigir a Heitor para convencê-lo a lutar com você frente a frente.

Assim disse Atena; e Aquiles obedeceu, exultando no coração; e ali ficou de pé, encostado à sua lança de freixo de brônzea ponta. Atena deixou-o e foi ter com Heitor, assemelhando-se a Deífobo, seu irmão. Postando-se junto dele proferiu estas palavras:

— Caro irmão, não há dúvida de que o implacável Aquiles o violenta, perseguindo-o com pés velozes em torno da cidade de Príamo. Mas vamos enfrentá-lo os dois e repelir seu ataque.

À deusa respondeu o grande Heitor do elmo faiscante:

— Deífobo, já antes era para mim o mais amado dos irmãos. Mas agora penso que no coração o honrarei ainda mais, você que ousa, por minha causa, sair para fora da muralha, enquanto os outros ficaram lá dentro.

A ele deu Atena esta resposta:

— Caro irmão, na verdade os nossos pais muitas súplicas me dirigiram, e meus camaradas também, para lá ficar. A tal ponto todos eles têm medo de Aquiles! Mas o meu coração se oprimia de dolorosa tristeza, por vê-lo aqui sozinho. Agora arremetamos contra ele e combatamos: não demos tréguas às lanças, para que saibamos se Aquiles nos matará ou se será domado por sua lança.

Assim dizendo, manhosamente o levou Atena. E quando estavam já perto, avançando um contra o outro, o primeiro a falar foi o grande Heitor:

— De você, ó Aquiles, já não fugirei, como antes três vezes em volta da grande cidade de Príamo, sem me atrever a parar para enfrentá-lo. Mas agora o espírito me incita a não arredar pé perante você, quer eu mate, quer seja morto. Invoquemos os deuses como testemunhas: serão os melhores garantes e guardiões do nosso acordo. Não profanarei vergonhosamente seu cadáver, se Zeus me der força para vencê-lo e eu o privar da vida. Mas depois de tê-lo

despido das armas gloriosas, ó Aquiles, restituirei o cadáver aos gregos. E você faça o mesmo.

Fitando-o com sobrolho carregado lhe disse o veloz Aquiles:

— Heitor, não me fale, ó louco!, de acordos. Tal como entre leões e homens não há fiéis juramentos, nem entre lobos e ovelhas existe concordância, mas sempre estão mal uns com os outros, assim entre mim e você não há amor, nem para ambos haverá juramentos, até que um ou outro tombe morto, para fartar a terra com o seu sangue. Lembre-se agora de todo o seu valor: agora lhe compete ser lanceiro e aguerrido combatente. Já não há fuga para você, pois Atena o subjugará pela minha lança. E agora pagará toda a dor pelos meus amigos que matou.

Assim falou. Apontou e arremessou a lança de longa sombra. Mas Heitor fitou-a de frente e evitou o arremesso. Olhou e agachou-se; por cima passou a brônzea lança, fixando-se no chão. Atena apanhou-a, dando-a de novo a Aquiles, sem que Heitor se apercebesse. E Heitor assim declarou:

— Falhou! Não foi decerto da parte de Zeus que soube da minha morte, mas falou nela. Armou-se em trapaceiro de fala pronta para que eu sentisse medo de você e me esquecesse do meu valor. Não fugirei para que espete a lança nas minhas costas, mas trespassa-me diretamente o meu peito, se for capaz. Agora sinta bem a minha lança de bronze. Quisera que a recebesse toda na sua carne! Mais leve, se assim fosse, seria a guerra para os troianos, se você morresse. Pois, na verdade, é seu maior sofrimento.

Assim falou. Apontou e arremessou a lança de longa sombra, e acertou no escudo de Aquiles. Não falhou. Só que para longe do escudo saltou a lança. E Heitor enfureceu-se, porque em vão lhe fugira da mão o dardo veloz e agora estava ali em apuros, pois já não tinha outra lança. Com um brado gritou bem alto para Deífobo;

pediu-lhe uma lança comprida. Mas ele não estava perto dele. E Heitor compreendeu no seu espírito e assim disse:

— Ah, na verdade os deuses chamaram-me para a morte. Pois eu pensava que Deífobo estava ao meu lado. Mas claro que ele está dentro da muralha. Foi Atena que me enganou. Agora está perto de mim a morte malévola; não há fuga possível. Agora foi o destino que me apanhou. Que eu não morra é de forma passiva e inglória, mas por ter feito algo de grandioso, para que os vindouros de mim ouçam falar.

Assim dizendo, desembainhou a espada, que pendia sob o flanco, espada enorme e potente; reunindo as suas forças, lançou-se como a águia de voo sublime, que através das nuvens escuras se lança em direção à planície para arrebatrar um terno cordeiro ou tímida lebre — assim arremeteu Heitor, brandindo a espada afiada. E Aquiles atirou-se a ele, com o coração cheio de ira selvagem, e cobriu o peito à frente com o escudo, agitando o elmo luzente de quatro chifres. Belas se agitavam as crinas douradas, que Hefesto pusera cerradas como penacho. Como o astro que surge entre as outras estrelas no negrume da noite, a estrela da tarde, que é o astro mais belo que está no céu — assim reluziu a ponta da lança que Aquiles apontou na mão direita, preparando a desgraça para Heitor, olhando para a bela carne, para ver onde melhor seria penetrada. Ora, todo o corpo de Heitor estava revestido pelas brônzeas armas, belas, que ele despira de Pátroclo depois de matá-lo. Mas aparecia, no local onde a clavícula se separa do pescoço e dos ombros, a garganta, onde rapidíssimo é o fim da vida. Foi aí que com a lança arremeteu Aquiles, e a ponta trespassou completamente o pescoço macio. Mas a lança de freixo, pesada de bronze, não cortou a traqueia, para que Heitor ainda pudesse proferir palavras em resposta. Tombou na poeira. E sobre ele exultou Aquiles:

— Heitor, porventura pensou, quando despojava Pátroclo, que estaria a salvo e não pensou em mim, que estava longe. Tolo! Longe dele um auxiliar muito mais forte ficara para trás: eu, eu que agora lhe deslasei os joelhos. Os cães e as aves de rapina irão dilacerá-lo vergonhosamente, mas Pátroclo receberá sepultura condigna.

Já quase sem forças lhe respondeu Heitor:

— Suplico-lhe pela sua alma, pelos seus joelhos e pelos seus pais, que não me deixe ser devorado pelos cães; mas receba o que for preciso de bronze e de ouro, dons que lhe darão meu pai e minha mãe. Restitua o meu cadáver à minha casa, para que do fogo troianos e troianas me deem, morto, a honra devida.

Fitando-o com sobrolho carregado lhe disse o veloz Aquiles:

— Não me suplique, ó cão, pelos meus pais. Quem me dera que a força e o ânimo me sobreviessem para lhe cortar a carne e comê-la crua, por aquilo que fez. Da sua cabeça ninguém afastará os cães, nem que eles trouxessem e pesassem dez ou vinte vezes o resgate e me prometessem ainda mais do que isso! Nem que seu pai me pagasse o seu próprio peso em ouro. Nem assim sua mãe o deporá num leito para chorar o filho que ela deu à luz, mas cães e aves de rapina o devorarão todo completamente.

Moribundo lhe disse então Heitor:

— Na verdade o conheço bem e direi o que será; mas convencê-lo era algo que não era para ser. O coração no seu peito é de ferro. Mas reflita bem agora, para que eu para você me não torne maldição dos deuses, no dia em que Páris e Apolo o matarão às portas de Troia.

Assim dizendo, cobriu-o a sombra da morte. E a alma voou-lhe do corpo para o Hades, lamentando o seu destino, deixando para trás a virilidade e a juventude. E para ele, já morto, assim disse Aquiles:

— Morra. O destino eu aceitarei, quando Zeus quiser que se cumpra.

Assim disse; e do cadáver arrancou a lança de bronze e colocou-a de lado; depois, dos ombros lhe despiu as armas ensanguentadas. Acorreram os outros gregos, que contemplaram o corpo e a beleza arrebatadora de Heitor. Mas nenhum se aproximou sem lhe desferir um golpe. E assim dizia um deles, olhando de soslaio para o outro:

— Ah, não há dúvida de que Heitor está mais mole agora do que quando deitou fogo às naus com chama ardente!

Assim dizia um deles e, acercando-se, dava-lhe uma estocada. Mas depois de Aquiles tê-lo despojado, assim disse aos soldados:

— Ó amigos, comandantes e regentes dos gregos! Visto que nos concederam os deuses subjugar esse homem, que muitos males praticou, mais do que todos os outros, façamos prova das armas em torno da cidade, para que saibamos a intenção dos troianos, se abandonarão a alta cidade agora que este morreu, ou se continuarão a lutar, embora Heitor já não seja. Mas o que me interessam os troianos? Jaz junto das naus o morto que não foi sepultado: Pátroclo. Dele não me esquecerei, enquanto permanecer entre os vivos e meus joelhos mantiverem o vigor. Se na mansão de Hades os homens esquecem seus mortos, eu, pelo contrário, até lá me lembrarei do companheiro amado. Mas agora entoando o canto vitorioso, ó jovens, regressemos para as naus e levemos este cadáver. Granjeamos grande glória! Matamos Heitor, a quem os troianos rezavam na cidade como a um deus!

Assim disse; e para o corpo de Heitor planejou atos sem vergonha. Perfurou atrás os tendões de ambos os pés do calcanhar ao tornozelo e atou-lhes correias de couro, prendendo-os depois ao carro. A cabeça deixou que se arrastasse. Depois que subiu no carro

e lá colocou as armas gloriosas, chicoteou os cavalos, que não se recusaram a correr em frente. De Heitor ao ser arrastado se elevou a poeira, e dos dois lados os escuros cabelos se espalhavam; toda na poeira estava a cabeça que antes fora tão bela. Mas Zeus a seus inimigos o dera, para esta vergonhosa profanação na sua própria terra pátria.

Desse modo a cabeça de Heitor ficara suja de pó. Na muralha de Troia, Hécuba, mãe de Heitor, arrancava os cabelos. Longe de si atirou o véu resplandecente, fazendo soar grandes gritos ululantes ao ver o filho. Gemeu angustiadamente o pai amado e o povo em volta estava preso pelo lamento e pelo choro em toda a cidade. A semelhança era sobretudo com isto: como se toda a cidade de Troia ardesse em fogo de cima a baixo. O povo conseguia a custo reter o ancião tresloucado, que queria sair na sua demência dos portões. A todos implorava, rojando-se no esterco, e chamava cada homem pelo seu nome:

— Desistam, amigos, e deixem-me ir sozinho; deixem-me sair da cidade para ir às naus dos gregos. Suplicarei àquele homem implacável, propagador de violência, na esperança de que sinta pena da minha velhice. Também ele tem um pai como eu, Peleu, que o gerou e criou como flagelo para os troianos. Sobre mim, mais do que a todos os outros, pôs ele a dor, dado que foram tantos os filhos que me matou na flor da idade. Mas por todos eles não choro eu tanto, enlutado embora esteja, como por um único; a dor por causa dele me levará para o Hades: Heitor. Se ao menos ele tivesse morrido nos meus braços! Assim nos teríamos saciado do pranto e da lamentação, a mãe que o deu à luz para sua desgraça e eu próprio.

Assim falou a chorar; e os cidadãos também choravam. Entre as troianas ergueu Hécuba este pranto inconformado:

— Filho, ai de mim! Como viverei neste terrível sofrimento, agora que você morreu? Você, que, de noite e de dia, era o meu orgulho em toda a cidadela e uma benesse para todos os troianos e troianas na cidade; como um deus o cumprimentavam. Para eles era deveras a glória maior quando era vivo! Agora o encontraram a morte e o destino.

Assim falou chorando. No entanto, Andrômaca, mulher de Heitor, nada ouvira dizer ainda. É que nenhum mensageiro chegara para lhe dar a notícia de que o marido estava fora dos portões. Ela estava sentada ao tear no íntimo recesso do alto aposento, a tecer uma trama purpúrea de dobra dupla e nela bordava flores de várias cores. Chamou pelas servas de belas tranças lá na casa, para porem no lume uma trípode enorme, para que houvesse para Heitor água quente para o banho quando voltasse da batalha. Inocente! Pois não sabia ela que muito longe de banhos Atena o subjugara nas mãos de Aquiles. Mas Andrômaca ouviu os gritos e o pranto vindos da muralha: estremeceu-lhe o corpo e a lançadeira caiu ao chão. Depois disse assim no meio das servas de belas tranças:

— Venham comigo, duas de vocês, para que eu veja o que aconteceu. Ouvi a voz de minha sogra veneranda: no meu peito o coração saltou-me à boca e os joelhos por baixo de mim ficaram dormentes. Perto está alguma desgraça para os filhos de Príamo. Que longe dos meus ouvidos esteja tal palavra! Mas receio terrivelmente que Aquiles tenha cortado a Heitor o acesso à cidade e que esteja sozinho com ele na planície.

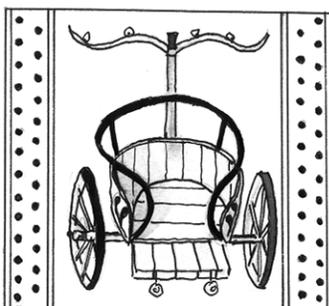
Assim dizendo, apressou-se através do palácio como uma louca, com o coração palpitante. Com ela iam as criadas. Mas quando chegou à muralha e à multidão de homens, pôs-se de pé na muralha — e depois viu Heitor sendo arrastado diante da cidade. Cavalos velozes o arrastavam sem piedade para as naus. Sobre seus

olhos desceu a escuridão da noite; caiu para trás e desmaiou. Quando Andrômaca veio a si, com o fôlego restituído ao peito, atirou para longe o brilhante adorno da cabeça, o diadema, a touca, o lenço e o laço entretecido, e o véu que lhe oferecera a dourada Afrodite no dia em que Heitor a levava da casa de seu pai. À sua volta acorreram as cunhadas, que a ampararam, desesperada até a morte. Andrômaca levantou a voz em lamento e assim disse no meio das troianas:

— Heitor, ai de mim! Para o mesmo destino nascemos ambos, você em Troia no palácio de Príamo, e eu no palácio de meu pai, desafortunado pai de filha desventurada. Quisera que nunca tivesse me gerado! Pois agora você partiu para a mansão de Hades nas profundezas da terra e deixou-me em sofrimento detestável como viúva no palácio. Seu filho não passa ainda de pequena criança, ele a quem você e eu geramos. Para ele não será você uma benesse, ó Heitor, porque morreu; nem ele para você. Pois mesmo que escape à guerra cheia de lágrimas, sempre para ele no futuro haverá sofrimento e preocupações, já que outros serão senhores das terras que são dele. O dia da orfandade separa a criança dos amigos da sua idade. Anda sempre cabisbaixo, suas faces sempre sulcadas de lágrimas; na sua necessidade o rapaz dirige-se aos amigos do pai, puxando um pela capa e outro pela túnica. Um dos que se apiedam dá-lhe a taça por instantes: chega a umedecer os lábios, mas a boca fica seca. E outro rapaz, cujos pais ainda vivem, escorraça-o do festim a bofetadas com palavras humilhantes e insultuosas. Choroso volta então o rapaz para a mãe enviuvada: ele que anteriormente comia as melhores carnes e, quando sobrevinha o sono, dormitava no leito, nos braços da ama, numa cama macia, seu coração saciado de coisas boas. Mas agora, privado do pai amado, terá muito que sofrer. Junto das naus, longe dos seus pais,

os vermes rastejantes o comerão, após os cães terem se fartado do seu corpo nu. Porém, no palácio há vestimentas, graciosas e belas, urdidas pelas mãos das mulheres. Mas todas essas vestes eu queimarei com o fogo ardente, visto que para você já não terão proveito.

Assim falou chorando; e as mulheres também se lamentaram.



15. Honras fúnebres

Desse modo troianos e troianas choravam por toda a cidade. Por seu lado, os gregos, assim que chegaram ao acampamento, dispersaram-se e cada um foi para a sua nau. No entanto, Aquiles não permitiu que se dispersassem os mirmidões, mas assim disse entre os companheiros, amigos de combater:

— Mirmidões, meus fiéis companheiros! Não soltemos ainda os cavalos dos carros, mas com eles nos aproximemos para lamentarmos Pátroclo, pois essa é a honra devida aos mortos. Depois que tenhamos nos saciado do triste pranto, soltaremos os cavalos e todos aqui jantaremos.

Assim disse; e eles lamentaram-se juntos, liderados por Aquiles. Três vezes em torno do morto conduziram os corcéis de belas crinas, carpindo; e entre eles se lhes despertou o desejo de chorar. Umedeceram-se as areias, umedeceram-se as armas dos homens com lágrimas; pois bom amigo de todos fora Pátroclo, de quem agora sentiam tantas saudades. E entre eles foi Aquiles que iniciou o lamento, pousando as mãos no peito do companheiro:

— Eu o saúdo, ó Pátroclo, também agora na mansão de Hades. Todas as coisas eu cumpro que antes lhe prometi: arrastei para cá Heitor, para os cães o comerem cru.

Assim disse; e para Heitor planejou atos sem vergonha, estatelando-o de cara para baixo na poeira em frente do esquife de Pátroclo. E cada um deles despiu as armas resplandecentes de bronze e soltaram os cavalos de sonoros relinchos; depois sentaram-se junto da nau de Aquiles — multidão incontável! Ele preparou-lhes a refeição fúnebre: e muitos bois lustrosos mugiram em volta da lâmina de ferro ao serem abatidos; muitas ovelhas e cabras balidoras; muitos porcos de brancas presas, ricos em gordura, foram chamuscados na chama de Hefesto. Por todo lado, em torno do morto, era tanto o sangue que podia ser apanhado em taça.

Depois, os reis dos gregos levaram Aquiles à presença de Agamêmnon; com afinco tinham-no convencido a acompanhá-los. Quando chegaram à tenda de Agamêmnon, logo ordenaram aos arautos que pusessem no fogo uma grande trípode, na esperança de convencer Aquiles a lavar do corpo o sangue e a sujeira. Mas ele se recusou e pronunciou este juramento:

— Por Zeus, que é o mais excelso e melhor dos deuses! Não é lícito que a água do banho chegue ao meu corpo, antes de ter posto Pátroclo na pira, de ter lhe elevado um túmulo e de ter cortado o meu cabelo, visto que outro luto como este não sobrevirá ao meu coração, enquanto for vivo. Por agora entreguemo-nos ao banquete odioso. Mas ao nascer da aurora, ó soberano Agamêmnon, mande que se traga lenha e se prepare tudo a que o morto tem direito, na altura em que parte para a escuridão sombria, de modo a que possa consumi-lo o fogo indefectível.

Assim falou; e eles deram-lhe ouvidos e obedeceram-lhe. Com urgência cada um preparou sua refeição; comeram e nada lhes faltou naquele festim compartilhado. E quando afastaram o desejo de comida e bebida, cada homem foi para sua tenda descansar.

Mais tarde, junto da orla do mar marulhante, estava Aquiles deitado, gemendo profundamente no meio dos numerosos mirmidões em espaço aberto, onde as ondas rebentavam na praia. Quando sobreveio o sono que, suavemente derramado em volta dele, lhe afrouxou as angústias do espírito (pois moídos estavam os seus membros de perseguir Heitor até Troia ventosa), aproximou-se o fantasma do desgraçado Pátroclo, em tudo semelhante a ele na altura e nos lindos olhos e na voz; e era a mesma a roupa que vestia no corpo. Postou-se junto da cabeça de Aquiles e assim lhe disse:

— Você dorme, ó Aquiles, e já se esqueceu de mim. Enquanto era vivo não se descuidou de mim; só agora que estou morto. Sepulte-me depressa, para que eu transponha os portões do Hades. À distância me mantêm afastado as almas, fantasmas dos mortos; não deixam que a elas eu me junte na outra margem do rio: em vão estou a vaguear pela mansão de amplos portões do Hades. Com lágrimas suplico; pois nunca mais voltarei de lá, após ter-me dado o fogo que me é devido. Vivos nunca mais nos sentaremos longe dos outros companheiros a conversar sozinhos, pois o destino odioso me devorou, ainda que fosse o destino que me cabia desde que nasci. Também para você, ó Aquiles, está destinado que morra sob a muralha dos troianos. E outra coisa lhe direi e pedirei, na esperança de que obedeça: não ponha meus ossos longe dos seus, ó Aquiles, mas juntos. Que os nossos ossos uma só urna acolha.

Respondendo-lhe, assim falou Aquiles:

— Por que razão, ó cabeça amada, aqui se dirigiu, e por que me recomenda cada uma dessas coisas? Tudo farei e obedecerei como você ordena. Mas aproxime-se de mim. Embora por pouco tempo, abracemo-nos um ao outro no prazer do triste pranto.

Assim falando, estendeu os braços, mas não logrou agarrá-lo. Como um sopro de fumaça, o fantasma partiu para debaixo da

terra. Espantado se levantou Aquiles e, batendo as mãos, proferiu esta palavra lastimosa:

— Ah, afinal é verdade que até na mansão de Hades subsiste uma alma e um fantasma, em tudo semelhante ao que o morto fora em vida.

Assim falou e logo surgiu a Aurora de róseos dedos.

Agamêmnon ordenou que mulas e homens fossem buscar lenha; e um homem valente os vigiou, Meríones, escudeiro de Idomeneu. Partiram levando nas mãos machados e cordas bem torcidas; à frente deles foram as mulas. Muitas subidas, descidas, desvios e atalhos comportou o caminho. Mas quando chegaram às laterais do Ida de muitas fontes, logo em seguida puseram-se a cortar carvalhos de alta copa; e as árvores com grande estrondo iam tombando. Depois, fenderam os troncos e ataram-nos atrás das mulas. E estas com as patas sulcavam a terra, apressando-se rumo à planície pelo denso matagal. Todos os lenhadores carregaram achas; pois assim ordenara Meríones. Na praia as depuseram, cada um por sua vez, lá onde para Pátroclo e para si próprio planejava Aquiles um grande túmulo. Depois que depuseram por toda parte a lenha incontável, ali se sentaram, permanecendo todos juntos. E Aquiles ordenou imediatamente aos mirmidões que se armassem de bronze. Levantaram-se e envergaram as armas e subiram para os carros, guerreiros e aurigas. À frente foram os cavaleiros, depois uma nuvem de peões, incontáveis! No meio levavam o corpo de Pátroclo. Depois cobriram todo o corpo do morto com seus cabelos cortados. Aquiles segurava a cabeça de Pátroclo, chorando: bem-amado era o amigo que mandava para o Hades.

Quando chegaram ao local que lhes indicara Aquiles, depuseram o morto e logo providenciaram lenha abundante. Foi então que

Aquiles cortou uma loira madeixa, que ele tinha deixado crescer desde o início da guerra, para no regresso para casa cortá-la como oferenda prometida ao rio Esperqueio. Entristecido assim disse, fitando o mar cor de vinho:

— Esperqueio, em vão lhe prometeu meu pai Peleu que, quando eu regressasse à terra pátria, para você cortaria meu cabelo. Agora, visto que já não regressarei, oferecerei a Pátroclo esta madeixa para acompanhá-lo.

Assim dizendo, pôs a madeixa nas mãos do companheiro amado, e em todos despertou o desejo de chorar. E a luz do sol teria se posto sobre seu pranto, se Aquiles não tivesse se aproximado de Agamêmnon para dizer:

— Atrida, é às suas palavras que a hoste obedece. Mande-os embora da pira e diga-lhes que preparem a refeição. Quanto às coisas presentes, delas nos incumbiremos nós, que mais próximos éramos do morto.

Depois que Agamêmnon ouviu essas palavras, logo dispersou a hoste pelas naus; porém os que eram mais próximos ficaram e amontoaram a lenha. Fizeram uma pira de cem pés em cada direção, e no topo da pira colocaram o morto, enlutados no coração. Muitas ovelhas robustas e bois de passo cambaleante esfolaram e prepararam à frente da pira; e Aquiles tirou dos animais a gordura e com ela envolveu o morto, dos pés à cabeça, e em volta dele pôs as carcaças esfoladas. Por cima colocou jarros de asa dupla de mel e azeite, reclinando-os contra o esquife. Lançou o fogo, para que lavrasse. E em seguida chorou e chamou o amigo amado pelo nome, repetindo que Heitor haveria de ser comido pelos cães.

Todavia, a pira de Pátroclo não pegava fogo. Aquiles afastou-se então da pira e rezou aos dois ventos, ao Bóreas e ao Zéfiro, e

prometeu-lhes belas oferendas. Vertendo muitas libações de uma taça dourada, implorou-lhes que viessem, para que a lenha se apressasse a atear-se. E os ventos levantaram-se com eco sobrenatural e caíram sobre a pira; alto bramiu o fogo. Toda a noite impeliram a chama da pira, soprando com voz aguda; e toda a noite Aquiles tirava vinho de uma bacia dourada e derramava-o no chão, umedecendo a terra; e chamava pela alma de Pátroclo. Tal como chora o pai ao cremar os ossos do filho que casara havia pouco e que, morrendo, enlutou os pobres pais — assim Aquiles chorava ao cremar os ossos do companheiro, passando à frente da pira com passo pesado, gemendo sem parar.

Quando a estrela da manhã surgiu para anunciar a luz à terra, estrela atrás da qual vem a Aurora de manto de açafrao espalhar-se sobre o mar, esmoreceu o fogo e pararam as labaredas. Os ventos afastaram-se, seguindo sobre o mar da Trácia, que bramiu com ondulação inchada. Foi então que Aquiles disse aos que o acompanhavam:

— Apaguem a pira com vinho. Recolhamos os ossos de Pátroclo e os coloquemos numa urna dourada, até que eu próprio me veja escondido no Hades. Depois vocês deverão misturar meus ossos com os dele.

Assim falou; e eles obedeceram a Aquiles. Primeiro apagaram a pira fúnebre com vinho. Chorando, recolheram os ossos do doce companheiro para uma urna dourada; colocaram-na na tenda e cobriram-na com um pano de linho. Depois delinearam o diâmetro do túmulo e lançaram os alicerces em torno da pira; amontoaram seguidamente a terra e, após terem feito o túmulo, dispersaram-se.

Terminadas as exéquias, todos pensaram em deleitar-se com o jantar e com o sono suave. Só Aquiles ainda chorava, lembrado do

companheiro amado; e não o tomou o sono que tudo domina, mas voltava-se de um lado para o outro, saudoso da virilidade e da força potente de Pátroclo, rememorando tudo o que com ele fizera e sofrera ao atravessarem as guerras dos homens e as ondas dolorosas.

Recordado dessas coisas derramava lágrimas copiosas, ora deitado de lado, ora deitado de costas, ora deitado de cara para baixo. Mas logo em seguida se levantava para caminhar, vagueando, pela orla do mar; e despercebida não lhe passava a Aurora quando surgia sobre o mar e a praia, mas atrelava ao jugo do carro os céleres corcéis e arrastava o cadáver de Heitor, que amarrara atrás do carro. E depois que o arrastara três vezes em torno do túmulo de Pátroclo, de novo se deitava na tenda. Mas deixava Heitor estendido, de cara para baixo na poeira. Porém Apolo afastava da carne todo o aviltamento, com pena de Heitor, até na morte. Protegeu-lhe o corpo com a égide dourada, para que Aquiles não lhe dilacerasse a carne ao arrastá-lo.

Desse modo, na sua fúria, Aquiles aviltou o corpo de Heitor. Mas condoeram-se os deuses bem-aventurados ao verem o que se passava e incitaram Hermes a roubar o cadáver. A todos os outros isso agradou, menos a Hera e a Atena, que estavam como quando primeiro lhes repugnou a sacra Troia, por causa do desvario de Páris, que insultou as deusas quando elas vieram à sua casa ao louvar aquela que lhe favoreceu sua lascívia atroz.

Foi quando sobreveio a décima segunda aurora que entre os imortais falou Apolo:

— Vocês são cruéis, ó deuses. Será que Heitor nunca os honrou com preces e sacrifícios? Agora que ele está morto não ousam salvá-lo, para que possa ser visto pela esposa, pela mãe e pelo filho, pelo pai Príamo e pelo povo, que rapidamente o cremarão no fogo e

lhe prestarão honras fúnebres. Mas é ao feroz Aquiles, ó deuses, que querem favorecer: ele a quem faltam pensamentos ajuizados e um espírito moldável no peito. Como um leão, só quer saber de selvagerias: um leão que, encorajado pela força, se atira aos rebanhos, para arrebatá-los a refeição. Do mesmo modo Aquiles perdeu toda a compaixão, faltando-lhe toda e qualquer vergonha. Outros há que perderam alguém que amavam: um irmão ou então um filho. Mas depois de o terem chorado e lamentado, sabem parar: pois os Destinos deram aos homens um coração que aguenta. Mas Aquiles, depois de ter privado Heitor da vida, ata-o ao carro e arrasta-o em torno do túmulo do companheiro amado. E assim avilta na sua fúria a terra que nada sente.

Irada lhe respondeu a deusa Hera:

— Heitor não passa de um mortal, amamentado por peito de mulher. Porém Aquiles é filho de uma deusa, que eu própria favoreci e dei a um homem como esposa: a Peleu, que muito estimado foi pelos imortais. E todos vocês, ó deuses, assistiram à boda; no meio estava você de lira na mão, ó Apolo, como sempre infiel.

Respondendo-lhe, assim falou Zeus, que comanda as nuvens:

— Hera, não se enfureça contra Apolo. Heitor era dos mortais o mais estimado pelos deuses. Pelo menos para mim era, pois nunca faltou com gratas oferendas. Nunca o meu altar careceu do festim compartilhado, nem de libações nem do aroma do sacrifício, a honra que nos cabe. Mas não permitiremos que seja roubado (pois disso se aperceberia Aquiles) o corpo de Heitor. Mas que um dos deuses diga a Tétis que venha à minha presença, para que lhe diga uma válida palavra, de modo que Aquiles aceite os dons de Príamo e restitua o cadáver de Heitor.

Assim falou; e logo se levantou Íris com pés de tempestade e no meio de Samos e da rochosa Imbro mergulhou no escuro mar. Marulharam por cima dela as águas. Desceu até o fundo como o prumo de chumbo, que no chifre de um boi campestre desce para levar a morte aos peixes esfomeados. Na côncava gruta encontrou Tétis; à sua volta estavam sentadas as outras deusas marinhas; e ela no meio chorava o destino do filho, que estava prestes a morrer em Troia de férteis sulcos, longe da sua pátria. Postando-se junto dela lhe disse Íris de pés velozes:

— Levante-se, Tétis! Zeus chama, perito em imorredouros conselhos.

Respondendo-lhe, falou Tétis, a deusa dos pés prateados:

— Por que me convoca o grande deus? Envergonho-me de me imiscuir no meio dos imortais, pois tenho dores incontáveis no coração. Mas irei; e não será vã a palavra dele, seja ela qual for.

Assim falando, pegou um véu escuro; vestimenta mais negra não havia. Partiu, e à sua frente foi a célere Íris com pés de vento. Em sua volta se abriu a ondulação do mar. Depois de emergirem na praia, subiram ao céu e encontraram Zeus, que vê ao longe; à sua volta estavam todos os outros deuses bem-aventurados que são para sempre. Sentou-se Tétis junto de Zeus pai, pois Atena lhe cedera o lugar. E Hera pôs-lhe nas mãos uma taça dourada e falou-lhe com palavras amáveis. Tétis restituiu a taça depois de beber. Entre eles o primeiro a falar foi o pai dos homens e dos deuses:

— Veio ao Olimpo, ó deusa Tétis, apesar do seu desgosto; tem no coração uma dor inapaziguável. Bem o sei. Mesmo assim lhe direi por que a chamei aqui. Há nove dias que entre os imortais surgiu a discórdia por causa do cadáver de Heitor. Incitam Hermes a roubar o corpo. Porém em relação a isso quero dar glória a Aquiles, por respeito para com a sua reverência e estima no futuro. Aprese-se

então até o exército e dê conta disso a seu filho: diga-lhe que os deuses estão irados com ele; e eu, mais do que todos, estou grandemente enfurecido, porque ele com espírito tresloucado retém o corpo de Heitor e não o restitui; diga-lhe isso para que ele se amedronte e restitua Heitor. Pela minha parte, enviarei Íris ao magnânimo Príamo, para lhe dizer que resgate o filho amado, indo às naus dos gregos, levando oferendas para Aquiles que o aplacarão.

Assim falou; e não lhe desobedeceu Tétis, a deusa dos pés prateados. Lançou-se veloz dos píncaros do Olimpo e chegou à tenda do filho. Ali o encontrou, gemendo incessantemente. Em volta dele seus camaradas se afadigavam com a preparação do jantar. Fora sacrificado na tenda um grande carneiro lanudo. Sentou-se muito perto dele a excelsa mãe e acariciando-o assim lhe falou pelo nome:

— Aquiles, meu filho, quanto tempo chorando e se lamentando devorará seu coração, esquecido da comida e da cama? Pois não será longa a sua vida, mas já estão ao seu lado a morte e o destino inflexível. Ouça-me agora, pois para você sou mensageira de Zeus. Diz ele que os deuses estão irados com você; e ele, mais do que todos, está grandemente enfurecido, porque com espírito tresloucado você retém o corpo de Heitor e não o restitui. Mas agora restitua o morto e aceite o resgate pelo cadáver.

Respondendo-lhe, assim falou Aquiles de pés velozes:

— Que assim seja. Quem trouxer o resgate que leve o morto, se é isso que Zeus ordena.

E muitas mais palavras trocaram entre si mãe e filho. Por sua vez, Zeus mandou Íris para Troia com estas palavras:

— Aprese-se, célere Íris! Deixe a sede do Olimpo e anuncie a Príamo que vá resgatar o filho amado; que leve oferendas para

Aquiles, sozinho: e que nenhum outro dos troianos siga com ele. Um arauto idoso poderá acompanhá-lo, para guiar as mulas e o carro de belas rodas e para trazer o morto de volta à cidade. Que não o preocupe a morte nem o terror, pois lhe daremos Hermes como guia, que o levará até chegar junto de Aquiles. E depois de tê-lo levado para a tenda de Aquiles, este não o matará. Ele não é desprovido de siso, nem desatento nem facínora: pelo contrário, compassivamente poupará o suplicante.

Assim falou; e Íris lançou-se com pés de tempestade. Chegou ao palácio de Príamo e encontrou-o em choro e pranto. Os filhos estavam sentados em torno do pai dentro do pátio e umedeciam as roupas com lágrimas; no meio deles estava o ancião agasalhado com uma manta. Cheios de esterco estavam a cabeça e o pescoço do ancião, que ele apanhara com as próprias mãos, esgaratando na terra. As filhas e as noras choravam dentro de casa, lembradas dos muitos e valentes guerreiros mortos, que jaziam desprovidos de vida nas mãos dos gregos. Junto de Príamo se postou a mensageira de Zeus, interpelou-o, falando com voz baixa. Mas o tremor se apoderou dos membros dele:

— Anime-se, ó Príamo; não tenha medo. Não é para lhe trazer a desgraça que aqui chego, mas com boa intenção. Sou mensageira de Zeus, ele que por você sente grande preocupação e piedade. Ordena-lhe que vá resgatar o corpo do seu filho Heitor; leve oferendas para Aquiles, sozinho: que nenhum outro dos troianos siga com você. Um arauto idoso poderá acompanhá-lo, para guiar as mulas e o carro. Que não o preocupe a morte nem o terror, pois lhe daremos Hermes como guia.

Tendo assim falado, partiu Íris de pés velozes. E o rei mandou aos filhos que preparassem uma carroça de mulas de boas rodas e que por cima pusessem vimes entrançados. Ele próprio foi para a

abobadada câmara do tesouro, fragrante de cedro e alta, onde havia muitas preciosidades. Chamou pela esposa, Hécuba, e assim lhe disse:

— Minha querida, de Zeus me chegou divino mensageiro, dizendo-me para resgatar o filho amado, indo às naus dos gregos, para levar oferendas a Aquiles. Mas diga-me agora você: como lhe parece isso ao espírito? Pela minha parte, assombrosamente a força e o ânimo me obrigam a ir até as naus e ao vasto exército dos gregos.

Assim disse; mas a mulher emitiu um grito ululante e respondeu:

— Ai de mim! Onde foi parar a sabedoria, que outrora o fez famoso entre homens estrangeiros e o povo a quem regia? Como quer ir sozinho, para se pôr diante dos olhos do homem que tantos e valorosos filhos lhe matou? Seu coração é de ferro. Pois se ele o apanhar, tão cruento e ruim é o homem que não se apiedará de você, nem o respeitará. Lamentemo-nos à distância, sentados no palácio. Para Heitor assim o fado inflexível lhe fiou o destino ao nascimento, quando eu própria o dei à luz, para que ele fartasse os cães longe dos progenitores, junto de um homem tremendo, cujo fígado eu queria morder para devorá-lo: talvez assim houvesse retaliação pelo meu filho, a quem ele não matou praticando maldades, mas em defesa dos troianos e das troianas, sem pensar sequer na fuga ou num abrigo para se proteger.

A ela deu resposta o ancião Príamo:

— Não me retenha, pois quero ir; e não seja para mim uma ave de mau agouro no palácio. Não me convencerá. Pois se tivesse me comandado alguém dos homens terrestres, fossem videntes ou arúspices ou sacerdotes, o considerariamos mentira e mais ainda o rejeitariamos. Mas ainda agora eu ouvi a voz de uma deusa e vi seu rosto: portanto irei, e vã não será a palavra. Se for meu destino

morrer junto das naus dos gregos, é isso que quero. Que logo em seguida Aquiles me mate, depois de eu ter abraçado o meu filho e satisfeito o desejo de chorar.

Falou; e abriu as belas tampas das arcas. De lá tirou doze vestes lindíssimas, doze capas de dobra simples e outros tantos tapetes; e outras tantas mantas brancas e outras tantas túnicas. De ouro pesou e levou dez talentos ao todo, e duas trípodas refulgentes e quatro caldeirões; e uma taça lindíssima, que lhe haviam dado os trácios quando lá foram numa embaixada, grande tesouro! Nada disso o ancião poupou no palácio, pois queria muito em seu coração resgatar o filho amado. Depois escorraçou todos os troianos do pórtico e insultou-os com palavras humilhantes:

— Vão daqui para fora, ó trastes desprezíveis! Em sua casa não têm choro suficiente, para aqui virem molestar-me? Não lhes basta que Zeus tenha me dado estas dores, que eu tenha perdido o meu melhor filho? Mas, vocês o perceberão, porque muito mais fácil será para os gregos matá-los, agora que Heitor morreu.

Falou; e brandindo o cetro foi contra os homens. Eles saíram à frente do ancião exaltado. Depois chamou alto pelos filhos, repreendendo Heleno e Páris e Ágaton; e Pâmon e Antífono e Polites; e Deífobo e Hipótoo e o altivo Dio. A esses nove filhos gritou o ancião:

— Apressem-se, filhos ruins, vis nulidades! Quem me dera que todos vocês em vez de Heitor tivessem morrido! Ai de mim, de todo amaldiçoado! Eu, que gerei filhos excelentes na ampla Troia, mas deles não me resta nem um único: nem Mestor nem Troilo condutor de cavalos; nem Heitor, que era um deus entre os homens e não parecia filho de um mortal, mas de um deus! Todos estes a guerra me roubou, mas deixou-me todos os piores: mentirosos e bailarinos de pé leve, peritos no bailar e no roubar cordeiros e

cabritos ao próprio povo. Será que não se darão ao trabalho de preparar depressa um carro e não colocarão lá estas coisas, para que nós possamos seguir caminho?

Assim falou; e eles, receosos por causa da repreensão do pai, trouxeram o leve carro de mulas, belo e de feitura recente, e lá puseram o vime entrançado; e do prego fizeram descer o jugo das mulas em madeira de buxo, que tinha um cepilho e era bem provido de buracos para as rédeas; tiraram a correia de nove cúbitos do jugo, assim como o jugo. Ajustaram cuidadosamente o jugo à vara bem polida, na parte da frente, e colocaram o anel sobre a vareta, atando-o ao cepilho três vezes de cada lado; depois ataram-no à vara e por baixo curvaram o gancho. Trouxeram da câmara de tesouro e puseram no carro bem polido as incontáveis riquezas para resgatar a cabeça de Heitor; atrelaram as mulas de fortes cascos que na tração se afadigam, gloriosos dons que outrora a Príamo ofereceram os mísios.

Deste modo, no alto palácio Príamo e o arauto mandavam atrelar o carro, quando deles se aproximou Hécuba de ânimo dorido, segurando na mão direita vinho doce como mel numa taça dourada, para que vertessem uma libação à partida. Postou-se à frente dos cavalos e disse:

— Tome e verta uma libação para Zeus pai; reze que a casa possa regressar do meio dos inimigos, visto que seu ânimo o incita em direção às naus, embora eu não queira que se vá. Mas reze agora a Zeus da nuvem azul, deus do Ida, que contempla toda a terra de Troia, e peça-lhe uma ave, célere mensageiro, a ave que de todas lhe é mais cara e pela força é a maior de todas: que apareça do seu lado direito, para que você mesmo a veja e possa ir confiante até as naus dos gregos. Mas se Zeus não lhe conceder esse mensageiro, eu não aconselharia que partisse, por muito que queira.

Respondendo-lhe, assim falou Príamo:

— Ó mulher, nisto que sugere não a desconsiderarei. Pois é bom levantar as mãos a Zeus: talvez ele se compadeça.

Assim falou; e o ancião ordenou à governanta que lhe vertesse nas mãos água imaculada. Aproximou-se a serva, segurando nas mãos a jarra e a bacia; e o rei, depois de lavar as mãos, recebeu da esposa a taça. Rezou depois em pé no meio do pátio e derramou uma libação de vinho, olhando para o céu. Disse assim:

— Zeus pai, que rege do Ida, gloriosíssimo, máximo! Conceda-me que chegue à tenda de Aquiles e envie uma ave, célere mensageira, a ave que de todas lhe é mais cara e pela força é a maior de todas: que apareça do meu lado direito, para que eu próprio a veja com os olhos e possa partir confiante.

Assim falou, rezando; e ouviu-o Zeus, o conselheiro. De imediato enviou uma águia, mais seguro portento entre as aves. Tão ampla como a porta da câmara de tesouro de um homem rico, porta bem provida de ferrolhos — tão ampla assim era a extensão das suas asas. E a águia surgiu do lado direito, apressando-se para a cidade. Ao verem-na se regozijaram; e o coração de todos se alegrou.

Apressou-se depois o ancião e subiu no carro, que ele conduziu para fora dos portões e do pórtico retumbante. À frente, as mulas puxavam o carro de quatro rodas. Todos os familiares com ele seguiam a chorar, como se ele fosse para a morte. Depois que saíram da cidade e chegaram à planície, os familiares regressaram para Troia. Mas Príamo e o arauto, os dois velhos sozinhos na noite, não passaram despercebidos a Zeus ao aparecerem na planície. Ao vê-lo se compadeceu Zeus do ancião e logo disse a Hermes, seu filho:

— Hermes, vá agora e guie Príamo até as naus dos gregos, para que ninguém o veja nem se aperceba dele, até que chegue à tenda

de Aquiles.

Assim falou; e não lhe desobedeceu Hermes. Logo em seus pés calçou as belas sandálias, douradas, imortais, que com as rajadas do vento o levam sobre o mar e sobre a terra ilimitada. Pegou na vara com que enfeitiça os olhos dos homens a quem quer adormecer; ou então a outros acorda do sono. Segurando-a na mão, Hermes lançou-se no voo. E logo chegou à terra de Troia e ao Helesponto. Caminhou semelhante a um jovem príncipe com a barba a despontar, altura em que a juventude tem mais encanto.

Ora, quando os outros tinham passado o grande túmulo de Ilo, pararam as mulas, para lhes darem de beber no rio. É que a escuridão sobreviera já sobre a terra. O arauto apercebeu-se que ali muito perto alguém caminhava, e logo assim disse a Príamo:

— Esteja atento, ó rei! Passa-se algo que exige reflexão. Estou vendo ali um homem; penso que irá nos assassinar. Fugamos já, ou então agarre-lhe os joelhos e suplique-lhe, na esperança de que sinta pena de nós.

Assim disse; e turvou-se a lucidez do ancião, que sentiu um medo terrível: sentia os pelos eriçados em seus membros e ficou ali de pé, confuso. Mas Hermes aproximou-se e tomando a mão de Príamo assim lhe perguntou, dizendo:

— Aonde, meu pai, conduz este carro de mulas no meio da noite imortal, quando dormem os outros mortais? Será que não receia os gregos, inimigos implacáveis, que estão aqui perto? Se algum deles o visse levando na noite escura tal quantidade de tesouro, qual seria sua opção? Você já não é novo e velhote é o seu companheiro para se defenderem de quem os atacasse. Mas eu não lhe farei mal; aliás, contra outro o defenderei, pois a meu pai amado se assemelha.

Respondendo-lhe falou o ancião Príamo:

— As coisas, meu querido filho, são assim como diz. Mas algum dos deuses sobre mim estende a mão, pois mandou ao meu encontro um viajante como você, tão bonito e tão bem-educado. Bem-aventurados são os seus pais.

A ele deu resposta o deus Hermes:

— Diga-me agora, com verdade e sem rodeios, se leva todos esses tesouros abundantes a homens estrangeiros, para que lá fiquem a salvo, ou se já todos abandonam a sacra Troia, amedrontados. Sei que morreu o melhor homem: Heitor, o seu filho, que nunca se recusou a combater contra os gregos.

Respondendo-lhe, falou o ancião Príamo:

— Quem é você, meu querido, e quem são seus progenitores? Você, que diz coisas tão bonitas sobre meu pobre filho?

Hermes respondeu-lhe então:

— Muitas vezes vi o seu filho na luta glorificadora de homens. Nós ficávamos pasmados olhando, pois Aquiles não nos deixava combater, encolerizado contra Agamêmnon. É que sou escudeiro dele; a mesma nau aqui nos trouxe. Sou um dos mirmidões e meu pai é Polictor. É homem rico e ancião como você também é: teve seis filhos e eu próprio sou o sexto. Tiradas as sortes, fui eu que vim para cá. Agora cheguei à planície, vindo das naus. Pois ao nascer do dia os gregos levarão a batalha em torno da cidade. Estão já cansados de estarem aqui sentados; e os reis não conseguem retê-los na sua ânsia de irem para a guerra.

Respondendo-lhe, falou o ancião Príamo:

— Se na verdade é escudeiro de Aquiles, agora, peço-lhe, diga-me toda a verdade, se junto das naus está ainda o meu filho, ou se Aquiles já o lançou aos cães.

A ele deu resposta o deus Hermes:

— Ó ancião, nem os cães nem as aves de rapina o devoraram, mas ele jaz ainda junto da nau de Aquiles no meio das tendas, tal como antes. Nem a carne se decompôs, nem os vermes a consomem, os que comem os homens mortos na guerra. É verdade que em torno do túmulo do companheiro amado Aquiles o arrasta cruelmente, assim que surge a Aurora divina, mas não o lacera. Você mesmo se maravilharia se ali fosse e visse a frescura em que está deitado, limpo de sangue, sem imundície alguma. Todas as feridas estão fechadas, lá onde foi ferido; e foram muitos os que enterraram o bronze na sua carne. Deste modo os deuses bem-aventurados cuidam do seu filho, embora esteja morto, visto que o amaram no coração.

Assim falou; o ancião alegrou-se e assim respondeu:

— Ó filho, é bom oferecermos aos imortais os dons devidos, pois nunca o meu filho se esqueceu dos deuses. Por isso, se lembraram dele, embora esteja morto. Mas agora aceite da minha parte esta bela taça e proteja-me e guie-me com a anuência dos deuses, até que eu tenha chegado à tenda de Aquiles.

A ele deu resposta o deus Hermes:

— Não me ponha à prova, ó ancião, dizendo-me para aceitar dons sem conhecimento de Aquiles. Tenho medo dele e seria incapaz de decepcioná-lo. Mas como seu guia eu até iria à famosa Argos na Grécia, acompanhando-o com gentileza numa nau veloz ou a pé. E ninguém faria pouco do seu guia; ninguém se atreveria a atacá-lo.

Assim falou Hermes, o Auxiliador; e saltando para o carro rapidamente pegou no chicote e nas rédeas com as mãos; e nas mulas insuflou grande força. Quando chegaram à muralha protetora das naus e à vala, os guardas havia pouco tinham começado a preparar o jantar; mas sobre eles Hermes derramou o sono; e logo abriu os portões, deslocando os ferrolhos; e levou para

dentro Príamo com os dons gloriosos no carro. Chegaram à tenda de Aquiles, tenda alta, que os mirmidões tinham feito para o soberano, tendo cortado traves de pinheiro; e por cima haviam posto um teto de colmo, que tinham recolhido nas pradarias; e em volta elevaram para o rei um grande pátio com paliçadas cerradas; e a porta era fechada por uma única trave de pinho, que três mirmidões moviam para fechar, e outros três para abrir a grande tranca da porta: só Aquiles conseguia movê-la sozinho. Então Hermes, o Auxiliador, abriu a porta para o ancião, e trouxe para dentro os gloriosos dons; e descendo do carro para o chão assim disse:

— Ó ancião, eu que vim para junto de você sou um deus imortal, Hermes. Foi meu pai que me mandou ser seu guia. Mas agora regressarei, para não entrar no campo de visão de Aquiles. Seria porventura censurável que um deus imortal fosse recebido às claras por mortais. Mas você entre e agarre-lhe os joelhos, e pelos pais e pelo filho lhe suplique, para comover seu coração.

Tendo assim falado, Hermes voltou para o alto Olimpo. Príamo saltou do carro para o chão e ali deixou Ideu, que ficou tomando conta das mulas. O ancião foi direito ao local onde Aquiles costumava se sentar. Aí o encontrou; os amigos de Aquiles sentavam-se à parte. Eram só dois: Automedonte e Álcimo. Ele acabara havia pouco a refeição, parara de comer e beber. A mesa estava ainda ao seu lado. Despercebido deles entrou o velho Príamo; aproximou-se e com as mãos agarrou os joelhos de Aquiles e beijou as terríveis mãos assassinas, que tantos filhos lhe mataram. Aquiles espantou-se ao ver Príamo. Espantaram-se os demais e olhavam uns para os outros. Suplicante lhe dirigiu então Príamo este discurso:

— Pense no seu pai, ó Aquiles, ele que tem a minha idade, na soleira da dolorosa velhice. Decerto os que vivem à volta dele o tratam mal, e não há ninguém que dele afaste o vexame da humilhação. Porém quando ouve dizer que você está vivo, alegra-se e todos os dias sente esperança de ver o filho, regressado de Troia. Mas eu sou totalmente maldito, pois gerei filhos excelentes, mas deles não me resta nenhum. Numerosos embora fossem, Ares furioso deslassou-lhes os joelhos. E aquele que me restava, ele que sozinho defendia a cidade e o povo, esse você matou quando ele lutava para defender a pátria: Heitor. Por causa dele venho às naus dos gregos para suplicar; e trago incontáveis riquezas. Respeite os deuses, ó Aquiles, e tenha pena de mim, lembrando-se do seu pai. Eu sou mais desgraçado que ele, e aguentei o que nenhum outro terrestre mortal aguentou, pois levei à boca a mão do homem que me matou o filho.

Assim falou; e em Aquiles provocou o desejo de chorar pelo pai. Tocando-o com a mão, afastou calmamente o ancião. E ambos se recordavam: um deles de Heitor e chorava amargamente, rojando-se aos pés de Aquiles; porém Aquiles chorava pelo pai, mas também por Pátroclo. O som do seu pranto encheu toda a casa. Mas depois que Aquiles se saciou de chorar, imediatamente se ergueu do trono e levantou o homem com a mão, condoído de ver a cabeça e a barba grisalhas; e falando-lhe, proferiu estas palavras:

— Ah, desgraçado, muitos males aguentou no seu coração! Como ousou vir sozinho até aqui, para se pôr diante dos olhos do homem que tantos e valorosos filhos lhe matou? Seu coração é de ferro. Mas agora sente-se num trono; nossas tristezas deixaremos que jazam tranquilas no coração, por muito que soframos. Pois não há proveito a tirar do frígido lamento. Foi isso que fiaram os deuses para os pobres mortais: que vivessem no sofrimento. Mas eles

próprios vivem sem cuidados. Pois no palácio de Zeus há dois jarros, que contêm dons: de um deles, Zeus dá os males aos homens; do outro, as bênçãos. Àquele a quem Zeus mistura a dádiva, esse homem encontra tanto o que é mau como o que é bom. Mas àquele a quem dá só males, o faz amaldiçoado, e a terrível demência o arrasta pela terra divina e vagueia sem ser honrado quer por deuses, quer por mortais. Assim, também a Peleu os deuses deram gloriosos dons desde o nascimento: a todos os homens sobrelevava em ventura e riqueza e era rei dos mirmidões; sendo mortal, deram-lhe uma deusa como esposa. Mas além disso lhe deram os deuses o mal, porque não foi gerada no palácio uma progênie de filhos vigorosos, mas só teve um filho, fadado para uma vida breve. E eu nem o acompanho na sua velhice, visto que bem longe da pátria estou aqui sentado em Troia, atormentando a você e a seus filhos. Mas também de você, ó ancião, ouvimos dizer que outrora foi feliz. Dizem que era distinto pela riqueza e pelos filhos. Mas desde que os deuses celestiais lhe trouxeram essa desgraça, sempre em torno da sua cidade há combates e morticínios. Mas agunte: não chore continuamente no seu coração. Pois nada aproveitará ao lamentar o seu filho, nem o trará à vida.

Respondendo-lhe, assim falou Príamo:

— Não me sente num trono enquanto Heitor jaz sem cuidados na tenda, mas o mais rapidamente restitua-o a mim, para que o veja. E aceite o abundante resgate que lhe trazemos. Que com ele se alegre e possa regressar à sua terra pátria, visto que logo desde o início me poupou, deixando-me viver para contemplar a luz do sol.

Fitando-o com sobrolho carregado, respondeu-lhe o veloz Aquiles:

— Não me irrite agora, ó ancião! Estou decidido a restituir-lhe Heitor, pois como mensageira de Zeus veio ter comigo a deusa que me gerou. E quanto a você, ó Príamo, sei eu no meu coração (não me engana) que um dos deuses o trouxe até as naus dos gregos. Nenhum mortal se atreveria a aqui vir, ainda que novo, para o meio do exército. Não passaria despercebido aos guardas, nem facilmente conseguiria abrir os ferrolhos das nossas portas. Por isso não irrite mais o meu espírito no meio das dores, não vá acontecer que eu não o poupe, ó ancião, na tenda, suplicante embora seja, e erre assim contra a vontade de Zeus.

Assim falou; amedrontou-se o ancião e obedeceu ao que foi dito. Aquiles saltou como um leão para fora da casa, mas não foi só: com ele foram dois escudeiros, Automedonte e Alcimo, a quem Aquiles mais honrava entre seus companheiros, a seguir ao falecido Pátroclo. Eles desatrelaram dos jugos as mulas, e para dentro levaram o arauto, mensageiro do ancião, e sentaram-no num assento. Do carro de belas cambas tiraram o incontável resgate pela cabeça de Heitor. Mas deixaram lá duas vestes e uma túnica bem tecida, para que Aquiles vestisse o morto e o entregasse para ser levado para casa. E chamou as servas e ordenou-lhes que o banhassem e ungissem, mas separadamente, para que Príamo não visse o filho, não fosse acontecer que ele não conseguisse reter a ira no coração ao ver o filho e que o coração de Aquiles se encolerizasse e o levasse a matar o ancião, errando assim contra a vontade de Zeus.

Depois que as servas o banharam e ungiram com azeite, lançaram-lhe por cima uma bela capa e uma túnica. Foi o próprio Aquiles que o levantou e pôs num esquife; depois, com ele, os companheiros o puseram no carro polido. E Aquiles gemeu em seguida e invocou o companheiro amado:

— Não se zangue comigo, ó Pátroclo, se é que consegue me ouvir na mansão de Hades, por eu ter restituído Heitor ao pai. Não foi vergonhoso o resgate que me deu. A você eu darei dessas coisas aquilo que lhe é devido.

Assim falou; e regressando à tenda sentou-se no trono embutido, de que havia pouco se levantara, e este discurso dirigiu a Príamo:

— Seu filho lhe foi restituído, ó ancião, como pediu, e jaz num esquife. Ao nascer da aurora poderá contemplá-lo e levá-lo. Mas agora pensemos na refeição. Nem Níobe de belas tranças descuidou da comida, apesar de doze filhos lhe terem morrido no palácio: seis filhas e seis filhos vigorosos. Aos rapazes matou Apolo com o arco de prata, encolerizado contra Níobe; às donzelas, Ártemis, a arqueira, porque Níobe se medira com Leto, dizendo que a deusa gerara só dois filhos, mas ela gerara muitos. Por isso os filhos de Leto, dois embora fossem, mataram-nos a todos. Durante nove dias jazeram no próprio sangue, pois ninguém havia para sepultá-los: Zeus transformara o povo em pedra. Mas no décimo dia os deuses celestiais os sepultaram. E Níobe lembrou-se da comida, pois estava cansada de chorar. Agora, algures nos rochedos, nas montanhas solitárias, no Sípilo, onde dizem estar os leitos das ninfas divinas, aí está ela, uma pedra, cismando nas tristezas vindas dos deuses. Pensemos então também nós dois, ó ancião divino, na comida. Depois lamentará seu filho amado, depois de tê-lo levado para Troia. Muitas lágrimas ele lhe causará.

Falou; e com um salto Aquiles degolou uma alva ovelha e os companheiros esfolaram-na e prepararam-na. Cortaram as postas com perícia e puseram-na em espetos; depois assaram bem a carne e distribuíram as porções. Automedonte pegou o pão e arranjou-o em cima da mesa em belos cestos, enquanto Aquiles servia a carne. E eles lançaram mãos às iguarias que tinham à sua frente. Mas

quando afastaram o desejo de comida e bebida, foi então que Príamo olhou maravilhado para Aquiles, como era alto e belo. Pois na verdade olhá-lo era ver um deus. E Aquiles olhou maravilhado para Príamo: fitou o nobre aspecto e escutou suas palavras. Mas depois de se terem deleitado, olhando um para o outro, o primeiro a falar foi Príamo:

— Deite-me agora depressa para que nos possamos deleitar com o sono suave, repousando. É que ainda os meus olhos não se fecharam sob as pálpebras, desde que o meu filho nas suas mãos perdeu a vida, mas choro permanentemente e penso nas incontáveis tristezas, rojando-me no esterco nos espaços fechados do pátio. Mas agora provei comida e permiti que descesse o vinho pela minha garganta. Pois antes eu não tinha provado nada.

Assim falou; e Aquiles ordenou aos companheiros e às servas que armassem camas debaixo do pórtico e que sobre elas pusessem cobertores purpúreos e estendessem mantas, e que lá colocassem capas de lã em que eles se envolvessem. As servas saíram da sala com tochas acesas nas mãos e rapidamente fizeram as duas camas, atarefadas. Aquiles falou assim a Príamo carinhosamente:

— Deite-se aqui fora, querido ancião, não vá acontecer que aqui venha algum dos conselheiros gregos, que sempre vêm se sentar ao meu lado para deliberar, como é justo. Se um deles o visse na noite escura, logo diria a Agamêmnon e surgiriam atrasos na restituição do cadáver. Mas diga-me agora com verdade e sem rodeios: durante quantos dias fará o funeral do divino Heitor, para que eu mesmo aqui permaneça e retenha o exército?

Respondendo-lhe, falou o ancião Príamo:

— Se você permite que eu dê as honras fúnebres a Heitor, ó Aquiles, me fará um grande favor. Sabe como estamos encurralados na cidade e fica longe trazer a lenha da montanha; e

os troianos têm grande receio. Durante nove dias o choraremos no palácio; ao décimo dia faremos o funeral e a refeição do povo; ao décimo primeiro dia lhe faremos a sepultura; e ao décimo segundo dia combateremos, se for preciso.

A ele deu resposta Aquiles de pés velozes:

— Que assim seja, ó ancião Príamo, assim como diz. Travarei a guerra durante o tempo que você me pede.

Assim falando, pelo pulso tomou a mão direita do velho rei, para que não sentisse medo no coração. Eles se deitaram na frente da casa, o arauto e Príamo, com sábios pensamentos no espírito. Porém, Aquiles dormiu no íntimo recesso da tenda bem construída; e ao seu lado veio se deitar Briseida de lindo rosto.

Os outros deuses e os homens, senhores de carros de cavalos, dormiram toda a noite, tomados pelo sono suave. Mas o sono não se apoderou de Hermes, o Auxiliador, que refletia no espírito como ao rei Príamo ele guiaria para longe das naus, despercebido dos fortes guardiões. Postou-se junto da cabeça dele e assim lhe disse:

— Ó ancião, parece que nada o preocupa, da maneira como dorme no meio de homens inimigos, agora que Aquiles o poupou. Resgatou seu filho amado e pagou um preço exorbitante. Mas por sua vida teriam de pagar três vezes mais os seus filhos que ficassem, se Agamêmnon o reconhecesse.

Assim falou; o ancião amedrontou-se e levantou o arauto. Hermes atrelou-lhes as mulas; e com leveza os conduziu através do exército e ninguém soube de nada.

Ora, quando chegaram ao vau do rio de lindíssimo fluir, o Xanto cheio de redemoinhos, foi então que Hermes partiu para o alto Olimpo e a Aurora de manto de açafraão espalhou-se por toda a terra. Com choro e com pranto conduziram as mulas até a cidade.

Nenhum outro se apercebeu deles, entre os homens e mulheres de bela cintura; porém Cassandra subira à torre mais alta de Troia e de lá avistou o pai e o arauto. Viu Heitor, jazente num esquife, puxado pelas mulas. Emitiu um grito ululante e disse a toda a cidade:

— Vejam, troianos e troianas! Venham e vejam Heitor, se alguma vez vocês se regozijarem ao vê-lo regressar vivo da batalha: para todos nós era ele uma grande felicidade.

Assim falou; e toda a cidade se dirigiu aos portões e a todos sobreveio uma dor impossível de suportar. Junto dos portões encontraram Príamo trazendo o morto. As primeiras a arrancar os cabelos foram a esposa amada e a mãe, que se atiraram ao carro de belas rodas e lhe seguraram a cabeça. Toda a multidão ao redor chorava. E agora durante todo o dia até a pôr do sol teriam chorado Heitor, vertendo lágrimas diante dos portões, se do carro não tivesse dito o ancião ao povo:

— Abram caminho para a passagem das mulas. Em seguida se saciarão do pranto, quando eu o tiver levado para casa.

Assim falou; e eles separaram-se e deixaram passar o carro. Quando chegaram ao famoso palácio, depuseram-no numa cama encordoada; e junto dele colocaram cantores para darem início aos cantos fúnebres, eles que cantaram o canto de lamentação, ao que as mulheres se lamentaram. No meio delas Andrômaca iniciou o lamento, segurando nas mãos a cabeça de Heitor:

— Marido, para a vida você morreu jovem e deixou-me viúva no palácio. Seu filho não passa ainda de pequena criança, ele a quem você e eu geramos, desafortunados! Mas não creio que ele chegue à adolescência, pois antes disso terá a cidade sido arrasada de alto a baixo. Era o protetor e morreu: só você a defendia e guardava as nobres esposas e crianças pequenas, elas que rapidamente partirão nas naus dos gregos, e entre elas irei eu. E você, ó filho, também me

seguirá, para lá onde desempenhará tarefas aviltantes, laborando à frente de um amo severo; ou então um dos gregos pegará você pela mão e o lançará da muralha, morte desgraçada!, encolerizado porque Heitor lhe matou o irmão ou o pai ou o filho. Pois o seu pai não era brando na guerra funesta; por isso, o povo o chorará em toda a cidade. Dor indizível e sofrimento proporcionou aos seus progenitores, ó Heitor! Mas a mim sobretudo deixou dores amargas. Pois ao morrer não estendeu para mim as mãos no leito, nem me disse uma derradeira palavra, sobre a qual eu sempre refletiria de noite e de dia enquanto chorava por você.

Assim falou a chorar; e as mulheres também se lamentaram. Em seguida, entre elas começou Hécuba seu intenso lamento:

— Heitor, de longe mais amado no coração de todos os meus filhos! Enquanto era vivo, foi estimado pelos deuses e por isso cuidaram de você, também no destino da morte. Depois de tê-lo privado da vida, Aquiles arrastou-o muitas vezes em torno do túmulo do companheiro, Pátroclo, que você matou. Mas nem assim o trouxe à vida. Agora jaz no palácio, na frescura de quem acabou de morrer, igual àquele a quem Apolo matou com as suas setas suaves.

Assim falou chorando e fez surgir lamentação incessante. Em seguida, entre elas foi Helena a terceira a lamentar-se:

— Heitor, de longe o mais estimado no coração de todos os meus cunhados! Na verdade, Páris trouxe-me para Troia. Quem me dera ter morrido antes disso! Pois na verdade, este é já o décimo ano desde que deixei a minha pátria. Mas de você nunca ouvi uma palavra desagradável ou desabrida. Mas se alguém falava mal de mim no palácio, os seus irmãos ou irmãs ou mesmo a sua mãe (mas seu pai foi sempre amável como um pai), você com palavras os impedia. Por isso, eu choro a você e a mim, desafortunada, com

coração pesado; pois já não tenho ninguém na ampla Troia que seja amável ou amigo, mas todos sentem repugnância por mim.

Assim falou chorando; e a multidão incontável gemeu. Ao povo proferiu o ancião Príamo as seguintes palavras:

— Agora, ó troianos, tragam lenha para a cidade; não receiem no coração qualquer cilada dos gregos. Pois Aquiles, ao mandar-me embora das naus escuras, me prometeu que ninguém nos faria mal, até chegar a décima segunda aurora.

Assim falou; e eles atrelaram sob as carroças bois e mulas, e em seguida foram depressa recolher lenha à frente da cidade. Durante nove dias trouxeram quantidades incontáveis de lenha. Mas quando surgiu a décima aurora para dar luz aos mortais, foi então que, chorando, trouxeram para fora o corpo de Heitor; e no cimo da pira colocaram o cadáver e lançaram-lhe o fogo.

Quando surgiu a que cedo desponta, a Aurora de róseos dedos, foi então que o povo se reuniu em torno da pira de Heitor. Quando estavam já reunidos, todos em conjunto, primeiro apagaram a pira fúnebre com vinho; depois os irmãos e os companheiros recolheram os brancos ossos, carpindo, e abundantes lhes escorreram nas faces as lágrimas. Colocaram os ossos numa arca dourada, pondo por cima finas mantas de púrpura. Depuseram-na depressa numa sepultura e por cima amontoaram grandes pedras, bem cerradas. Depressa ergueram o túmulo, com sentinelas por toda parte, não fossem os gregos atacar antes de tempo. Após terem erguido o túmulo, voltaram; e em seguida, reunidos, festejaram segundo o rito com um banquete no palácio de Príamo.

Assim foi o funeral de Heitor, domador de cavalos.



Posfácio

Feita a adaptação para jovens da *Odisseia* de Homero, que saiu em 2005 e atraiu o interesse de um amplo número de leitores, colocou-se a mim naturalmente a possibilidade de fazer uma adaptação semelhante da *Ilíada*. O processo não foi, porém, tão fácil como no caso da *Odisseia*, porque de partida levantava-se esta pergunta: faria sentido dar a ler este texto tão amargamente “adulto” a um público adolescente?

A *Odisseia* propõe-nos um mundo simples (e francamente irreal) onde os bons singram e os maus soçobram. O sofrimento humano é visto em termos de castigo divino por erros conscientemente cometidos pelos homens. Na *Ilíada*, não é assim. A realidade é mais dura: antes de mais, porque é real. A relação entre erro humano e castigo divino não é de todo direta. Por outro lado, a possibilidade de uma vida feliz parece ser frontalmente posta em causa. Não há outra perspectiva para a vida humana além do sofrimento.

No entanto, a *Ilíada* (que, ao contrário da *Odisseia*, não admite bem-aventurança depois da morte) propõe uma circunstância redentora para a vida humana: levarmos os nossos objetivos até ao fim, custe o que custar, doa a quem doer, e nunca abdicarmos do bem supremo pelo qual devemos lutar com unhas e dentes (ou,

melhor dizendo, lanças e espadas): a nossa própria autoestima. Morrer é uma obviedade tão patente que se torna banal. Viver em conformidade com o respeito que cada ser deve a si mesmo é que torna quem isso alcança único, excepcional, heroico. Esses acabam por não morrer, porque é desses que “reza a história” (= poesia).

Ao mesmo tempo, a *Ilíada* nos dá a figura de uma pessoa que, além de respeitar o sagrado dever homérico da autoestima, é capaz de pôr o bem alheio acima do próprio. Trata-se de Heitor, o príncipe troiano, a figura modelar da poesia homérica, que nos revela o que há de melhor no ser humano. Não é por acaso que a obra termina com a morte de Heitor — e não, como se esperaria, com a morte de Aquiles ou com o saque de Troia. Ao funeral de Heitor — e ao verso esmagadoramente lapidar com que termina a narração — se seguirá aquilo que o filósofo alemão Arthur Schopenhauer chamaria mais tarde o vazio do nada? Na perspectiva de Homero, não: segue-se é a memória (que a poesia preserva) de uma vida exemplarmente vivida.

Paradigmáticas são também as outras vidas de que a *Ilíada* nos fala: umas vividas até ao limite, outras abruptamente ceifadas. O que ressalta neste espelho da condição humana é como tantas vezes os homens colocam o inatingível como único objetivo capaz de lhes proporcionar a felicidade. A vida é trágica, mas os autores da tragédia somos nós mesmos. Vezes sem conta na *Ilíada* vemos as personagens esforçando-se por alcançar um desiderato urgente e avassalador cuja possibilidade de concretização de partida não é possível. Aquilo que mais se deseja — aquela condição única e insubstituível para a felicidade — é algo que desde logo está fora do nosso alcance. Essa irracionalidade das paixões humanas não é exclusiva dos seres humanos; também os deuses sofrem da mesma “doença”. Expressiva é a figura da deusa Hera, permanentemente

insatisfeita, porque a condição para ser feliz (o amor exclusivo de Zeus) lhe é sonegada pela natureza cósmica das coisas.

Assim, a *Ilíada* exerce sobre o leitor uma espécie de pedagogia: as cores garridas e sangrentas com que o sofrimento humano é pintado servem para que afinemos o nosso próprio diapásão interior; servem para nos mostrar a loucura dos desejos humanos, ao mesmo tempo que a forma poética, por meio da qual esses desejos nos são veiculados, nos permite vislumbrar aquilo que faz da vida um percurso que, afinal, vale a pena enfrentar: a capacidade que a palavra poética tem de fazer sentido de tudo isto.

Homero começa a *Ilíada* com um apelo à Musa. Esta adaptação começa com palavras que porventura serão mais antigas ainda do que Homero, e que encontramos fixadas no chamado “Mito das cinco idades” dos *Trabalhos e os dias*, de Hesíodo. À exceção desses breves parágrafos introdutórios, o que aqui se lê é o texto da *Ilíada* homérica, tendo o trabalho de adaptação consistido essencialmente no corte de alguns episódios. Arrancar tecido a uma tapeçaria tão bem urdida como a *Ilíada* exige depois um trabalho minucioso na construção de costuras invisíveis (isto é, invisíveis para quem não conheça ainda o poema na sua forma original). Esse foi, pois, o meu trabalho. Quanto mais invisível a mão do adaptador, mais visível o texto de Homero? Espero ter sido fiel a esse lema.

FREDERICO LOURENÇO

FREDERICO LOURENÇO nasceu em Lisboa, em 1963. É ficcionista, professor na área de estudos clássicos na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, doutor em literatura grega e tradutor de Homero. Sua tradução da *Ilíada* foi aclamada por muitos críticos e especialistas e, por sua versão integral da *Odisseia* (publicada em 2011 pelo selo Penguin-Companhia), recebeu o prêmio D. Diniz. Richard de Luchi nasceu na Inglaterra, em 1947, mas vive em Portugal desde 1984. Estudou na Ruskin School of Drawing & Fine Art, da Universidade de Oxford, e na Academia de Belas-Artes, em Roma. É licenciado em história da arte pela Universidade de East Anglia. Expõe regularmente como aquarelista e gravador, e é sócio-fundador da prestigiada Associação de Gravura Água-Forte de Lisboa.

Copyright do texto © Frederico Lourenço e Edições Cotovia,
Lda., Lisboa, 2014
Copyright das ilustrações © Richard de Luchi e Edições Cotovia,
Lda., Lisboa, 2014

Todos os direitos reservados.

Edição apoiada pela Direção-Geral do Livro e das Bibliotecas/
Secretaria de Estado da Cultura.



GOVERNO DE
PORTUGAL

SECRETÁRIO DE ESTADO
DA CULTURA

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa e ilustração da capa CLAUDIA ESPÍNOLA DE CARVALHO

Ilustrações RICHARD DE LUCHI

Preparação ANA MARIA ALVARES

Revisão ISABEL JORGE CURY
NINA RIZZO

ISBN 978-85-438-0692-1

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA CLARO ENIGMA S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 71
04532-002 – São Paulo – SP – Brasil
Telefone: (11) 3707-3531
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br